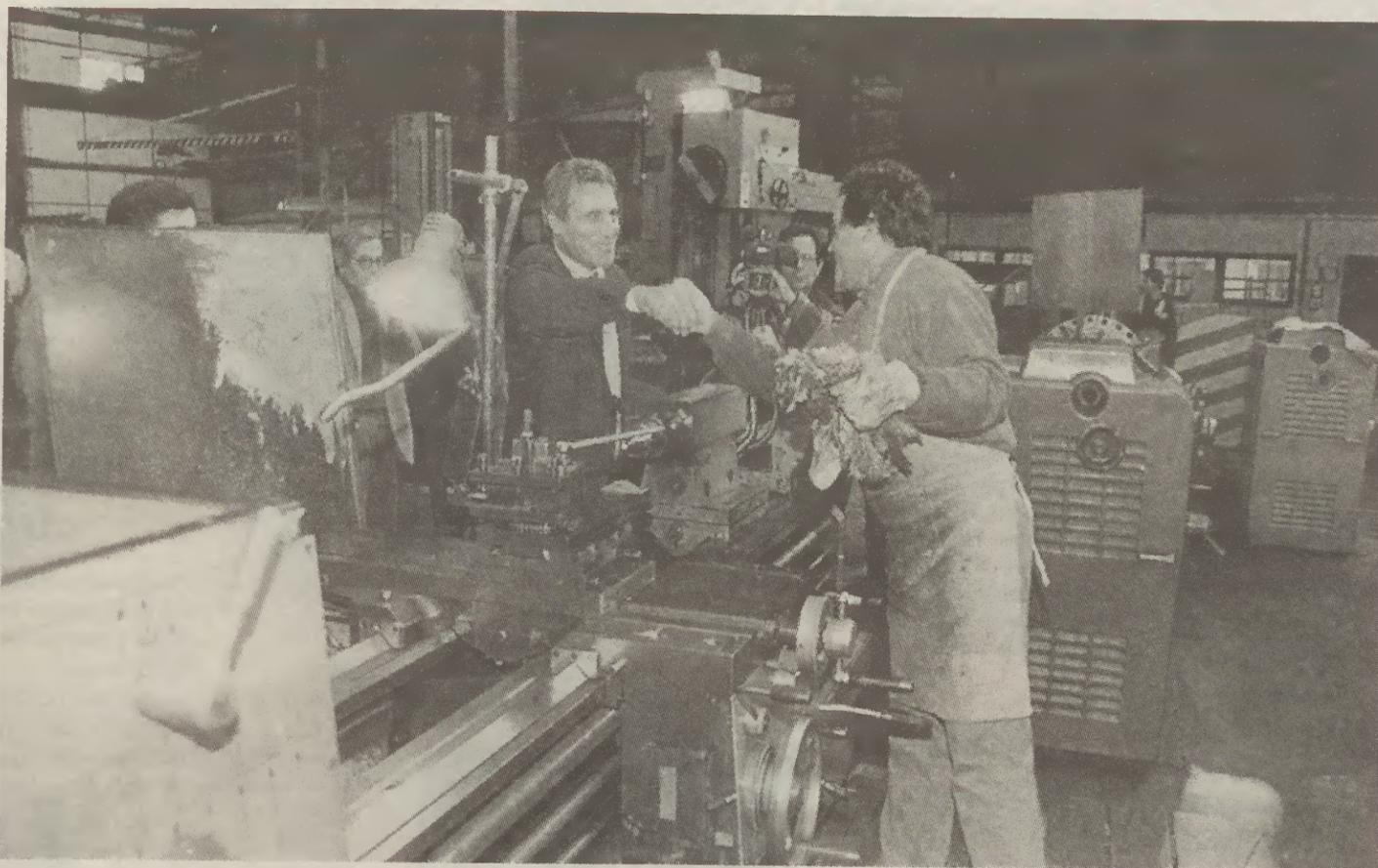


# Avante!

Venda especial do *Avante!* abre hoje nova campanha do PCP

## Ao trabalho!



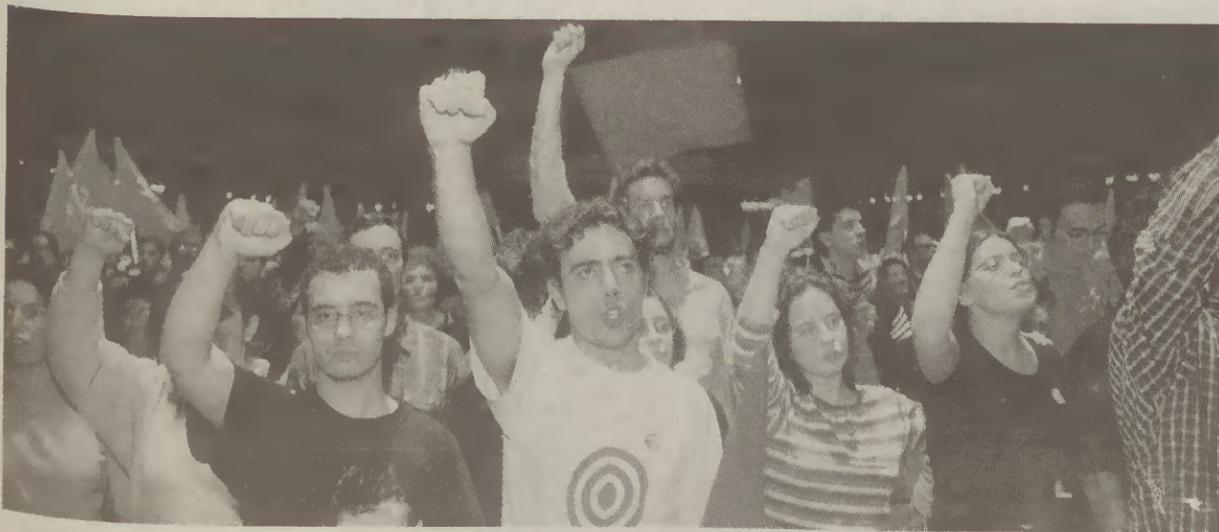
De hoje até ao fim do mês o PCP desenvolve uma série de acções que colocam o enfoque nos problemas dos trabalhadores, na sua mobilização para a luta e na necessidade de reforçar o Partido e a sua organização nas empresas.

Pág. 5

Intervenção de Carlos Carvalhas no comício do Coliseu, em Lisboa

## Ninguém nos pode fechar as portas do futuro

Págs. 15 a 18



Bolsas, cantinas  
e residências  
não chegam para  
todos os estudantes

## Sobreviver no ensino superior

Págs. 14 e 19

Eleições em França

### A direita em risco

A direita recuou nas eleições municipais francesas. Perde nas grandes cidades e poderá perder Paris, um bastião que detém há mais de um século. E arrisca uma derrota em Lyon e Toulouse, que governa há décadas.

Pág. 21

Marcha pela Dignidade

### Marco histórico na luta

A Marcha pela Dignidade Indígena foi recebida em apoteose na Cidade do México, no passado domingo. Vinte mil pessoas, em defesa dos direitos dos índios mexicanos, assinalaram um dia histórico.

Pág. 23

Projecto de lei do PCP

### Construir a igualdade

Dar um novo passo no sentido de eliminar a discriminação e promover a igualdade entre homens e mulheres é um dos objectivos do projecto de lei do PCP que reforça os direitos das associações de mulheres.

Pág. 13

**Avante!**  
Proletários de todos os países  
UNI-VOS!

PROPRIEDADE  
Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO  
Editorial «Avante!», SA  
Av. Almirante Reis, 90,  
7.ª A, - 1169-161 Lisboa.  
Capital social:  
15 000 000\$00.  
CRC matrícula: 47056.  
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 93

E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

Director  
José Casanova

Chefe de Redacção  
Leandro Martins

Chefe Adjunto  
Anabela Fino

Redactores  
Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Lúcia Calapez  
Margarida Folque

Grafismo  
José Araújo

Fotografia  
Jorge Caria  
Sérgio Moraes

Secretaria da Redacção  
Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO  
DISTRIBUIÇÃO ADE's  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa  
Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTAPRESS  
Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linhó - 2710 Sintra  
Tel. 21 923 99 21  
Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS\*  
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL  
(Continente e Regiões  
Autónomas)  
50 números: 8 100\$00  
25 números: 4 200\$00

EUROPA  
50 números: 21 850\$00

EXTRA-EUROPA  
50 números: 30 600\$00

GUINÉ-BISSAU,  
S. TOMÉ E PRÍNCIPE  
e MACAU  
50 números: 23 000\$00

\*Enviar para  
Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

Composição e impressão  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Raso  
2710 - 139 Sintra  
Depósito legal n.º 205/85



O Coliseu dos Recreios foi pequeno para festejar o 80.º aniversário do PCP

## Resumo

### 7 Quarta-feira

O Governo português apela à comunidade internacional para que disponibilize meios alternativos para a operação em Entre-os-Rios ● O responsável pelo departamento de despistagem da febre aftosa no Aeroporto Francisco Sá Carneiro afirma que a medida de precaução do pedilúvio não é cem por cento fiável ● O Conselho Nacional de Resistência Timorense e a polícia civil das Nações Unidas evitam atentado contra Xanana Gusmão e Taur Ruak ● São detidos em Macau mais dois indivíduos envolvidos no caso do rapto do advogado português Neto Valente.

### 8 Quinta-feira

Festeja-se o Dia Internacional da Mulher com iniciativas promovidas pela Comissão Nacional de Mulheres da CGTP e pelo MDM ● São encontrados na costa da Finisterra, em Espanha, quatro corpos da tragédia da ponte de Entre-os-Rios ● O Tribunal de Justiça das Comunidades Europeias considera ilegal a cobrança do IVA na portagem da Ponte 25 de Abril ● O director do Serviço 4 de Cirurgia do Hospital Curry Cabral, João Pena, diz que este serviço «não oferece condições de segurança» e pede o seu encerramento.

### 9 Sexta-feira

Comício no Coliseu dos Recreios comemora, em Lisboa, 80.º aniversário do PCP ● Jorge Sampaio assume o seu segundo mandato como Presidente da República ● O ministro demissionário do Equipamento Social, Jorge Coelho, envia para o procurador-geral da República o processo relativo à ponte de Entre-os-Rios ● O ex-secretário de Estado, Luís Patrão, e o presidente da Câmara da Amadora, Joaquim Raposo, são citados no caso «Monterroso», como estando envolvidos no relacionamento entre uma empresa e a campanha eleitoral do PS em 1993 ● Ariel Sharon afirma-se disposto a encontrar-se com Yasser Arafat.

### 10 Sábado

Pedro Serra é indicado pelo novo ministro do Equipamento, Ferro Rodrigues, para suceder a António Martins na liderança do IEP ● Vem para Portugal o corpo da última vítima do acidente da ponte da Entre-os-Rios encontrado na costa da Galiza ● Mais cinco portugue-

ses desaparecem em Cabinda ● Inicia-se a substituição dos membros da *Expedição 1* a bordo da estação espacial *Alpha* ● No Pavilhão Atlântico, Rui Silva vence os 1500 metros e ganha a primeira medalha de ouro para Portugal.

### 11 Domingo

No Seixal, durante o almoço de comemoração dos 80 anos do partido, Carlos Carvalhas, responsabiliza o Governo pelo endividamento das famílias e pelo défice económico ● Realizam-se em França as eleições municipais, marcadas por uma abstenção que ronda os 34 por cento ● O primeiro-ministro da Sérvia, Zoran Djindjic, defende destruição das «raízes do terrorismo albanês» no Kosovo para que não continuem a «existir grupos extremistas» ● Na Grã-Bretanha são detectados mais 25 focos de febre aftosa, elevando para 164 o total de animais infectados.

### 12 Segunda-feira

O Ministério Público acusa o presidente do IPPAR de «conduta ilegal e violadora» ● O Governo garante continuar a desenvolver esforços para a libertação dos oito cidadãos portugueses raptados em Cabinda ● Os líderes da guerrilha albanesa do sul da Sérvia e a Jugoslávia assinam, sob a égide da NATO, um acordo de cessar-fogo para pôr termo à tensão nos Balcãs ● O Partido da Renovação Social substitui o primeiro-ministro Caetano Intchamá e provoca uma nova crise política na Guiné-Bissau ● Os estudantes da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto montam uma sala de aulas nos jardins, em sinal de protesto por partilharem as instalações com os alunos de Direito.

### 13 Terça-feira

Deputados socialistas voltam a adiar conclusão da lei da liberdade religiosa ● Presidente da República recebe, no Palácio de Belém, 29 especialistas em questões relacionadas com a sida ● Ministro da Agricultura proíbe a entrada em Portugal de animais ou carne de origem francesa ● Após onda de violência, são transferidos para Díli, professores e voluntários das Nações Unidas que estavam em Viqueque, entre eles dez portugueses ● A pedido de Pyongyang, da Coreia do Norte, são adiadas as negociações ministeriais entre as duas Coreias ● No espaço de uma semana, desabam em Espanha dois prédios e uma ponte.

## Aconteceu

### Fecho no Curry Cabral?

O serviço 4 de Cirurgia do Hospital Curry Cabral «não oferece condições de segurança». Quem o afirma é João Pena, director do serviço.

Ainda de acordo com este médico, o serviço 4 deveria ser encerrado devido ao estado de degradação ter atingido o limite de segurança e pôr em perigo tanto os doentes como os profissionais de saúde.

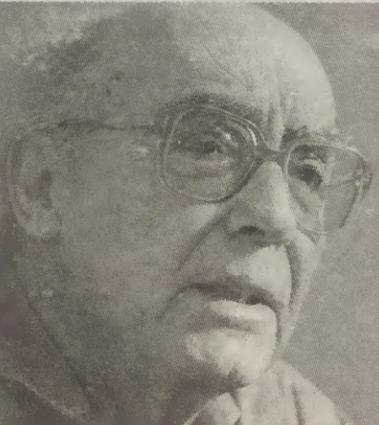
João Pena afirma também num documento enviado à ministra e à presidente da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo que «o Serviço de Cirurgia de um hospital central, na

sua versão mais moderna, não se reconhece na unidade de Curry Cabral».

Porém, a presidente da ARSLVT, Manuela Silva, recusou o pedido de encerramento feito pelos médicos, por considerar que, dada a importância desta unidade, ele não se enquadrava no espírito do serviço público. Manuela Silva garante ainda que no que se refere à construção do novo edifício, as «obras vão efectivamente avançar». Mas, segundo João Pena, as mesmas obras podem atrasar com a revisão do projecto funcional.



### Saramago com zapatistas



O subcomandante Marcos, líder do Exército zapatista da Libertação Nacional, entrou juntamente com os seus companheiros na Praça Zócalo, no centro da cidade do México.

Nesta praça, que é um símbolo das principais manifestações políticas, estavam cerca de 150 mil pessoas para apoiarem a entrada da caravana zapatista.

José Saramago, Pablo González Casanova, Alain Touraine, Elena Poniatowska, entre outros intelectuais, fizeram questão de estar presentes e saudar o EZLN. O Prémio Nobel da Literatura discursou. Referindo este dia como sendo

«um dos mais felizes e emotivos» da sua vida, Saramago

Na passada semana a ponte de Entre-os-Rios desabou levando consigo um



## Luís Calado acusado pelo Ministério Público

O presidente do Instituto Português do Património Arquitectónico, Luís Calado, foi acusado pelo Ministério Público de «conduta ilegal e violadora» das normas legais.

A origem desta acusação está no pagamento que o IPPAR efectuou à empresa Reimidas a título de indemnização por suspensões parciais da obra de ampliação e restauração da sede da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva.

O Ministério Público alega que as suspensões dos trabalhos apenas

ocorreram entre 19 de Março e 15 de Maio de 1996, tendo a firma adjudicatária solicitado a indemnização em Outubro desse ano.

Porém, Luís Calado decidiu atribuir a indemnização respeitante aos meses de Fevereiro e Junho a Setembro de 1996, além de parte dos meses de Março e Maio do mesmo ano.

Luís Calado diz que «não há motivos para o Tribunal de Contas persistir nestas acusações» e afirma estar disposto a «esclarecer tudo quanto for preciso».

## Substituições na estação «Alpha»

Já chegou a bordo da estação *Alpha* a tripulação que vai substituir a *Expedição 1* que se encontra em órbita há quatro meses.

A *Expedição 2* foi transportada pelo vaivém *Discovery* que conseguiu acostar à estação espacial com algumas horas de atraso em relação à hora prevista.

Depois de ter procedido à atracagem, a tripulação do vaivém pode finalmente confraternizar com a *Expedição 1* que completava 130 dias no espaço.

Esta expedição tem como objectivo a construção da primeira casa no espaço e que tem o seu acabamento agendado para 2006. Esta casa será habitada rotativamente por americanos e russos até à finalização da estação espacial.

Esta é pois a primeira rotação de tripulação que só foi considerada efectuada quando o americano Bill Shepherd foi rendido pelo russo Iuri Usachev.

## Para quando os investimentos em Castelo de Paiva?

autocarro de excursão e alguns carros ligeiros. Esta tragédia enlutou o país que assistiu à morte de várias famílias.

Foi necessária esta tragédia para que o Governo decidisse actuar neste campo criando uma comissão de inquérito ao acidente de Entre-os-Rios.

Mas Paulo Teixeira, presidente da Câmara de Castelo de Paiva, não aceita o facto desta comissão estar a funcionar tão longe do local acidentado. Recusando-se mesmo a participar de uma reunião com a comissão de inquérito alegando ter ido muitas vezes a Lisboa «pedir uma nova ponte» e recusar-se neste momento voltar a Lisboa para «dizer que a ponte caiu».

O presidente da Câmara de Castelo de Paiva exige ao primeiro-ministro «um sinal claro» de que as promessas de investimento público no concelho não vão ficar no papel e pede um contrato-programa com valores e prazos.

## Crónica Internacional

● Albano Nunes

# Afeganistão

Nos últimos dias, o Afeganistão voltou a ser «notícia». O propósito anunciado pelos «taliban» de destruir as esculturas de Buda de Baniyan provocou justificado sobressalto, nomeadamente nos meios culturais. Na ONU voltou a falar-se de «sanções» a Kabul. A UNESCO, a agência das Nações Unidas para a Educação e a Cultura que os EUA ainda não conseguiram liquidar, fez-se ouvir em defesa daquele precioso património da Humanidade. E o Metropolitan Museum de Nova Iorque, com agudo sentido de oportunidade, propôs-se adquirir as estátuas de Buda que a loucura fundamentalista fascista do mullah Ohmar Mujahid e seus sequazes ameaça destruir.

É sem dúvida importante preservar os grandes testemunhos da criação artística e do génio humano, sejam as estátuas de Buda no Afeganistão ou quaisquer outros. Mas não é menos importante lançar luz sobre as causas da situação dramática do Afeganistão, em que a questão das majestosas esculturas de Baniyan se insere. Um país mergulhado num incrível atraso tribal e feudal. Em que lutas fratricidas e guerras intestinas provocaram terríveis sofrimentos à sua população multinacional e tornaram Kabul e outras belas cidades num amontoado de escombros. Em que pela mão dos chamados «taliban», os famosos «estudantes de teologia», se tenta implementar uma ditadura particularmente reacçãoária e obscurantista. Em que diferentes clãs, máfias e senhores da guerra disputam o tráfico de ópio, de que o país se tornou o principal exportador mundial.

**Os «taliban» foram organizados, doutrinaados e armados pela CIA**

Paquistão pela estreitíssima cooperação dos EUA com sucessivos governos paquistaneses. Os «taliban», como outros grupos de «moujahidin», foram organizados, doutrinaados e armados pela CIA para liquidar no Afeganistão todas e quaisquer veleidades democráticas e progressistas. O

imperialismo, que nunca se conformou com a existência deste país independente e praticando no essencial uma política de neutralidade e boa vizinhança com a URSS, passou abertamente ao ataque quando, em Abril de 1978, o Partido Democrático Popular do Afeganistão conquistou o poder em Kabul e, a pretexto do apoio militar soviético ao governo afegão, lançou-se numa escalada intervencionista que criou em torno deste país um dos principais focos de tensão internacional.

A derrota das forças progressistas teve as dramáticas consequências que aí estão. Conduzindo a sua brutal ingerência no Afeganistão em nome da «soberania nacional» contra a «invasão soviética», o que o imperialismo norte-americano tem procurado, com o concurso do Paquistão, da Arábia Saudita e da reacção árabe em geral, é a imposição de um regime títere, obscurantista e totalitário que sirva os seus interesses na região. A importância geoestratégica do Afeganistão é bem conhecida. Não por acaso a sua história está pontuada de grandes lutas nacionais, nomeadamente contra as tentativas da Grã-Bretanha e da Rússia czarista, de ocupação e colonização do país. Ora é isso que hoje está finalmente a acontecer, facilitando o acesso às jazidas petrolíferas da Ásia Central e criando uma base avançada do imperialismo não apenas em relação aos países da ex-URSS, mas também ao Irão, à Índia, à China.

O imperialismo procura lavar as mãos da tragédia do povo afegão, demarcando-se formalmente da política obscurantista dos «taliban». Os EUA chegaram mesmo, em Agosto de 1998, a bombardear o Afeganistão (e Sudão) reclamando a entrega de Osama bin Laden, o seu «terrorista de estimação», e reclamaram o «endurecimento das sanções». Nada disto porém altera a realidade de que os «taliban» são criação e instrumento seus, integrados na sua estratégia de domínio planetário.

## Editorial

# VIVO E BEM VIVO

Em centenas de iniciativas promovidas pelas organizações do Partido em todo o País, muitos milhares de militantes e simpatizantes comunistas têm vindo a comemorar o 80.º aniversário do PCP. É natural que assim seja. Com efeito muitas e conhecidas são as razões para que os comunistas portugueses comemorem massivamente e com satisfação, confiança e orgulho, este aniversário do seu Partido. E a forma como as comemorações estão a decorrer – relembrando o passado, dando resposta ao presente, preparando o futuro – confirmam o PCP como um partido consciente das suas fraquezas e das suas forças, das suas dificuldades e das suas potencialidades, enfim, um partido à altura das exigências deste século XXI agora iniciado.

É certo que os comunistas portugueses – tal como os comunistas de todo o Mundo – vivem hoje um tempo difícil, um tempo que lhes coloca desafios e tarefas de enorme complexidade e dimensão. Mas é igualmente certo que são muitas as potencialidades e possibilidades de enfrentar com êxito a situação actual. Os oitenta anos de vida e de luta do PCP contêm múltiplos exemplos de como, com coragem, lucidez,

“São muitas as potencialidades e possibilidades de enfrentar com êxito a situação actual”

determinação, confiança e firmeza de princípios, é possível superar os maiores obstáculos e dificuldades. E as conclusões desse momento importante da história do PCP que foi o recente XVI Congresso – nomeadamente reafirmando o Partido na sua identidade e no seu projecto; definindo linhas de orientação visando o seu reforço orgânico e o reforço da sua expressão social, eleitoral e política; apontando caminhos para o combate à política de direita e para a concretização de uma alternativa de esquerda – dão mais força à luta dos comunistas e criam melhores condições para travar as batalhas do presente e do futuro.

Por tudo isto, não surpreende a forma como a generalidade da comunicação social tratou este 80.º aniversário. Os critérios informativos dominantes desnudaram-se num despidorado *streap-tease*, exibindo-se na sua plenitude: o facto de o PCP comemorar oitenta anos de vida – cerca de cinquenta dos quais vividos na clandestinidade e sob a repressão fascista – não é acontecimento digno de registo. Assim, por exemplo, um comício no Coliseu dos Recreios com casa cheia... não é notícia: os jornais dedicaram-lhe um espaço menor do que dão a qualquer iniciativazinha de qualquer dos outros partidos, e das televisões apenas a RTP1 lá esteve – mas, mesmo assim, mais para efeitos estatísticos do que para informar quem tinha o

direito de ser informado, como o demonstra o facto de a reportagem ter sido relegada para noticiários secundários. Assim – outro exemplo – um jornal dedica meia dúzia de páginas... não ao aniversário do PCP mas a uma sucessão de textos, constituindo um compacto com contornos provocatórios, e com os quais pretende seguir «o percurso e o papel de doze personalidades que acabaram atropeladas pela história das lutas internas do partido». E ressaltando honrosas excepções, os órgãos de comunicação social comemoraram o 80.º aniversário cumprindo com galhardia a tarefa de difundir inqualificáveis falsidades sobre a situação actual do PCP.

Convenhamos, no entanto, que nem tudo é negativo nessas leituras enviesadas e envenenadas sobre o PCP. Na verdade, os que, a propósito deste 80.º aniversário, escreveram o que escreveram e disseram o que disseram são, ao fim e ao cabo, os mesmos que, por diversas vezes, anunciaram estrondosamente a morte e o funeral do Partido – o que permite supor que as apreciações agora produzidas constituem manifestações autocríticas resultantes da constatação pelos respectivos escribas de que, afinal, o «morto» está vivo...

E está: vivo e bem vivo. As comemorações em curso são disso um exemplo concludente – quer pelo número de participantes e pela sua elevada consciência política, ideológica e de classe; quer pelo entusiasmo, pela alegria e pela confiança reveladas; quer pela disponibilidade militante manifestada; quer pela determinação assumida de dar resposta às muitas exigências que a situação impõe; quer pelo orgulho expresso de, enquanto militantes do PCP, serem os legítimos herdeiros e continuadores dos milhares e milhares de homens, mulheres e jovens que ao longo de muitos anos dedicaram as suas inteligências, as suas capacidades, as suas coragens, as suas vidas à construção deste Partido.

Tudo o que acima fica dito não pretende iludir nem dourar as dificuldades e os obstáculos que se nos deparam. É indispensável sublinhar, no entanto, que nestas oito décadas – e, de uma forma muito particular, no período da luta antifascista – estão as raízes da força e da confiança com que encaramos o presente e procuramos continuar a construir o futuro.

Como afirmou o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, no comício do Coliseu, «os 80 anos de uma vida intensamente vivida e de uma luta apaixonadamente travada, só por si, podem não dar resposta a todas as interrogações do presente e do futuro, podem não ser a solução para todos os problemas e desafios que temos pela frente, podem não ser a receita milagrosa para as dificuldades que temos de vencer hoje e amanhã. Mas representam sem dúvida um valioso e insubstituível património de experiência, de luta e sobretudo de enraizamento social e nacional que constitui um grande estímulo para a nossa acção empenhada e criadora para fortalecer o nosso Partido e dar corpo às resoluções do nosso XVI Congresso e um inestimável factor de confiança para os combates que os comunistas portugueses vão travar neste novo século».

## Actual As aparências do mérito

• José Casanova

Um dia destes – precisamente no dia 26.2.2001 – por mero acaso, deparou-se-me, no suplemento «Economia» do «Público» um texto, aliás interessante, intitulado «Bombas sobre Bagdad para salvar a Bolsa», assinado por «Francisco Louçã, deputado do BE». Começava assim: «Na sexta-feira, dia 16 de Fevereiro...» - após o que descrevia a turbulência que assolara a dita Bolsa no dito dia e destacava algumas das consequências maiores daí decorrentes. Depois, como o título sugeria, o texto – que confirma o reconhecido mérito do autor – estabelecia a ligação entre essa crise da Bolsa e os bombardeamentos efectuados nesse mesmo dia sobre Bagdad e sublinhava o disparo imediato das cotações das empresas petrolíferas e de armamentos.

Dias depois, nova-

mente o acaso coloca-me à frente dos olhos um texto intitulado «Bombardeamento de Bagdad protela incerteza financeira», assinado por «Michel Chossudovsky, Professor de Economia da Universidade de Otava». Começava assim: «Na sexta-feira, dia 16 de Fevereiro...» - após o que, seguindo o trilho de Louçã, chegava às mesmíssimas conclusões, com a particularidade de repetir *ipsis verbis* palavras, frases e parágrafos inteiros do texto do deputado do BE.

Que grande bronca!, desabafei, então não é que o Chossudovsky plagiou o Louçã?, então anda o deputado bloqueado a espremer as meninges, a esbanjar o seu reconhecido mérito produzindo análises soberbas e suculentas que o «Público» tem a honra de dar à luz e chega um professorzeco

qualquer e zás, fana-lhe a análise, copia-lhe o texto e toca de difundi-lo (como se seu fosse e sem citar Louçã), despachando-o pelas interméticas auto-estradas da informação?, não há direito!, este Chossudovsky – que se comporta como aqueles pássaros preguiçosos que, gastando o tempo no doce ripanço, não cuidam de fazer ninho próprio e, quais parasitas, põem depois os ovos em ninhos alheios – tem que ser desmascarado como um plagiador despudorado.

É verdade que, como já alguém me disse, há aqui um pequeno pormenor a ter em conta: o texto de Chossudovsky foi escrito uma semana antes do de Louçã... pormenor que pode colocar a questão de saber quem é o quê em matéria de plagiador e plagiado...

Seja como for, o mérito de Louçã não está em causa: como dizia La Rochefoucauld há uns séculos, «o mundo recompensa com maior frequência as aparências do mérito do que o próprio mérito».



## Até ao próximo

• Vítor Dias

Não vale a pena escrevermos, em curto e em pior, o que, em extenso e melhor, outros – designadamente António Barreto e Joaquim Fidalgo no «Público» - já escreveram sobre e contra os excessos dos «media» na cobertura e tratamento da tragédia de Entre-os-Rios, que desta vez até Emídio Rangel também fustigou, embora para atingir sobretudo a concorrente TVI que, de facto, vai passando todas as lamentáveis marcas que antes outros atingiram.

Mas talvez valha a pena alinhar modestamente algumas observações complementares.

A primeira destina-se a registar a forma rápida como, face às críticas formuladas e à indignação manifestada, vários órgãos de informação correram a rejeitar generalizações que consideraram injustas. Ou seja, como já se desconfiava, os «media» adoram fazer quotidianamente generalizações injustas sobre «os partidos» e «os políticos» mas não gostam que lhes façam o mesmo.

A segunda tem em vista anotar que, entre as televisões terá havido graus diversos de falta de bom senso, contenção e respeito humano, mas todas entraram no desvario dos «directos» de horas, na realidade «directos» para quase nada, mas directos que, por o serem, potenciaram não apenas avulsas patéticas, que é o menos, mas a expansão da tensão e do sofrimento, que é o mais.



A terceira propõe-se colocar a seguinte questão: infelizmente, e contra tantas expectativas imprudentemente criadas, não se encontrou o autocarro e, conseqüentemente, não houve recuperação no local previsto dos corpos das vítimas; mas se tem havido uma e outra coisa, com tantos «directos» às operações de mergulho, é quase certo que teríamos tido nas televisões as imagens da recolha dos cadáveres, admitindo-se quanto muito que, ao terceiro ou quarto, talvez as câmaras se voltassem pudicamente para as margens do rio ou para o céu.

A quarta observação, que deve ser relativizada face à quinta e última, é para perguntar se as antologias, em vídeo-cassete, destes e de anteriores desvarios e barbaridades fazem parte dos cursos de comunicação social, ainda que com algum prejuízo para sofisticadíssimas teorias da comunicação.

E, por fim, a este respeito é preciso deixar de falar só da responsabilidade «dos jornalistas» e falar mais das responsabilidades concretas daqueles jornalistas que são directores, chefes de redacção e editores e da lógica do sistema que governam. Porque, embora seja uma das verdades mais ocultadas, na comunicação social há hierarquias e centralismo «tout court».

E sem que a esse nível também alguma coisa mude, estaremos apenas a despedirmo-nos até ao próximo grande «caso».

## Tomada de posse indiscreta

• Aurélio Santos

Levaria mais tempo a dizer do que tenho linhas para escrever. Pouparei sílabas e engolirei ideias a dizer talvez noutros dias de espaço.

Prometeu-se uma cerimónia discreta de posse do Presidente da República. Claro que foi protocolarmente reduzida. Até aí, pelo que vimos ou ouvimos, chegamos nós todos. Mas apetece para-freasar Augusto Gil na «Balada da Neve»: Mas este povo, senhores, por que lhes dais tanta dor e por que padece assim?

Pode ser desencorajante - e desencorajador - a técnica política de um discurso com afirmação abstracta de princípios que todos julgamos justos, quando não acompanhados de um projecto concreto para os efectivar.

Sob um cenário pretendido ultradiscreto o presidente da AR foi como sempre filosófico. Mas não basta citar Tocqueville, que aliás se enganou em todas as suas apostas quanto ao futuro da então jovem democracia norte-americana, para andar em busca de um pretexto explicativo da razão pela qual o Esta-

do português deve aceitar a soberania do Tribunal Penal Internacional, evidentemente a querer abater cabeças simplesmente antiamericanas. Aí, o presidente da AR foi exemplar na sua escolha de princípios: embora lhe repugne a pena de prisão perpétua, há muito não existente na legislação penal portuguesa, do mal o menos - adira-se ao TPI...

Sampaio também fez discurso aplaudido. O certo é que manteve questão de honra em afirmar, naquele acto solene, o sustento das alianças e compromissos internacionais do Estado português. Traduzindo para a nossa língua: a subserviência à NATO e aos Estados Unidos que todos sabemos que nela mandam; a obediência às ordens da UE em detrimento da nossa economia já anemicamente atrasada; e a participação das nossas forças armadas num corpo

armado europeu, que mais não passará de outro apêndice do que mandarem os norte-americanos. Com a complementar aceitação da política nacional que aos parâmetros dos conceitos de «neoliberalismo» e «globalização» se tem subordinado.

Indiscretamente, estes discursos revelaram uma insanável contradição entre as preocupações enunciadas quanto à evolução da situação nacional e internacional e a resignada submissão às causas dessa situação, ou seja: as orientações e imposições políticas que a ela conduzem. Não é assim que se olha para longe.

O ministro José Sócrates afirmou que o PR «puxou o ânimo do País» no seu discurso de posse. Mas penso que importa concluir em sentido inverso: se não for o País a «puxar o ânimo» destes nossos mandantes, eles continuarão a fazer uma política perigosamente inanimada.



## Frases

“Quando geriu o negócio da TAP que falhou estrondosamente e a oposição lhe reclamou a cabeça – o ministro [Jorge Coelho] não se demitiu. Quando o metro resolveu sorver Tejo até meio de Lisboa e a oposição apresentou a bandeja à altura do pescoço do ministro por não terem sido feitos estudos sobre as apetências hidrófilas dos túneis ribeirinhos – ele não se demitiu. Quando não se sabe qual a culpa [pela queda da ponte no Douro] – ele demite-se.”

(Óscar Mascarenhas, *Diário de Notícias*, 07.03.01)

“Mas, então, para que é o rigoroso inquirido, se já se sabe que mais ninguém pode ter culpa, uma vez que não existe quem tivesse a incumbência de vigiar a ponte?”

(idem, *ibidem*)

“Nenhuma ponte cai sem avisar”

(Luís Miguel Viana, *Público*, 08.03.01)

“A confiança dos portugueses na administração do Estado caiu com a ponte sobre o rio Douro.”

(António Ribeiro Ferreira, *Diário de Notícias*, 09.03.01)

“O Governo pode esconder – e, de facto, esconde – o que bem lhe apetece aos portugueses. Vive em segredo e, muito pior, vive do segredo. Não presta contas, foge à inspecção – cala ou até mente. No fundo, não se desviou um milímetro das velhas tradições salazaristas”

(Vasco Pulido Valente, *idem*)

“O preço do populismo e da demagogia nem sempre é facilmente verificável, a não ser quando há uma tragédia e percebe-se que, por trás dela, há um conjunto de actos que sabem a propaganda, a reeleição, a protagonismo e nada de construído, que fique, que resista.”

(José Pacheco Pereira, *Público*, 08.03.01)

“Portugal entrou no século XXI com o século XIX às costas. Enfeitou o cadáver. Mas um cadáver enfeitado nunca deixa de ser um cadáver.”

(João Pereira Coutinho, *O Independente*, 09.03.01)

“A urgência nacional é uma revolução de mentalidades, uma batalha pela qualidade, pela responsabilidade. Uma batalha em que, obviamente, o Estado deverá ter papel exemplar.”

(João Morgado Fernandes, *Diário de Notícias*, 10.03.01)

“Servir o exército americano é perigoso, e por isso perdemos militares.”

(Presidente George W. Bush comentando a morte de cinco militares norte-americanos vítimas de uma bomba largada acidentalmente no Koweit por um caça também norte-americano, *Diário de Notícias*, 13.03.01)

“A acção do actual Ministério da Saúde é também a tentativa de aplicação do modelo de “fundações” aos hospitais públicos, com a sua transformação em empresas públicas de direito privado. Esta foi a fórmula de Thatcher para destruir a actividade sindical em vários sectores laborais, com incidência no sector da saúde, e entregar os hospitais a poderosos círculos económicos.”

(Mário Jorge, presidente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul/FNAM, *idem*)



Nas lutas de todos os dias o PCP está com os trabalhadores, sem esperar pelas campanhas eleitorais e sem faltar aos compromissos que assume, unindo, organizando e estimulando a luta por salários melhores e emprego com direitos

Venda especial do Avante! abre hoje nova campanha do PCP

# Ao trabalho!

**A**té ao fim do mês, o Partido desenvolve uma série de acções que colocam o enfoque nos problemas dos trabalhadores, na sua mobilização para a luta e na necessidade de reforçar o PCP e a organização partidária nos locais de trabalho. Nestas duas semanas, os comunistas vão dizer bem alto «Ao trabalho!» – fazendo um brinde pelos 80 anos do Partido, e também deitando mãos à obra, num sempre renovado esforço para que o PCP seja cada vez mais o partido dos trabalhadores.

Neste Avante!, cuja venda militante marca o arranque de uma campanha também em tempo de aniversário do órgão central do PCP, Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política, fala sobre os objectivos da iniciativa e a importância de «ir lá», como passo importante para «estar lá», «sempre do lado de quem trabalha».

## Persistir com resultados

Questionado sobre se a realização de mais esta campanha é levada a cabo devido a alguma apreciação negativa dos resultados obtidos em iniciativas do género anteriores, Jerónimo de Sousa responde que a decisão foi tomada «precisamente por as campanhas anteriores terem atingido os objectivos propostos, no quadro da actividade e iniciativa de um

partido que não aguarda considerando eleitorais para fazer o contacto com os trabalhadores».

## Vítor Constâncio tentou fazer um ensaio geral para atacar os salários no próximo OE

ênica social e de classe, fortalecendo a sua organização», pois «a vida demonstra que não basta ir-lá, é preciso estar lá, nas empresas e locais de trabalho, numa perspectiva de reforço da implantação e da organização do PCP».

Isso tem sucedido nas campanhas anteriores, salienta o dirigente comunista, contando que «os nossos camaradas são saudados, por sermos os únicos que vamos ao encontro dos trabalhadores fora dos períodos eleitorais». Nota ainda que «estes contactos com os trabalhadores reflectem-se também,

muitas vezes, em iniciativas legislativas do Partido na AR», sendo este «um caminho que deveremos continuar a aprofundar»: valorizar a acção de massas e traduzir as suas aspirações e reclamações na acção institucional, o que potencia o próprio desenvolvimento da acção de massas.

A campanha que hoje se inicia decorre num quadro diferente, do qual Jerónimo de Sousa aponta dois traços essenciais:

– comemora-se «80 anos de vida de um partido dos trabalhadores, que surgiu como necessidade histórica de uma classe», e 70 anos do Avante!, «jornal que sempre constituiu um ponto de informação, mobilização e estímulo das lutas dos trabalhadores»;

– na Assembleia da República «vão ser apresentadas novas iniciativas legislativas, direccionadas para o mundo do trabalho, que reclamam divulgação e apoio dos trabalhadores e suas organizações».

Na área do combate à sinistralidade e pela segurança no trabalho, é aberta «uma linha de trabalho inovadora».

Por um lado – adianta o responsável, na Comissão Política, pela área do movimento operário, sindical e questões laborais –, «milhares de sinistrados do trabalho têm sido simultaneamente esquecidos e espoliados do direito a pensões justas, permitindo de forma escandalosa que as segura-

doras transformem esta actividade num negócio lucrativo, à custa do sofrimento dos trabalhadores». O PCP

balho, de modo que também obrigue o Governo a apresentar anualmente um relatório sobre sinistralidade.

competitividade das empresas exige já, não só a contenção, mas até a redução dos salários, procurando estabelecer uma dicotomia entre níveis de emprego e salários, ou seja, no essencial, voltam ao velho objectivo do capital de mutilar o direito a salários justos».

«Isto pode constituir um ensaio geral para, no próximo Orçamento do Estado, atingir os salários dos trabalhadores da Administração Pública», alerta, enquanto denuncia, como efeito imediato de tais declarações, o bloqueamento da negociação colectiva em sectores como os bancários, os têxteis, o vestuário, os curtumes, a construção civil, a indústria gráfica...

Neste contexto, em que «os trabalhadores de vários sectores e empresas estão mobilizados e em luta, destacando-se a administração local» e a grande manifestação nacional marcada para ontem, o PCP considera «de grande justiça» a decisão da CGTP de convocar para 24 de Março uma jornada nacional, com manifestações em Lisboa e no Porto. «Na mobilização para essa jornada, os comunistas devem empenhar-se, para uma vasta participação dos trabalhadores que lutam por melhores salários, por mais direitos, por um sector público eficaz e serviços públicos de qualidade», apela Jerónimo de Sousa.

# Sim, é possível!

## Melhores Salários Mais Segurança

Sempre do lado  
de quem trabalha

www.pcp.pt

vai propor na AR que sejam adoptadas medidas para a revalorização das pensões dos sinistrados do trabalho e para alteração da actual legislação sobre a remição obrigatória das pensões de baixo valor.

Por outro lado, os comunistas vão levar ao Parlamento a proposta de criação de um Dia Nacional da prevenção, higiene, saúde e segurança nos locais de tra-

O direito a melhores salários é hoje «uma batalha fundamental com nova actualidade». Jerónimo de Sousa acusa «a política salarial do Governo, as declarações do Governador do Banco de Portugal e antigo ministro das Finanças, e um conjunto de opiniões de economistas defensores do neoliberalismo» de provocarem o surgimento de «uma tese defendendo que a

## Campanha do PCP

## Especial atenção à juventude

Problemas centrais que hoje se colocam à juventude trabalhadora, em particular as questões da precariedade, vão ser colocados no próximo domingo, dia 18, no salão da Junta de Freguesia de Alcântara, em Lisboa, na iniciativa do Partido e JCP que ali vai decorrer, no quadro da campanha, sob o lema «geração do futuro no trabalho com direitos».

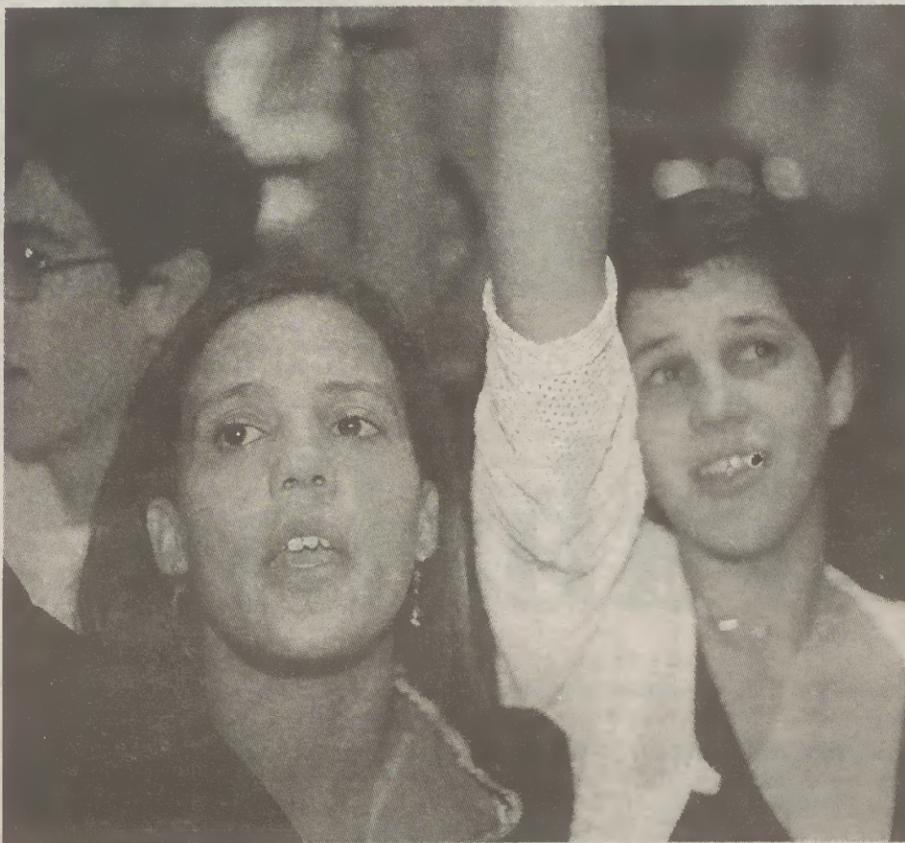
Num momento em que cada vez mais jovens – e também mulheres – são sujeitos a contratos a prazo, trabalho temporário, trabalho a tempo parcial, trabalho à peça, à hora, à tarefa, à empreitada, torna-se particularmente sentida «a necessidade de travar esta linha da precariedade, que devia ser uma excepção e se torna regra geral», refere Jerónimo de Sousa, sublinhando que, para o PCP, «não há progresso, não há qualidade do emprego na base da precariedade geral dos vínculos laborais» e que «a esta luz deve ser considerada a nossa iniciativa sobre contratos a prazo, para que a um posto de trabalho permanente corresponda um trabalhador com vínculo efectivo, com a necessária formação e qualificação profissional, e para que sejam combatidas as ilegalidades que hoje grassam em centenas de empresas».

Estes objectivos vão ao encontro dos que são apontados pela CGTP e a Interjovem, na campanha que também estão a desenvolver em que denunciam a precariedade como «vergonha nacio-

nal». «Não se trata de uma repetição, mas de um contributo do Partido para dar combate a um flagelo crescente», afirma o dirigente comunista.

Ao dar uma especial atenção, nesta campanha, às questões da juventude, «procuramos elevar a consciência de classe dos jovens trabalhadores e trazê-los para a luta organizada em torno dos seus interesses e direitos». Jerónimo de Sousa afirma que «a direita e o capital conseguiram criar um equívoco, afirmando que há um conflito de gerações, mesmo no plano do emprego, quando o que se verifica é um ataque ao actual edifício jurídico-laboral, onde está consagra-

do um legado de direitos conquistados desde há décadas e que deveria naturalmente abranger as novas gerações de trabalhadores». Sucede que, «na história do movimento operário e sindical, está provado que não há direitos eternamente adquiridos pelos trabalhadores, mas sim direitos que são alvo de permanente ataque por parte do capital», pelo que «é nosso objectivo que os jovens venham à luta organizada, que sejam os obreiros do seu futuro».



A luta organizada é determinante para que os jovens trabalhadores não percam os direitos conquistados pelas anteriores gerações

## Calendário recheado

A abertura da campanha, hoje, é marcada pela constituição de brigadas de camaradas sindicalistas e membros de CTs, que vão promover uma venda especial do *Avante!* à porta das empresas e junto de locais de trabalho. A campanha culmina com um grande almoço, no dia 31 de Março, que é simultaneamente uma iniciativa de comemoração dos 80 anos do PCP, e onde é esperada a participação de centenas de dirigentes e delegados sindicais, membros de comissões de trabalhadores e quadros do Partido ligados a esta frente.

Durante estas duas semanas, vão ser distribuídas dezenas de milhares de exemplares de um folheto central, para além de materiais específicos. Nos meios envolvidos na campanha incluem-se ainda um cartaz de grande formato (*mupi*), a edição de uma *cassette* audio e a deslocação de três brigadas móveis pelo País, com o empenhamento militante de quadros que dão assim uma contribuição às organizações regionais e locais.

## Esta semana

Da informação que as organizações fizeram chegarem à nossa redacção, podemos traçar um panorama das iniciativas previstas para os próximos dias.

A venda do *Avante!* e a distribuição de documentos abrangem, no distrito de Lisboa, empresas como a Unalbol, Triograma, lojas da baixa lisboeta, Bruno Janz, Sorel, Renault, EDP, Portugal Tele-

com, CTT, Anodil, Melka, Metropolitano e OGMA (hoje), Carris, Legrand, Vitrohm, Contel, OGFE, EDP, Marconi, CTT, Metro, Galucho, Fundação Dois Portos, Stagecoach, Rodoviária de Lisboa e Dancake (amanhã), AKI (sábado), Sotancro, Diniz e Cruz, confecções HF e GI, Codan, Tadeu e Francelina, Hotel Ritz, CTT, Serviços Municipalizados e CM de Torres Vedras, interfaces de transportes do Campo Grande e Arco do Cego, Rodoviária de Lisboa e Cimpor (segunda-feira), Siemens, Sorefame/ADtranz, Jodofer, Raucherte, Apadail, Optilon, Cometna, Hotel Penta, EDP, PT, CP, Lusiteca, Alva, Noceral, Lusoceram, Águas do Vimeiro, Valouro, Avibom e Frismag (terça-feira), Laboratórios Vitória, Iriscor, Guide, Micau, Dimovi, Hotel Sheraton, Imprensa Nacional Casa da Moeda, PT Prime, CTT, EDP, Adreta, Triunfo, Portucel, Tabaqueira, Samsung, Queijo Saloio, Chagas, Coopertores e Metro (quarta-feira). Amanhã tem lugar um jantar do concelho de Odivelas, no CT de Sacavém. Para sábado está marcado um almoço do sector de empresas de Tires, no CT local.

No distrito de Portalegre é feita a venda do *Avante!* hoje, na capital, e amanhã, em Ponte de Sor. Para sábado está convocado um encontro de eleitos e activistas sindicais, a partir das 10.30.

Dâmaso, Tomé Feteira, Bollinhans (segunda-feira), Santos Barosa, estaleiros da CM da Marinha Grande, Mortensen, Cive, Secla 3, Molde, A. Santos, Horbital e Tosel (quarta-feira) recebe-

ção acções com apoio de um dos estúdios móveis no distrito de Leiria.

Os comunistas do distrito de Aveiro vão estar na Clark e Belém (amanhã), Levira (dia 19), zonas industriais de Albergaria e São João da Madeira, Oliva e Faurecia (dia 20), CM de Ovar, Tovar, Sika, Lusotufo, Soja, Toyota, Yazaki, Philips, Efacec, Portucel, Renault e Funfrap (dia 21).

No concelho de Almada são tocadas, hoje, empresas da zona central da cidade, os TST, Datsun, Rodosul e Beira Rio; amanhã, a ex-JAE, o Hospital Garcia da Horta, a Confelis, Promodelo, Textilo, a estação do Pragal; no dia 20, o terminal de Cacilhas, o CR Segurança Social, EDP, PT, Pingo Doce, Lemauto, Mitsubishi, Toyota, Honda, Larbunea, Motor-tejo, Coopbam, Ensul, Mec e terminal de Porto Brandão.

No distrito de Santarém estava a ser preparada, para hoje e amanhã, a venda especial do *Avante!* junto da Casa Mota, Olimar, oficinas e estaleiros das CM da Chamusca, Alpiarça e Benavente, MDF (ex-Futra), FRAs, oficinas rodoviárias de Torres Novas, Renova, CP, EMEF, CM Coruche e João Deus, bem como na capital. A campanha chegará ainda à zona industrial de Montalvo, Fiação de Torres Novas (dia 19), EMEF, Malhas Ilda, IFM, M. Freitas Lopes, Incompol, Benckiser, Carsul, EZN, CRSS, Ipetex, Lusofane, zona industrial de Ulme, CMs Chamusca e Alpiarça, Malhas Lezíria e Compal (dia 20), Metalgrupo, Honório, Lupex e Fleximol (dia 21).

## Apoiar e estimular a mobilização para a luta

Ao lado dos restantes trabalhadores e em unidade na acção, os comunistas participam nas grandes e pequenas batalhas em curso, contribuindo para conquistar mais amplo apoio e uma mais forte combatividade, de modo a alcançar melhores salários, trabalho estável e emprego com direitos.

Depois da manifestação de ontem, em Lisboa, dos trabalhadores da Administração Local, os esforços concentram-se agora na jornada nacional da CGTP-IN, dia 24 de Março, com manifestações em Lisboa e no Porto, colocando a tónica na necessidade de romper a política de baixos salários, aplicada pelo patronato com a conivência e até o conluio do Governo – como a central tem denunciado.

Na palavra de ordem que marca a preparação da jornada afirma-se que «chega de moderação salarial, temos direito a viver melhor». A central aponta uma série de sectores onde o salário médio fica abaixo de qualquer dos salários mínimos vigentes nos demais países da União Europeia: a indústria têxtil, a construção e obras públicas, o alojamento e restauração, o comércio a retalho, a agricultura apresentam valores que nem chegam a atingir os 80 mil escudos, quando os mínimos mais baixos eram, em 2000, superiores a 85 contos, em Espanha, e 87 contos, na Grécia.

«Precariedade – vergonha nacional» é o tema da campanha que a Interjovem está a realizar até 28 de Março, Dia da Juventude. Os activistas da estrutura juvenil da CGTP, que anteontem estiveram em várias empresas do distrito de Aveiro, vão segunda-feira à Assembleia da República explicar a sua posição face aos projectos de lei sobre contratação a prazo. Fernando Ambrioso, dirigente da Interjovem, adiantou ao *Avante!* que o projecto do PCP é o único que merece o acordo total da organização e sublinhou a gravidade de alguns casos que têm chegado ao conhecimento dos sindicatos durante esta campanha.

Para a próxima quinta-feira, 22 de Março, segundo dia do 7.º Congresso Nacional dos Professores, está marcada uma manifestação nacional, trazendo para as ruas de Lisboa o protesto contra o impasse em que o Governo colocou a negociação de algumas matérias e contra propostas negativas apresentadas na revisão dos diplomas sobre quadros e concursos. A precariedade de emprego mantém graves proporções, atingindo cerca de 25 mil docentes.

A Fenprof anunciou também uma greve nacional de professores para 30 de Março.

A coordenadora nacional do sector ferroviário do PCP manifestou solidariedade para com os trabalhadores da EMEF, que estão hoje em luta (ver pág. 32). Os comunistas reafirmam que a empresa de manutenção deve continuar a ser uma empresa pública, denunciam a política dos governos do PS e do PSD, para esvaziamento deliberado da EMEF, e alertam para o perigo que paira sobre dezenas de postos de trabalho. No comunicado do PCP aponta-se uma série de propostas para preservar a EMEF e garantir o emprego e os direitos dos trabalhadores.

Para defenderem o emprego estão também em luta os trabalhadores da Indelma, empresa do grupo multinacional Siemens. Para responder às obras do metro de superfície a Sul do Tejo, a Siemens desactivou a fábrica de Corroios e quer transferir, para a Turquia e Lituânia, a produção de cablagens eléctricas que é feita para a Renault no Casal do Marco – denuncia-se num comunicado a explicar os motivos do recurso à greve.

Várias estruturas representativas de trabalhadores dos transportes vão levar a cabo um tribuna pública, na Praça do Comércio, na próxima terça-feira, entre as 10.30 e as 16 horas. As organizações promotoras – entre as quais se contam várias estruturas da CGTP e as CTs da CP, EMEF, Refer, Soflusa, TAP, Metro e Carris – afirmam que, com a política de privatização, desmembramento e segmentação de empresas, «perdeu o País e perderam os portugueses». A par da denúncia, serão apresentadas propostas para o desenvolvimento do sector. Os organizadores pretendem alargar esta iniciativa à participação de representantes dos trabalhadores das restantes empresas de transportes, públicas e privadas, unidos «em defesa do serviço público, dos postos de trabalho e dos direitos de quem trabalha e utiliza os transportes».

• José Augusto

## Seixal, mantém equipa com provas dadas «Conhecemos as pessoas e as pedras das calçadas!»

Alfredo Monteiro e Eufrazio Filipe foram apresentados como cabeças de lista da CDU às próximas eleições autárquicas, no grande almoço comemorativo dos 80 anos do Partido, com mais de mil pessoas.

Alfredo Monteiro, presidente da Câmara do Seixal e candidato da CDU, nas próximas eleições, ao mesmo cargo que já ocupa, reafirmou a «continuidade e o futuro, em evolução criativa, de um projecto que, num quarto de século, colocou o

nosso município nos mais elevados índices de desenvolvimento e progresso». O autarca realçou a «incomensurável obra dos comunistas realizada no Poder Local, desde o primeiro momento, fruto da participação popular e de um projecto comum construído, partilhado e vivido pelo eleitos e trabalhadores, pelas instituições e pela população». Por outro lado, «num concelho com o maior crescimento demográfico da Área Metropolitana de Lisboa, o progresso de rosto humano aproximou culturas e gerações, ergueu e fez das colectividades casas do povo, das escolas espaços da comunidade, dos centros de dia lugares da vida renascida e das associações de moradores fábricas de operários em construção».

Alfredo Monteiro afirmou que, no concelho do Seixal, não há alternativa à CDU. E argumentou solidamente: «Porque amamos esta terra, a sua história e o seu povo;

«O projecto da CDU baseia-se no conhecimento profundo das realidades»

porque a população conhece e respeita os eleitos e o seu trabalho no Poder Local; porque comungamos com os cidadãos, as instituições e as comunidades, partilhámos os problemas, assumimos olhos nos olhos as dificuldades; porque não temos verdades absolutas, respeitamos e valorizamos as diferenças de opinião, fomentamos o diálogo e a participação, incentivamos a parceria e a cooperação.»

Face a isto, não admira que, no concelho do Seixal, o projecto da CDU seja um «património do presente e o futuro alicerçado na experiência acumulada, no conhecimento profundo das realidades locais, para fazer mais e melhor».

O eleito da CDU prometeu que, «no próximo mandato, continuaremos a defender, a incentivar e a promover o desenvolvimento económico sustentável, diversificado em termos de áreas, gerador de emprego estável e com direitos. No próximo mandato, continuaremos a defender, a incentivar e a promover a participação democrática dos cidadãos, a parceria com as instituições, a actividade associativa, a educação, a cultura, o desporto, a acção social, a saúde, a segurança e a juventude».

Uma obra gigantesca

Eufrazio Filipe encabeçou, durante mais de duas décadas, o executivo autárquico que deixou marcas vigorosas no desenvolvimento social, económico e cultural do concelho. Agora, foi o escolhido pela CDU para encimar a lista de candidatos à Assembleia Municipal, de que é presidente desde 1997.

Na sua intervenção, felicitou os comunistas «pelos tantos caminhos caminhados desde a fundação do PCP, pelas tantas caminhadas que vamos caminhar, pelos tantos caminhos que temos por desbravar, olhos postos nas mesmas causas, pelos mesmos objectivos, com os mesmos símbolos e a mesma bandeira». Portanto, continuou Eufrazio, «estamos aqui, simbólica mas significativamente, para afirmar de rosto aberto e o corpo inteiro que é neste partido e só com este partido que queremos continuar a servir a população deste concelho, o regime democrático e o país».

E continuou mais à frente: «Nenhuma estrutura política como o PCP e a CDU conhece e sente este concelho - os seus problemas e as melhores soluções para os resolver ou lutar pela sua resolução; conhecemos as pessoas e as pedras das calçadas, e é por isso que temos uma obra gigantesca realizada, e é por isso que colocámos o concelho do Seixal no mapa do país, no mapa referencial dos mais elevados índices de qualidade.»



A actividade associativa, a educação, a cultura, o desporto, a acção social, a saúde, a segurança e a juventude serão prioridades, afirmou Alfredo Monteiro

## Em equipa que ganha...

Alfredo José Monteiro da Costa, professor do Ensino Secundário, tem 45 anos de idade e é Presidente da Câmara do Seixal desde Janeiro de 1998.

Preside ao Conselho de Administração da CDR - Agência de Desenvolvimento Regional de Setúbal, é membro da Assembleia Inter-municipal da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, da Junta Metropolitana de Lisboa e do Conselho Regional da Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul.

A sua experiência autárquica data do mandato 1986/89 em que foi secretário e, depois, presidente da Assembleia de Freguesia de Corroios. Entre 1990 e 1997, foi vereador do Pelouro da Cultura, Educação, Desporto e Juventude da Câmara Municipal do Seixal.

Integrou o MJT - Movimento da Juventude Trabalhadora em 1974, o mesmo ano em que iniciou a sua militância no Partido Comunista Português. Integrou, de 1974 a 1976, a Comissão Concelhia de Coruche e é actualmente membro da Comissão Concelhia do Seixal e da Direcção da Organização Regional de Setúbal.

Foi delegado sindical do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

Na sua actividade enquanto professor, foi presidente do Conselho Directivo e do Conselho Pedagógico da Escola Secundária José Afonso, no Seixal, delegado à Formação de Professores, Coordenador do Projecto Minerva - Novas Tecnologias de Informação e Formador na Escola Superior de Educação de Setúbal na vertente da Prática Docente.

Já o cabeça de lista à Assembleia Municipal, Eufrazio Filipe Garcês José, tem 52 anos, é militante do PCP - tendo sido vários anos membro do seu Comité Central e sendo, ainda actualmente, membro da concelhia do Seixal - desde 1967 e foi presidente da autarquia durante 23 anos. Foi também presidente da Assembleia Distrital de Setúbal e vice-presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

A sua militância política data ainda do tempo do fascismo, em que participou na organização do 1.º Congresso Republicano de Aveiro e na organização de apoio às famílias dos presos políticos.

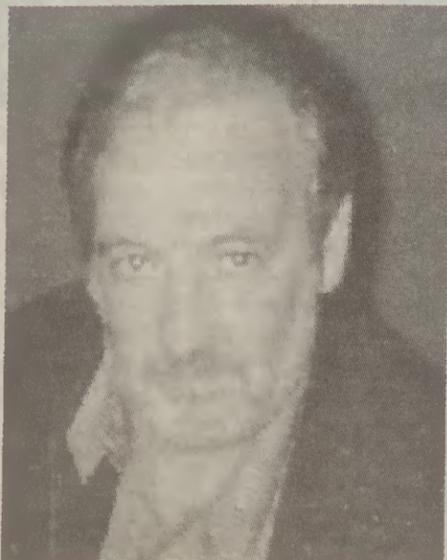
Tem também experiência como sindicalista e dirigente do movimento associativo popular.

Distrito de Aveiro

## CDU apresenta-se em Ílhavo... e em Ovar

Na passada sexta-feira, dia 9 de Março, em Ílhavo, aproveitando as comemorações dos 80 anos do PCP, apresentou-se publicamente o nome do cabeça de lista da CDU à Câmara Municipal de Ílhavo, o médico João de Almeida.

O candidato João de Almeida sublinhou, na intervenção que proferiu, os três pilares programáticos fundamentais da candidatura da CDU à Câmara Municipal de Ílhavo: a instalação definitiva da rede pública de saneamento básico na Freguesia da Gafanha da Nazaré, uma das mais populosas localidades do Distrito de Aveiro, a melhoria da qualidade



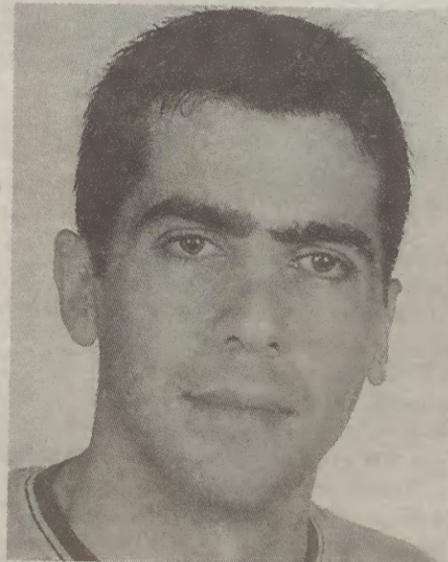
João Almeida

de vida urbana, nomeadamente na cidade de Ílhavo e a problemática da Juventude, afirmando que, «conosco na Câmara, irá ter uma dimensão muito mais relevante do que aquela que até hoje lhe tem sido dada».

O candidato da CDU àquele município do distrito de Aveiro, João Almeida, tem 54 anos, é médico no Hospital Distrital Infante D. Pedro, em Aveiro. É natural de Ílhavo, onde reside. É membro da Direcção da Organização Regional de Aveiro do PCP, tendo integrado a lista de candidatos da CDU do Distrito de Aveiro à eleição da Assembleia da República, em 1999.

Miguel Viegas tem 31 anos e será o candidato da CDU à autarquia ovariense. É membro da Comissão Concelhia de Ovar do PCP e da Direcção da Organização Regional de Aveiro do PCP. É médico veterinário e estudante de economia na Universidade de Aveiro e foi apresentado num jantar de comemoração dos 80 anos do Partido, no passado dia 10 de Março.

O cabeça de lista da CDU afirmou que «Ovar tem perdido qualidade de vida». «São os prédios a nascer desordenadamente, sem áreas verdes, parques infantis, ou sequer capacidade de estacionamento», lembrou Miguel Viegas que se referiu ainda



Miguel Viegas

às tradições desportivas que o concelho tem, considerando «confrangedor que não hajam as mínimas condições para se andar de bicicleta em segurança, ou que não haja sequer um equipamento de atletismo à altura das

nossas legítimas necessidades».

Para terminar lembrou a que a «desproporção de meios é gritante face às outras candidaturas, patrocinadas por interesses que muitas vezes não coincidem com os das populações» e apelou a todos os militantes e simpatizantes, «para que façam desta campanha a campanha de cada um de nós, pois esta é de facto a nossa força, a força de um colectivo».



Da esquerda para a direita, pode ver-se o candidato da CDU à Câmara de Vila Real de St.º António no uso da palavra e aspecto das mesas que presidiram ao jantar em Ovar e ao almoço em Viseu

Comícios, debates e convívios continuam a assinalar o aniversário do PCP

## Defender o projecto comunista

Os comunistas prosseguem em todo o País as comemorações do 80.º aniversário da fundação do Partido. No fim-de-semana passado, algumas organizações, aproveitando a iniciativa, apresentaram também os candidatos da CDU às próximas eleições autárquicas.

Foi o caso da organização de Vila Real de Santo António que, no almoço comemorativo do 80.º aniversário do PCP, realizado no domingo passado, com a participação da deputada Odete Santos, apresentou a candidatura de Mário Sousa à presidência da Câmara Municipal. Odete Santos, que foi recebida em Vila Real de Santo António com uma carinhosa salva de palmas, apresentou a vida e a evolução do PCP ao longo dos anos e, salientando a necessidade de os portugueses participarem activamente na vida política para que se cumpra a democracia, negou a tese de que o capitalismo seja o fim da história.

Por sua vez, o candidato Mário Sousa, também membro do Comité Central do PCP, estabeleceu algumas balizas políticas para o seu

mandato e elogiou o trabalho dos anteriores eleitos da CDU no cargo a que se candidata, mostrando-se disponível e decidido a enfrentar o desafio.

**Várias organizações unitárias comemoraram também os 80 anos do PCP**

«Defender o projecto do PCP não significa não defender os interesses da CDU», disse Mário de Sousa, «convicto» de que a defesa do próprio projecto da CDU e a concretização do seu desenvolvimento «só é possível com a força e a coesão do PCP». Essa a razão por que aceitou «representar este grande colectivo na Câmara Municipal».

José Cruz salientou os resultados eleitorais no concelho em que os eleitos da CDU subiram de votação para votação, quer no caso de Alfredo Graça, quer de António José, contra «alianças explícitas ou encapotadas do PS com o PSD».

### Ovar

Em Ovar, os comunistas comemoraram, no sábado, com um jantar, os 80 anos do PCP, aproveitando também a ocasião para apresentar os candidatos da CDU à Câmara e Assembleia Municipal de Ovar nas próximas eleições de Dezembro, respectivamente Miguel Viegas e José Pereira da Costa (ver pág. 7).

Neste jantar, onde participaram cerca de uma centena de militantes e simpatizantes do PCP, estiveram também representadas várias colectividades que, respondendo positivamente ao convite dos

comunistas, quiseram associar-se às comemorações.

Angelo Alves fez a intervenção de encerramento do aniversário, seguindo-se-lhe a actuação de Manuel Freire que, após declarar o seu apoio à candidatura da CDU, emocionou com a sua voz todos os que participaram na festa do Partido da classe operária e de todos os trabalhadores.

Uma exposição sobre os 80 anos do Partido continua, entretanto, aberta ao público, tendo até ao momento sido visitada por inúmeras pessoas que lhe teceram os mais rasgados elogios.

### Viseu

Por sua vez, a organização de Viseu comemorou o 80.º aniversário com um almoço em que participaram mais de 130 militantes e simpatizantes do Partido e no qual uma delegação do Movimento de Restauração do Concelho de Canas de Senhorim fez questão de estar presente, numa clara manifestação de reconhecimento pelo papel que o PCP tem tido na luta em defesa dos interesses das populações.

Foi, pois, num clima de grande entusiasmo e confi-

ança no futuro que Armino Miranda, membro da Comissão Política do PCP, proferiu a sua intervenção.

José Teles, membro do Comité Central e responsável pela Organização Regional de Viseu, salientou o facto de as comemorações irem ter também expressão noutros pontos do distrito, dando particular relevo ao comício-festa que se irá realizar no dia 5 de Abril, com a participação de Jerónimo de Sousa, da Comissão Política, e será animado por Manuel Freire, Carlos Clara Gomes e outros artistas da região.

Carlos Carvalhas no Seixal

## Temos os mais baixos salários da UE

Mais de mil militantes e simpatizantes do PCP do concelho do Seixal reuniram-se num almoço para assinalar as oito décadas de vida e luta do Partido. Carlos Carvalhas esteve presente e, numa saudação a todos os trabalhadores em luta, garantiu que, ontem como hoje, estes podem contar com o PCP.

A apresentação de Eufrazio Filipe e Alfredo Monteiro como cabeças de lista da CDU à Câmara e Assembleia Municipais do Seixal nas próximas eleições autárquicas constituiu, entretanto, um dos momentos mais calorosos desta grande confraternização. No final, depois de saudar especialmente as mulheres em luta pela igualdade de direitos, o secretário-geral do PCP abordou questões sensíveis para o Seixal. «Estão aqui operários da Mundet, a quem prometeram uma nova fábrica. Onde está ela? Estão aqui operários da Auto-Europa, da Siderurgia, da Indelma, empresas que a curto prazo vão liquidar dois mil postos de trabalho», referiu, sublinhando o facto de a Siderurgia, que já empregou seis mil trabalhadores, ir «ficar apenas com 600». Ou seja, uma situação calamitosa que coloca a exigência de uma nova política.

Abordando, em seguida, a situação de dependência resultante da substituição da produção nacional pela produção estrangeira, o dirigente comunista considerou que estamos a «construir uma região dependente da Europa, onde quem decide é o grande capital», ainda que queiramos que em Portugal «sejam os portugueses a decidir, sobretudo, os trabalhadores e a classe operária».

Sempre muito aplaudido, Carvalhas denunciou a situação em que se encontra Portugal e os trabalhadores portugueses no âmbito da União Europeia: «Somos o país com mais baixos salários mínimos, somos o país da EU com mais baixas reformas e pensões, somos o país com mais baixo salário médio, mas

somos também o país com mais altas taxas de lucro».

### Uma vida de luta

José Paleta, do Comité Central e responsável pela Comissão Concelhia do Seixal, lembrou, pela sua vez, as «muitas gerações de comunistas que engrandeceram este Partido» nestes 80 anos de vida e luta pela transformação da socie-

nal Serviços, que será concretizado no final deste mês, levando à destruição de 800 postos de trabalho. «Trata-se de uma decisão contra as posições dos trabalhadores, uma decisão que o PCP sempre combateu e denunciou», prosseguiu José Paleta, reiterando a solidariedade do PCP com estes trabalhadores e exortando-os a «continuar a luta, ainda que noutros locais de trabalho».

Nesta grande confraternização comunista, onde a juventude se salien-



tou de forma entusiástica e ruidosa, Cláudio Vilhena, numa curta intervenção lembrou a «forte presença» da JCP seixalense no movimento estudantil, patente nas variadas manifestações «exigindo a suspensão da revisão curricular», em que participaram mais de quatro mil alunos.

O jovem camarada chamou, ainda, a atenção para os importantes acontecimentos que «esperam este ano» os jovens e, destacando as eleições autárquicas e a Festa do Avante, garantiu que «podem contar com a JCP para vencer estas duras batalhas».

## Comemoração no Brasil

No dia 6 de Março, com o apoio do Partido Comunista do Brasil, a organização do PCP no Brasil realizou, no Auditório do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, com a presença de cerca de 60 pessoas, uma sessão comemorativa do 80.º aniversário.

As bandeiras dos dois partidos e duas longas faixas saudando a data — uma dos comunistas portugueses, outra do PC do B — decoravam o salão onde ainda se podia ver uma bela exposição sobre a efeméride.

Na sessão, participaram várias personalidades públicas de São Paulo, sendo a mesa formada por Frederico Ghedini, Presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, José Reinaldo, secretário das Relações Internacionais do PC do B, e Alexandre Pereira, do PCP. Foram ainda convidados a integrar a mesa os deputados estaduais Jamil Murad e Nivaldo Santana e o vereador Cláudio Fonseca, todos do Partido Comunista do Brasil.

Frederico Ghedini abriu a sessão, fazendo referência aos 80 anos do Partido e aos 70 anos do «Avante!», seguindo-se Alexandre Pereira que leu algumas mensagens de saudação recebidas e falou sobre a vida e luta do PCP ao longo destas oito décadas.

O representante do PC do B fez, então, um improviso com uma sentida homenagem aos «mártires caídos na luta». A seguir, José Reinaldo historiou diversas fases da luta antifascista do PCP e, após enfatizar a frase de Álvaro Cunhal «o comunismo não acabou no século XX, o comunismo começou no século XXI!», deteve-se na análise crítica do neoliberalismo, da globalização e das ambições imperialistas dos EUA.

## AÇORES Um projecto adiado

Na sequência de uma intensa actividade parlamentar, com a apresentação na Assembleia Legislativa Regional de inúmeros requerimentos referentes a algumas questões de interesses para as populações dos Açores, o Grupo Parlamentar do PCP questionou, na semana passada, o Governo Regional dos Açores sobre o projecto e obra no «Caminho da Mata dos Quarenta», abrangido pelo «Plano de Infra-estruturas Viárias» a construir no «perímetro de ordenamento agrário da Maia/Fenais da Ajuda».

Considerando que se trata de uma obra com vantagens para todos os lavradores da zona da Lomba da Maia/Ribeira Funda e automobilistas que transitam na estrada regional da freguesia e, ainda, que o IROA havia calendarizado a elaboração deste projecto para 1998 e a sua concretização para 1999, o PCP pergunta «se o prometido projecto está pronto», «qual o motivo porque a obra ainda não começou» e «para quando está previsto o início da obra e qual a sua duração».

## PORTO Discriminações subsistem

Apesar de todas as conquistas das mulheres, «estamos longe» da concretização da igualdade de direitos e oportunidades», afirmou a deputada do PCP no Parlamento Europeu, Ilda Figueiredo, numa saudação dirigida no dia 8 de Março às mulheres, designadamente às trabalhadoras da empresa de vestuário da Maia, Finex, e trabalhadores do comércio e serviços do distrito do Porto, com quem se encontrou nesse dia.

De facto, na União Europeia, como em Portugal e no distrito do Porto, «a taxa de emprego feminino continua a ser inferior à dos homens, enquanto no desemprego acontece exactamente o contrário» e persistem as desigualdades de salário para um mesmo trabalho, já que os salários das mulheres são cerca de 83% dos salários dos homens.

Assim, diz a deputada comunista, denunciando as discriminações de que particularmente as mulheres são vítimas no distrito do Porto, «não espanta» que, na União Europeia, a maioria dos cerca de 65 milhões de pobres seja mulheres.

## ÍLHAVO Instabilidade na Vista Alegre

A administração da Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre tem vindo a chamar individualmente alguns trabalhadores, propondo-lhes a rescisão dos respectivos contractos de trabalho, atitude que merece a condenação da Comissão Interconcelhia de Ílhavo e Vagos do PCP, por levar «a instabilidade» a muitas casas.

Solidária, pois, com os trabalhadores, a Concelhia do PCP considera que «o lucro não pode estar acima das pessoas» e lembra que a Fábrica da Vista Alegre «é, até pelo seu património histórico, uma empresa com responsabilidades no campo social», não podendo a actual administração «furtar-se» a essas responsabilidades.

Sempre à espera de ser chamados ao representante da empresa, os trabalhadores sentem-se «nervosos e inseguros», diz ainda a Concelhia do PCP, o que se reflecte na sua vida familiar e profissional e, inclusive, acarreta prejuízos para a própria produção e, consequentemente, para a empresa.

## Dia Internacional da Mulher

# Ecos do novo milénio

**A propósito da passagem do Dia Internacional da Mulher - a primeira a verificar-se no século XXI - dá-se destaque neste artigo a alguns dos temas que estiveram no centro desta comemoração.**

Este ano, a comemoração do 8 de Março constituiu um importante ponto de convergência de acções muito diversificadas e com conteúdos e características bastante diferentes, promovidas em todo o País pelo movimento sindical, por organizações de mulheres, designadamente o MDM, e por autarquias.

Através de distribuição de flores, postais e documentos, ou da realização de debates, jantares, desfiles, carros de som, exposições, actividades recreativas, culturais e desportivas, estas acções contribuíram, mais uma vez, para uma maior visibilidade pública dos problemas que continuam a pesar em muitos sectores femininos e que, objectivamente, impedem que a sua participação seja vivida em igualdade de direitos e de oportunidades.

Tendo sido comprovado, através de

mulheres e homens, uma sociedade justa socialmente, uma democracia cada vez mais participada.

### Outros tempos, novas mentalidades

Sob o lema «Outros tempos, novas mentalidades. É hora de igualdade», a CGTP-IN dinamizou um vasto conjunto de acções, privilegiando os locais de trabalho com maior concentração de mão-de-obra feminina e iniciativas com expressão de rua, em torno dos direitos das mulheres, designadamente ao nível do emprego com direitos, salários, maternidade-paternidade. Acções que coincidiram com a Campanha promovida pela Interjovem: «Precariedade - vergonha nacional».

Em Beja, mais de mil mulheres alentejanas desfilaram pelas ruas da cidade exigindo, designadamente, emprego com direitos.

Os problemas das trabalhadoras do distrito de Braga foram, por sua vez, denunciados pelo MDM que, em conferência de imprensa, chamou a atenção para os baixos

salários e os intensos ritmos de trabalho e reafirmou o seu apoio às justas reivindicações de garantia de trabalho com direitos, de salário igual para trabalho de igual valor, de redução do horário de trabalho semanal e sem perda de regalias e do alargamento da rede de apoio à infância e à 3.ª idade.

«De que falamos quando enunciámos os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres? Quem deve intervir?», foram também questões que o MDM lançou neste 8 de Março, numa campanha que se prolonga até Abril, em torno desta problemática, onde chama a atenção para o facto de Portugal ser o segundo

País da Europa com maior incidência de SIDA e com maior taxa de gravidez de jovens entre os 13 e os 17 anos.

Por seu turno, o PCP dinamizou um vasto conjunto de iniciativas partidárias, no qual valorizou a importância do 8 de Março na luta das mulheres pela conquista da igualdade de direitos.

Entre elas, destacam-se a edição de um postal com o poema «Catarina Eufémia», de Sofia Melo Breyner, a saudar as mulheres do distrito de Lisboa; a denúncia pela CDU, nos Açores, da violência exercida sobre as mulheres, assim como da discriminação laboral e da exclusão social de que são vítimas; os novos passos dados pela campanha que a CDU desenvolve desde 1999 na Madeira, também contra a violência sobre as mulheres, através da realização de um inquérito junto das madeirenses que revela, por exemplo, que nos sectores da limpeza (80% das inquiridas) e da hotelaria (15%), 60% das mulheres têm contratos a prazo e 30% recebem salários abaixo do salário mínimo nacional; a realização, no Porto, de contactos com as trabalhadoras da FINEX - empresa de vestuário da Maia - e de um encontro com as trabalhadoras do comércio e serviço, com a participação de Ilda Figueiredo.

### Propaganda?

Entretanto, a propósito do anúncio feito pelo Governo, no dia 8 de Março, de que irá elaborar, no prazo de seis meses, o II Plano Nacional para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens, resta-nos esperar que não venha a ser um novo enunciado de intenções, como aconteceu com o primeiro plano global para a igualdade lançado em Março de 1997.

Desde já, e para que tal não aconteça, deixam-se aqui algumas recomendações. A primeira é no sentido de o Governo ouvir os ecos deste 8 de Março e ter em conta os profundos impactos negativos que têm nas mulheres as suas opções políticas mais estruturantes. A segunda, para que não use este novo Plano como mais um instrumento de propaganda.



**Fernanda Mateus**  
Membro da Comissão Política

## “O 8 de Março contribuiu para dar mais visibilidade à luta das mulheres”

muitos exemplos, que as leis que garantem os direitos das mulheres, em vários domínios, são desconhecidas pelas gerações mais jovens, ou não são exercidas, esta comemoração contribuiu, também, para afirmar a actualidade e indispensabilidade da luta e intervenção das mulheres em defesa dos seus direitos específicos neste novo milénio.

As mulheres portuguesas não podem resignar-se a uma igualdade que, em muitos aspectos, é formal. Devem elevar o seu grau de consciência, afirmação e exigência perante o poder político e a sociedade, no sentido de alcançar uma verdadeira igualdade de direitos entre



# Porto 2001 recorda dias da intolerância

A memória dos dias da intolerância foi reavivada no Porto, no passado dia 7 de Março, numa mesa-redonda que reuniu o camarada Sérgio Vilarigues, sobrevivente do Tarrafal, Tommy Karas, sobrevivente do Campo de Concentração de Terezin e participante na ópera «Brundibár», Milos Pojar, director do Centro de Educação e Cultura do Museu Judeu de Praga, Diana Andringa, jornalista, e Joaquim Fidalgo, provedor do leitor do jornal «Público», este último na qualidade de moderador.

A mesa-redonda, organizada pelo Departamento Educativo da Casa da Música, integrou um projecto mais amplo que incluiu uma exposição de fac-símiles de desenhos das crianças mártires de Terezin, projecções de filmes (entre os quais um de propaganda nazi, em torno do Campo de Concentração de Terezin) e uma segunda mesa-redonda, esta dedicada à intolerância dos nossos dias. Tudo isto a pretexto da reposição da ópera «Brundibár», numa pequena série de representações que hoje termina no Museu do Carro Eléctrico do Porto.

Virado para o público das escolas, este projecto do Departamento Educativo da Casa de Música serviu também para revelar aos mais novos o que foi o Campo de Concentração de Terezin (o escolhido pelos nazis para mascarar a realidade da «solução final» aos olhos do Comité da Cruz Vermelha) ou o Campo de Concentração do Tarrafal, ambos ainda tão próximos que é possível ouvir, de viva voz, testemunhos de sobreviventes destes campos da morte lenta.

Como sublinhou o camarada Sérgio Vilarigues, Hitler pode ser muito mais repressivo do que Salazar. As condições, objectivas e subjectivas, que se viviam na Alemanha, nesse tempo de chumbo, eram muito diferentes das que se viviam em Portugal, sem prejuízo da identificação política entre os dois regimes. Uma identificação bem reconhecida, embora o conhecimento desta realidade histórica raramente seja proporcionado às novas gerações, em iniciativas como esta do Departamento Educativo da Casa de Música.

Ouvir testemunhar quem sobreviveu ao gueto de Terezin (que chegou a albergar num espaço para 3000 pessoas uma população vinte vezes superior) ou quem suportou a água inquinada e as altas temperaturas do Tarrafal é uma lição rara mas indispensável para que o horror não caia no esquecimento. Aconteceu, na semana que passou, no Porto, no Pequeno Auditório do Rivoli, num enquadramento obrigatório em qualquer audição actual da ópera «Brundibár».

É que a ópera de «Brundibár», uma história protagonizada por crianças, foi representada, mais de meia centena de vezes, no Campo de Concentração de Terezin, pelos presos mais jovens. Os nazis toleravam-na e até filmaram uma das representações para propaganda. Os pequenos actores, esses, fruam a música, a poesia e o sonho da obra como uma raro momento de felicidade num tempo em que a vida não foi bela nem para os mais pequenos.

●JR

Comunistas de Coimbra discordam da entrega da linha da Lousã à Metro/Mondego

## Pelo desenvolvimento do interior

No rescaldo das cheias que afectaram a zona do Baixo Mondego, a Direcção da Organização Regional de Coimbra do PCP denunciou publicamente alguns factos que revelam o «desleixo e abandono» a que o Governo vota o distrito.

Relativamente aos encontros para que os moradores de Montemor-o-Velho e da Freguesia de Santo Varão afectados pelas intempéries foram convocados com o Governador Civil, para entrega de subsídios, dizem os comunistas que acabaram por se verificar sim, mas com o

contínuo da Câmara. Este informou que o Governador Civil não podia estar presente «por questões técnicas» mas já no que respeita aos subsídios... «nem vê-los!»

Quanto ao derrubamento da Ponte Velha de Montemor-o-Velho — em relação ao qual ainda não foram tomadas quaisquer medidas —, dados os prejuízos dele resultantes para

milhares de pessoas, o PCP considera «urgente a construção de uma nova ponte».

Ainda no que respeita à linha da Lousã, os comunistas consideram «muito grave» a decisão da Administração da CP de entregá-la à empresa Metro/Mondego, já que isso mais não é do

que «promover o seu encerramento». Ora, diz o PCP, o desenvolvimento do interior do distrito «exige não só que esta linha não seja encerrada», como que «prossiga até Arganil», primeiro, e «se ligue à linha da Beira Alta», depois.

Por sua vez, a Comissão Concelhia de Montemor-o-Velho, solidária com as víti-

mas das inundações ocorridas no concelho, exige que «sejam tomadas medidas urgentes de apoio à reparação dos seus efeitos», devendo, paralelamente, o Governo promover um inquérito imediato, rigoroso e independente das causas e responsáveis pelo tamanho do desastre.

### Faça-se um inquérito

Embora, para o PCP, a «Obra do Mondego» esteja «longe» de corresponder aos interesses das populações e agricultores, em sua opinião, «a catástrofe nunca teria atingido esta dimensão se entre os responsáveis da Protecção Civil tivesse existido coordenação e a sua intervenção fosse acompanhada pelo parecer de técnicos competentes na matéria», já que a catástrofe em Montemor e Ereira resultou do rebentamento, a mando da Protecção Civil, do dique esquerdo do leito periférico direito, em frente ao

Casal Novo do Rio». Poder-se-ia, também, ter impedido a inundação da rua principal do Casal Novo do Rio se tivessem sido colocadas as moto-bombas, como insistentemente foi solicitado ao vereador Lucas, na noite das inundações.

Entretanto, há «a registar de positivo» a actuação dos Bombeiros, das Forças Armadas, de algumas Juntas de Freguesia e de muitos cidadãos anónimos que, apesar das dificuldades e insuficiências, foram incansáveis no apoio às populações.

Finalmente, a Concelhia de Montemor destaca a validade das suas críticas, já que antes, por proposta do PCP na Câmara Municipal de Lisboa, diligenciou a deslocação para Montemor e Ereira de uma brigada do Departamento de Higiene e Urbanismo e promoveu a ida do deputado, do PCP, Lino de Carvalho ao Baixo Mondego, para apurar os anseios das populações e fazê-los chegar, «sem deturpações» ao poder central.

## Um papel insubstituível

Nos Açores, os 80 anos do PCP foram assinalados em várias localidades, designadamente em Ponta Delgada, onde um animado jantar volante juntou largas dezenas de militantes e amigos que deram mais vida e alegria às salas do rés-do-chão do Centro de Trabalho do Partido.

No próprio dia 6 de Março, o coordenador do PCP/Açores, José Decq Mota, proferiu uma declaração, ao longo da qual historiou um pouco a vida do PCP, valorizando o papel deste Partido antes e depois do 25 de Abril em prol da liberdade e da democracia.

Como Decq Mota lembrou, o PCP desempenhou um papel político muito importante nos últimos 27 anos, nomeadamente nos Açores, combatendo o separatismo, condenando as práticas centralistas de governos da República, lutando por melhores condições de vida e por um

desenvolvimento harmónico da Região. O 80.º aniversário foi ainda comemorado na Horta, com um jantar, em Angra e São Roque do Pico, com convívios, tendo a Comissão de Ilha do Faial do PCP promovido, também, um jantar-convívio, durante o qual entregou os novos cartões de militante e anunciou as recentes adesões ao Partido.

Nas várias iniciativas em que participou, José Decq Mota referiu-se sempre ao papel insubstituível do PCP na luta por uma democracia avançada — simultaneamente política, económica, social e cultural —, e apelou ao reforço imediato da acção política do Partido e da CDU na Região.

Ainda no âmbito das comemorações, o Grupo Parlamentar do PCP promoveu, no domingo, um debate, na sede da Assembleia Legislativa Regional, subordinado ao

tema «A Política da Juventude - A Juventude e a Política».

### CT Soeiro Pereira Gomes

Também os funcionários e colaboradores do PCP no Centro de Trabalho Soeiro Pereira Gomes comemoraram mais uma vez este ano o aniversário do Partido.

Desta vez, em vez do habitual lanche no refeitório, a celebração fez-se na sala de convívio do rés-do-chão, onde, imediatamente a seguir ao almoço, os presentes puderam saborear bolinhos secos, acompanhados de um Porto.

Entre os convivas, que ouviram atentamente Aurélio Santos falar do papel que o PCP continua a desempenhar hoje na sociedade, encontrava-se o secretário-geral, Carlos Carvalhas.

Museu do Douro

## Ministério politicamente «vesgo»

A Direcção da Organização Regional de Trás-os-Montes e Alto Douro do PCP, tendo em conta a oportunidade das intervenções e projectos apresentados pelo seu Grupo Parlamentar na Assembleia da República em defesa da Casa do Douro e da viticultura duriense, acusa o PS de, com o seu voto contra, ter mais uma vez «derrotado propostas que visam a defesa da Região Demarcada do Douro e dos seus mais de 30 mil pequenos e médios agricultores».

Na conferência de imprensa realizada para enunciar as conclusões da sua reunião, a DORT valoriza, ainda, as medidas com carácter de urgência tomadas relativamente às intempéries que se abateram sobre a região mas lamen-

ta que, apesar da dimensão dos prejuízos, o Governo, até à data, tenha apenas contemplado as vinhas do douro, em 75% a fundo perdido, ou em sistema misto de 45%, e o restante em linha de crédito bonificado. Manifestamente insuficiente é também, em sua opinião, a linha de crédito bonificado atribuída às restantes produções para a reposição da quebra no rendimento dos produtores de azeite (+ 80%), da destruição de estufas e infra-estruturas e da previsível quebra na produção dos cereais Outono/Inverno.

### Atrasos negativos

O PCP critica, ainda, o atraso na implementação do III

QCA - de graves consequências em todo o sector -, mas regista como positivas algumas medidas que o Governo foi obrigado a tomar por força da luta dos agricultores e da acção institucional dos comunistas (redução das prestações mensais dos pequenos agricultores para a Segurança Social; atribuição de indemnizações compensatórias a todos os produtores; algumas medidas dirigidas à agricultura familiar inseridas no III QCA).

Por fim, a DORT do PCP regista com agrado as notícias sobre a criação de um Grupo de Trabalho para a instalação do Museu do Douro mas apelida o Ministério da Cultura de «politicamente vesgo», por

não ter convidado para este Grupo qualquer personalidade da área do PCP, partido que, afinal, teve a iniciativa de levar à Assembleia da República a proposta de criação do Museu.

No âmbito da discussão relativa à preparação das eleições autárquicas deste ano, a DORT apontou como objectivos dos comunistas concorrer, no quadro da CDU, a todos os órgãos municipais da Região e ao maior número possível de Assembleias de Freguesia e contribuir para manter a CDU como um espaço aberto a todos os que partilham os valores da liberdade e da democracia e querem um futuro melhor para as suas terras.

### ▼CAMARADAS FALECIDOS

#### António de Matos

Faleceu recentemente, com 86 anos de idade, o camarada António de Matos. Membro do Partido desde Abril de 1975, estava organizado em Alhandra.

#### João Oliveira Nunes

Faleceu, com 69 anos, o camarada João Oliveira Nunes. Membro do Partido desde Abril de 1975, estava organizado na freguesia de Alverca.

#### José Crisóstomo Alves Marrucho

Com 70 anos de idade, faleceu, no dia 7 de Março, o camarada José Crisóstomo Alves Marrucho, natural de S. Pedro da Torre, Valença. Era reformado do ex-Banco Fonse-

cas & Burnay, a cuja célula pertencia.

#### José Francisco Coelho

Faleceu, com 64 anos, o camarada José Francisco Coelho, Militante desde Março de 1975, estava organizado na freguesia de Alverca.

#### Maria Conceição Mocho

Faleceu a camarada Maria Conceição Mocho, de 90 anos de idade. Membro do Partido desde Fevereiro de 1977, estava organizada na freguesia de Alverca.

★

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

## 8 de Março, mais iniciativas em curso

# Uma luta que continua



A tribuna de opinião pública, em Lisboa, foi uma das iniciativas da CGTP-IN no 8 de Março

## Igualdade na vida política é ainda letra morta

No nosso país, como em muitos outros, o peso da história, da cultura e do «hábito» das desigualdades tem tornado o princípio da igualdade formal entre mulheres e homens, constitucionalmente consagrado, numa espécie de letra morta, no que respeita à representatividade política.

De facto, sendo as mulheres cerca de 53% dos eleitores, ainda não ultrapassaram os 6% de representação nos cargos autárquicos.

Uma presença equitativa das mulheres, nomeadamente nos postos de decisão que decorrem dos actos eleitorais, é o reflexo da vida democrática; e uma participação mais significativa na vida política, é uma questão de justiça e o exercício de um direito constitucional.

Com a sua participação, as mulheres podem trazer à vida política novos olhares sobre os problemas concretos da vida quo-

tidiana, pontos de vista diversificados sobre a sua resolução. O seu contributo na procura de soluções inovadoras, decorrente em grande parte das suas diferentes experiências e vivências, é essencial ao aprofundamento da vida democrática.

Por outro lado, a sua responsabilização em novas áreas concorre para o assumir de uma plena cidadania, contribuindo, naturalmente, para o seu enriquecimento enquanto ser humano.

A igualdade de participação de mulheres e homens na tomada de decisão e no acesso aos cargos políticos pode originar um equilíbrio que é o reflexo da composição da sociedade, necessária ao reforço e aprofundamento democráticos. Trata-se, deste modo, do enriquecimento de toda a sociedade.

• Rita Magrinho

## «Os Verdes» lançam duas novas iniciativas

«Os Verdes» lançaram ontem, em sessão pública realizada junto da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma campanha com vista ao fomento e à utilização do transporte alternativo.

Esta uma das iniciativas destacadas nas conclusões da reunião do Conselho Nacional do Partido Ecologista, que reuniu, sábado passado, em Lisboa.

A campanha culminará no início de Junho com a discussão, na Assembleia da República, do projecto de lei de «Os Verdes», que prevê a criação do Plano Rede Nacional de Pistas Dedicadas à Circulação de Velocípedes.

A outra iniciativa, destacada pelo Conselho Nacional, é a realização do 1.º Encontro de Professores Ecologistas, que terá lugar no próximo dia 21 de Abril, em Aveiro.

O Conselho fez uma análise da situação ecológica, com destaque para o trágico acidente de Entre-os-Rios. Manifestando a sua total solidariedade

para com as famílias das vítimas e o apoio a todas as medidas de emergência que permitam minimizar o seu sofrimento, «Os Verdes» consideram que a compreensão desta tragédia e o apuramento de causas e responsabilidades implica «considerar a globalidade do problema, desde a questão da mudança climática, à descoordenação de serviços, à falta de uma cultura de responsabilidade, serviço público e prevenção».

Foram ainda abordados outros temas, nomeadamente o combate à toxicodpendência e estratégias de promoção da igualdade das mulheres.

No que respeita à política de imigração, «Os Verdes» defendem a alteração da lei em vigor, «assegurando o direito de residência aos estrangeiros, bem como adoptar políticas integradas de apoio aos imigrantes, a par de medidas administrativas que simplifiquem» o processo de regularização em curso.

O 8 de Março continua a ser assinalado, com iniciativas que por vezes se prolongam por todo este mês, e de que aqui nos limitamos a dar nota de alguns exemplos. Um bom pretexto para se falar das múltiplas dimensões da realidade e problemas da(s) mulher(es).

«Oitenta anos de luta pela emancipação das mulheres», é o tema do debate que terá lugar amanhã, no Centro de Trabalho Vitória, em Lisboa, e que decorre no quadro das comemorações do 80.º aniversário do PCP. O encontro assume, como ideia de fundo, a luta pelo direito das mulheres à igualdade como componente inseparável da luta

pela liberdade, a democracia e o socialismo. Uma iniciativa do Executivo da DORL, que conta com a participação de Georgete Ferreira, Fernanda Mateus, Margarida Botelho e António Cordeiro.

Em Lisboa, a Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica organizou a exposição «Rostos e Percursos» de quatro mulheres que se destacaram ao longo dos tempos lutando pela igualdade de direitos e oportunidades – Amélia Rey Colaço, Alcina Bastos, Manuela Silva e Inês Fontinha. A exposição, patente no Centro Comercial Fonte Nova, encerra amanhã.

No concelho de Moura, e com o decisivo apoio da Câmara Municipal, as comemorações prolongam-se por todo o mês de Março. O programa inclui, entre outras iniciativas, exposições de trabalhos de Arte Criativa, Engenharia e Habilidade feitos por mulheres e a realização de várias festas e convívios. Será

ainda lançada uma brochura sobre a experiência de vida de doze mulheres – naturais, adoptivas e radicadas em Moura – com uma actividade exemplar em várias áreas. Do programa consta também a promoção da prática desportiva nas vertentes de futebol, *snoo-ker*, atletismo e natação. Finalmente está prevista a apresentação do Plano para a

Igualdade de Direitos e Oportunidades, com destaque para seis reivindicações, abarcando a qualidade de vida, o emprego, a saúde, uma maior visibilidade das mulheres, participação política e educação, cultura e desporto.

Em Santiago do Cacém está patente ao público, até 27 de Maio, no Museu Municipal, a exposição «Traje de Camponesa – Século XX», inaugurada no Dia Internacional da Mulher.

### Contra a Discriminação Pela Paz

O Dia Internacional da Mulher tem também vindo a ser assinalado pelos sindicatos que, nesta data, relembram a sua origem, há 144 anos, quando as operárias têxteis de Nova Iorque se envolveram numa luta por horários de trabalho, salários

e condições de trabalho mais justos e outras reivindicações particularmente sentidas, também hoje, pelas mulheres portuguesas, como sublinha a CGTP-IN em nota de imprensa.

Ao longo destes dias os sindicatos promoveram diversas iniciativas, com destaque para a tribuna pública realizada dia 8 em Lisboa, o debate sobre a lei da maternidade e paternidade, no Porto, e o debate sobre igualdade, direitos e discriminações, em Aveiro.

Nos Açores, a CDU alerta, em nota de imprensa, para três importantes problemas: a violência (física, moral e sexual) que «tem vindo a agravar-se em espiral nos últimos anos», a discriminação laboral e o desemprego feminino (a percentagem de emprego feminino em idade activa é de 27%) e a exclusão social, que incide mais gravemente sobre as mulheres, pelo défice da sua participação na vida social, política, cultural e desportiva.

Entretanto, está em curso, no nosso país, a campanha «Mulheres construindo a paz», que tem como objectivo ajudar a construir «uma nova visão de desenvolvimento, segurança e paz para o século XXI, baseada na inclusão e na igualdade».

No âmbito desta campanha foram entregues no dia 8 de Março, a Kofi Annan, secretário-geral das Nações Unidas, as assinaturas da petição, recolhidas por todo o mundo, onde se pede aos governos da comunidade internacional e à ONU para honrarem os compromissos que assumiram para com as mulheres.

## Mulheres do Alentejo pelo emprego com direitos

Ainda há em Portugal discriminação salarial feminina e outras formas de discriminação da mulher e, por isso, faz sentido que se continue a assinalar o 8 de Março também como dia de luta. Esta foi a ideia central da jornada que decorreu no domingo passado, dia 11, em Beja, «Mulheres do Alentejo - Pelo Emprego com Direitos», promovida pelo Movimento Democrático de Mulheres e pelo movimento sindical alentejano, com apoio das autarquias da região.

Jornada de luta e de festa, o Dia Internacional da Mulher serviu ainda de pretexto para recordar que o 25 de Abril de 1974 foi um marco decisivo na transformação da realidade das mulheres em Portugal, mas não tem havido, a nível das políticas desenvolvidas, a necessária continuidade. Luísa Costa, dirigente do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), subli-

nhou na sua intervenção que, independentemente de um discurso oficial onde a preocupação pela igualdade e promoção das mulheres está presente nas palavras, ao nível dos actos, continua a registar-se «a desresponsabilização do Governo na promoção de políticas económicas e sociais geradoras de emprego e da melhoria da qualidade de vida».

A dirigente do MDM em Beja apontou números do desemprego que mostram que a maior parte dessa chaga social é constituída por mulheres. Os sindicatos confirmam que no Alentejo o número de desempregados femininos é mais do dobro do número dos desempregados masculinos. Por outro lado, indicou, embora a discriminação salarial feminina seja um problema nacional, no Alentejo há casos de injustiça gritante, nomeadamente em determinados trabalhos da agricultura em que as mulheres, por traba-

lho igual, recebem cerca de metade do salário dos homens.

A comemoração do 8 de Março em Beja contou, para além das intervenções políticas - falaram Luísa Costa, do MDM, Maria Manuel Ramos, vereadora da Câmara Municipal de Beja e representante da Associação de Municípios do Distrito de Beja -, com música e convívio. No domingo, houve desfile de grupos corais, que fizeram ouvir o «cante» alentejano pelas principais ruas da cidade, seguiu-se um piquenique/convívio e, à tarde, na Casa da Cultura, centenas de mulheres ouviram a Tuna Feminina de Évora e o grupo Canto Moço.

Da música, da confraternização e das palavras ficou a ideia de que ainda existe efectiva discriminação da mulher e que, enquanto ela não for tratada em igualdade com o homem, o 8 de Março e outras lutas continuam a fazer sentido.

# A propósito da tragédia de Castelo de Paiva

• Lino de Carvalho

Os dramáticos acontecimentos da ponte de Entre os Rios/Castelo de Paiva convocou-nos para momentos de recolha e solidariedade mas também para uma reflexão crítica muito profunda sobre as condições de exercício da actividade de direcção política do Estado que vem sendo realizada pelo PS.

Nesta matéria, o PCP tem criticado o Partido Socialista por duas razões fundamentais: pelas opções de desresponsabilização directa do Estado em funções de interesse público e pela ocupação massiva de altos cargos da administração pública por quadros da estrita confiança política do PS (os célebres *jobs for the boys*) mas sem, em múltiplos casos, a competência técnica e o mérito que tais cargos exigem.

A desresponsabilização directa do Estado tem-se caracterizado ou pela pura e simples privatização de serviços públicos ou pela criação de formas, ditas mais expeditas e ágeis, de estruturas alternativas à administração pública clássica – como é o caso dos Institutos Públicos – mas que, na prática, têm constituído mais soluções de *interface* com o aparelho socialista. Esta opção tem tido como consequências uma evidente fragilização e encarecimento para os cidadãos de actividades de fornecimento e manutenção de serviços estratégicos, degradação na prestação de cuidados de saúde e na política educativa, diminuição e desaproveitamento – em múltiplas situações – de competências e saber-fazer que altos quadros da administração pública foram acumulando ao longo de anos da sua vida activa, no aumento dos encargos financeiros do Estado. Os exemplos são muitos. A propósito da privatização de serviços públicos temos o caso da EDP com as consequências que são conhecidas na conservação e manutenção da rede eléctrica nacional e dos centros distribuidores bem como no encerramento de muitos postos de atendimento às populações. Ou o caso da Portugal Telecom com o aumento do preço das chamadas locais e regionais. Ou a cada vez maior insuficiência da rede de cuidados primários de saúde, as insustentáveis listas de espera ou a falta de recursos humanos suficientes.

O problema não se limita ao nosso país. É uma marca do sistema capitalista dominante. Noutros Países, que optaram mais cedo do que em Portugal por soluções privatizadoras e neoliberais, o debate – pressionado e exigido pela

opinião pública – sobre o regresso de determinadas funções públicas à responsabilidade do Estado está na ordem do dia. É o caso, na Califórnia, do fornecimento de energia eléctrica ou da rede ferroviária no Reino Unido da Sra. Thatcher e do Sr. Blair. Em Portugal ainda está na ordem do dia a degradação crescente dos serviços públicos privatizados ou concessionados a entidades não públicas. Mas é urgente passar-se para a fase do debate sobre a responsabilidade e o papel do Estado na salvaguarda do serviço público.

Sem querer especular com a tragédia que envolve o desastre da Ponte Hintze Ribeiro a verdade é que ele também tem a ver, seguramente, com todo este tema. Neste caso com o desmantelamento de determinadas estruturas do Estado e a proliferação de Institutos Públicos. Começa a ser claro que há muito se deixaram de fazer vitórias, manutenções e obras de reparação e conservação de pontes, viadutos e estradas portuguesas. Lembramo-nos todos de, a determinada altura, se ter descoberto que a maioria dos postos SOS nas auto-estradas não funcionavam. Agora, descobrimos que o desmantelamento do polvo que era a JAE e a sua substituição por três institutos (porventura três novos polvos) se fez sem a salvaguarda de soluções de continuidade entre as várias instituições, com o desaproveitamento de muitos quadros de alta valia técnica, com a nomeação para a frente de muitos deles de gestores públicos, excepcionalmente bem remunerados, autistas e arrogantes – quando não incompetentes e irresponsáveis – que a ninguém parecem prestar contas. O caso paradigmático do presidente do IEP, ICOR e ICERR é só o exemplo mais gritante e mais recente posto em relevo pelo desastre de Entre os Rios/Castelo de Paiva. É a lógica dos interesses do aparelho rosa a sobrepor-se à lógica do serviço público o que, no caso vertente, se acaba por voltar contra o próprio Governo e o próprio Partido Socialista mas sobretudo – e isso é que importa – se acaba por voltar contra as populações e o País.

Importa, pois, abrir no País todo um debate, que o PCP pode e deve impulsionar, sobre as políticas e funções públicas de que o Estado não pode abdicar bem como os melhores caminhos para desburocratizar e tornar mais transparente e eficiente (e não o contrário) a Administração Pública portuguesa.

Apreciação favorável a diplomas do PCP sobre branqueamento de capitais

## Combater o crime organizado

**Alterações qualitativas poderão em breve ocorrer no plano da prevenção e combate ao branqueamento de capitais provenientes de actividades criminosas. O caminho foi aberto por dois projectos de lei do PCP que, na semana transacta, estiveram em debate no Parlamento.**

Um deles, aprovado na generalidade, com os votos favoráveis do PCP, PS, PEV e BE e a abstenção do PSD e CDS/PP, institui um programa nacional de prevenção e combate a esse tipo de crime, criando, para o efeito, uma comissão nacional. O outro diploma, que baixou sem votação à comissão especiali-

zada para melhor apreciação, a pedido da bancada comunista, altera várias disposições legais visando prevenir e punir o branqueamento de dinheiro.

Na base destas iniciativas, que correspondem ao honrar de um compromisso por si assumido nas últimas eleições, está o inconformismo do PCP quanto aos «fráquíssimos resultados» até agora obtidos em matéria de combate ao branqueamento de capitais.

Esta é, aliás, uma realidade incontornável, sobre a qual toda a gente parece estar de acordo, nomeadamente, como assinalou no debate o deputado António Filipe, quanto à «enorme dimensão e gravidade do branqueamento de dinheiro proveniente do crime organizado», da mesma maneira que é reconhecida a «insuficiência prática dos meios de combate que contra ele têm sido mobilizados».

O próprio Governo, que



**É preocupante a dimensão e gravidade do branqueamento de dinheiro proveniente do crime organizado**

participou no debate através do ministro da Justiça, reconhece ser este o quadro, tendo-se comprometido a apresentar um diploma ainda nesta sessão legislativa, logo que seja aprovada uma directiva do

Conselho Europeu, o que se espera que aconteça ainda este semestre.

Pode dizer-se, pois, em síntese – perante o reconhecimento de que o problema existe e de que não está a ser fortemente combatido –, ter havido da parte do PS uma generalizada concordância em relação aos aspectos essenciais suscitados pela bancada comunista, embora fazendo depender as suas posições finais do que vier a ser aprovado pela União Europeia.

Já exactamente o mesmo não se pode dizer no que se refere à posição do PSD e do CDS/PP. Com a sua abstenção, tudo o indica, não escondem a sua reserva relativa-

mente a algumas das medidas preconizadas pela formação comunista, nomeadamente quanto à eliminação de obstáculos no acesso a informação bancária.

Esta «agilização da quebra do segredo bancário», como

lhe chamou António Filipe, constitui, de resto, recorde-se, um dos aspectos pelo qual o PCP se tem batido, sobretudo quando esteja em causa o inquérito, instrução ou julgamento de processos relativos a branqueamento de capitais.

Proposto pela bancada comunista é ainda o alargamento do prazo de suspensão de operações bancárias suspeitas, bem como a extensão da criminalização do crime de branqueamento a formas graves de criminalidade que ainda não estão abrangidas.

Previsto, de acordo com o articulado de um dos diplomas, é também o alargamento dos deveres de comunicação e notificação que impedem sobre as entidades que intervenham na contabilidade, auditoria financeira, transpore de bens e valores ou como intermediárias de negócios que envolvam montantes financeiros elevados.

Defendida pela bancada do PCP é igualmente a obrigação de identificação e conservação por um período de dez anos dos registos das transacções à distância.

## Pesar pela tragédia do Douro

Vai ser realizado um inquérito parlamentar às circunstâncias que motivaram o fatídico colapso da ponte que ligava Entre-os Rios e Castelo. Proceder à investigação para apurar responsabilidades é o principal objectivo desta iniciativa anunciada pela bancada socialista e prontamente acolhida pelos restantes partidos.

O presidente do Grupo Parlamentar do PCP, Octávio Teixeira, em declarações ao «Diário de Notícias», mostrou-se favorável à realização desta diligência por parte da Assembleia da República. É também para isso que servem os inquéritos parlamentares, ou seja, segundo a lei, disse, para «investigar os actos de Governo e dos organismos da administração pública».

Um voto de pesar pelo trágico acidente de que resultou um número ainda indeterminado de mortos foi entretanto aprovado, por unanimidade, pela Assembleia da República. Subscrito por deputados de todas as formações parlamentares, o texto expressa o «sincero e dorido voto de pesar pela perda de tantas vidas, pela dor e pelo luto de tantas famílias, endereçando a estas as condolências mais solidárias e mais sentidas».

Fazendo votos para que «tão rapidamente quanto possível sejam recuperados e possam repousar em paz os corpos das vítimas, garantindo às respectivas famílias o apoio material e psicológico a que têm direito», a Assembleia da República manifesta ainda o seu desejo no sentido de que

«seja restabelecida uma forma provisória e expedita de ligação entre as duas margens do rio Douro» e concretizado «sem demora o projecto de uma ligação definitiva».

«O País, todo ele, que acompanha através dos órgãos de comunicação social o relato do ocorrido, solidário com a dor maior dos que perderam os seus, questiona-se sobre como foi possível ter acontecido o que aconteceu, sobre que causas, sobre que eventuais responsabilidades, tão certo é tratar-se de um acidente fora da visão mais pessimista das coisas», pode ler-se no documento aprovado, onde se considera que «é naturalmente exigível o total esclarecimento do que, a esse respeito, puder ser esclarecido».

## Arsenal do Alfeite

O Grupo Parlamentar do PCP solicitou esclarecimentos ao Governo sobre eventuais alterações ao modelo de gestão do Arsenal do Alfeite. Em causa está a elaboração de uma proposta de prestação de serviços de consultoria financeira, pedida pelo ministro da Defesa Nacional ao Banco Português de Investimento, visando o estudo, concepção e apoio de um modelo empresarial para o Arsenal do Alfeite. Segundo aquela proposta, como assinalam os deputados comunistas Vicente Merendas e João Amaral em requerimento dirigido ao Executivo, a reestruturação da empresa implicará uma alteração do seu regime jurídico e institucional, bem como da sua forma de gestão, abrindo igualmente caminho a futuras parcerias estratégicas. O que pode originar, face ao novo modelo, limitações de integração do regime actual de pessoal na nova estrutura empresarial. Ora são estes aspectos que preocupam os deputados comunistas e que os levam a questionar o Governo sobre as medidas que pensa adoptar para defender o futuro do Arsenal do Alfeite, ao serviço da Marinha e do País e salvaguardar os postos de trabalho de todos os seus trabalhadores.

## Agricultura no Alentejo

O deputado comunista Lino de Carvalho realiza no próximo dia 19 uma série de encontros com representantes de agricultores do distrito de Évora. Avaliar o estado da agricultura, depois das intempéries que assolaram a região, constitui o objectivo destas reuniões de trabalho. O parlamentar do PCP avistar-se-á com a Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Produção, a Associação Nacional dos Pequenos e Médios Agricultores e a Associação Nacional dos Produtores de Cereais. Lino de Carvalho reunirá ainda, no Alandroal, com a delegação da CNA Alentejo, pelas 14 horas, a que se seguirá um encontro com agricultores.

## Pílula do dia seguinte

O diploma sobre contracepção de emergência, que introduz a pílula do dia seguinte, foi aprovado na passada semana em comissão parlamentar pelo PCP, PS, BE e PEV. Esta viabilização, que contou com o voto contra do PSD, resulta da síntese de projectos de lei do PS, PCP e BE. A lei garante o recurso atempado à contracepção de emergência, ou seja, a utilização pela mulher de uma pílula anticoncepcional «nas primeiras 72 horas após uma relação sexual não protegida, não consentida ou não eficazmente protegida por qualquer outro meio anticoncepcional regular». A chamada «pílula do dia seguinte» será distribuída gratuitamente nos centros de saúde, nas consultas de planeamento familiar, de ginecologia e de obstetrícia dos hospitais e também nas farmácias, mediante a apresentação ou não de receita médica. Uma proposta de adenda do PCP para estender a distribuição aos estabelecimentos de ensino superior e aos locais de trabalho não foi aprovada.

# Associações de mulheres em projecto de lei do PCP Construir a igualdade de direitos

**Dar um novo passo no sentido de eliminar a discriminação e promover a igualdade entre homens e mulheres, eis, em síntese, um dos objectivos do projecto de lei do PCP que reforça os direitos das associações de mulheres.**

No diploma, recentemente entregue no Parlamento, são estabelecidos os direitos de actuação e participação das associações de mulheres, bem como o regime geral de apoio às suas actividades.

Depois de ter assumido relevante papel na criação de legislação específica destinada a combater a discriminação e a construir a igualdade de direitos entre os dois sexos - leis visando esses objectivos foram aprovadas em 1988 e 1997 a partir de iniciativas legislativas da sua autoria -, a bancada comunista volta a assumir a dianteira e a constituir-se em motor para a consagração de novos dispositivos que reforcem os direitos das mulheres.

**As associações de mulheres têm um papel fundamental no combate à discriminação**

No caso do presente diploma, como é sublinhado na nota preambular do diploma, trata-se de acolher os direitos já consagrados, medida esta encarada pelos deputados do PCP como um imperativo face à dispersão legal do quadro actual e à necessidade de reforçar os direitos das associações de mu-

lheres.

Prevista é, nomeadamente, com aquele objectivo, a valorização do papel das associações de mulheres aos diversos níveis (nacional, regional e local), assegurando-se simultaneamente a consagração do direito de representação junto dos diversos organismos consultivos que funcionam junto de entidades públicas com



Tem sido um longo caminho o da luta pela igualdade de direitos

competência na definição de políticas que de alguma maneira digam respeito à situação das mulheres.

Realece, no articulado do projecto de lei, merece ainda o reconhecimento de alguns direitos das associações que permitam alguma

disponibilidade para o exercício da actividade associativa, e, bem assim, noutro plano, o alargamento do tipo de apoios a conceder pelo Estado às associações de mulheres. Está neste último caso, por exemplo, o apoio através de ajudas de carac-

ter técnico e financeiro a programas, projectos e acções, próprios ou em parceria, apoios estes suportados na premissa de que o Estado deve claramente contribuir para melhorar a qualidade de intervenção das associações de mulheres.

## Pessoal operário na administração pública Dignificar as carreiras

Valorizar as carreiras operárias na administração pública. Com esse objectivo elaborou o Grupo Parlamentar do PCP um projecto de lei, recentemente entregue no Parlamento, que introduz alterações aos diplomas vigentes que regulam esta matéria (D.L. 518/99, D.L. 404-A/98 e 412-A/98).

Em causa está o que a bancada comunista considera ser a desvalorização profunda, quer económica quer socialmente, da prestação de trabalho em áreas determinantes da actividade autárquica, sobretudo a que está ligada à «produção industrial» e as correspondentes carreiras profissionais normalmente designadas por «carreiras operárias».

Entendem os deputados comunistas que esta situação não pode deixar de

constituir um factor que pesa na motivação desses trabalhadores, motivação esta encarada como fundamental se se quer um serviço público eficiente capaz de responder às necessidades colectivas.

É a esse problema que o presente diploma procura dar resposta ao dignificar as diversas carreiras operárias, mediante a sua integração nos níveis de qualificação adequados, isto sem perder o equilíbrio com a carreira administrativa e com a carreira técnico-profissional.

Preconizado no diploma é também a extinção da categoria de ajudante na base da carreira, bem como a redução do tempo de aprendizagem e a redução do universo de trabalhadores para o preenchimento dos lugares de

encarregados e de encarregado geral.

Nota de relevo, de acordo com o articulado do diploma, merece também a criação de novas categorias profissionais na carreira de operário altamente qualificado e a possibilidade de criação pelos municípios da carreira de artesão, no grupo de pessoal operário altamente qualificado.

Recorde-se que estes trabalhadores desempenham tarefas em serviços públicos essenciais, da responsabilidade directa das autarquias ou de empresas municipais, como sejam, entre outros, a exploração e fornecimento de água às populações, serviços de higiene e limpeza, saneamento básico, administração de equipamentos colectivos de natureza cultural, desportiva e recreativa.



Algumas carreiras da administração pública têm sido desvalorizadas económica e socialmente

Jorge Sampaio  
toma posse como  
Presidente da República

## Por uma magistratura activa

Jorge Sampaio prestou juramento como Presidente da República, no passado dia 9, iniciando um segundo mandato do cargo. Numa cerimónia solene, embora não festiva, dados os trágicos acontecimentos em Castelo de Paiva, Sampaio afirmou ao assumir as mais altas responsabilidades do Estado o seu propósito de ter uma «magistratura activa».

Num discurso interpretado pela generalidade dos observadores como fortemente crítico em relação ao Governo, o Presidente fez saber que ninguém deverá esperar dele, em nenhum momento, qualquer «contemplação com a desatenção, com a falta de empenhamento na solução dos problemas, com o arrastamento das decisões».

«Não podemos ficar surdos perante as críticas quando justas, e inertes perante as exigências, quando legítimas, disse Jorge Sampaio, que não escondeu a sua vontade de exercer um «magistério de iniciativa».

A promessa de «atenção redobrada» ao curso da governação e de maior proximidade aos problemas e expectativas dos portugueses constituiu outra nota saliente na intervenção do Presidente da República, que, significativamente, recolheu o aplauso unânime de todos os partidos.

Percorrendo vários temas em que sobreveio como traço comum a ideia de exigência e de responsabilidade, Jorge Sampaio, reportando-se a questões de grande actualidade e que são hoje motivo de preocupação dos portugueses - como a segurança e o funcionamento do Estado -, lembrou que «a segurança e a tranquilidade dos portugueses dependem muito da credibilidade do Estado e da Administração Pública». E por isso, alertou, «só com rigor e transparência asseguraremos essa credibilidade», do mesmo modo que «só com qualificação, modernização e racionalização de meios garantiremos a eficácia».



● Isabel Araújo  
Branco

texto

● Jorge Caria  
e Sérgio Morais

fotos

Bolsas, cantinas e residências  
não chegam para todos os estudantes

# Sobreviver no ensino superior

O ensino superior está a degradar-se e os estudantes não hesitam em apontar o dedo à lei de financiamento. A situação da acção social escolar é cada vez mais grave, com cantinas e residências em número insuficiente e com uma qualidade baixa. As bolsas de estudo estão longe de chegar a todos os que delas precisam. Representantes de três associações de estudantes falam sobre estas e outras questões.

Maria Antónia Coelho está no 5.º ano de Escultura da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e tem dois empregos para suportar as despesas do curso. Há um ano decidiu procurar um emprego para conseguir fazer face ao elevado orçamento que a família tinha de suportar com a licenciatura, mesmo sabendo que lhe iriam retirar a bolsa de

estudo que recebia no valor de 20 mil escudos.

Hoje dá explicações e aulas de expressão plástica a crianças num ATL, depois de ter trabalhado como telefonista no 118 da Portugal Telecom. Falta a muitas aulas e segue a matéria com os apontamentos dos colegas. «Sinto-me muito cansada e desmotivada. Já não quero ter

boas notas, só quero acabar o curso. Enquanto não acabar, não me consigo dedicar a cem por cento ao trabalho», conta Antónia.

Tirar um curso superior é muito dispendioso, mas os valores sobem se se tratar de uma licenciatura em Belas-Artes. «Posso gastar 30 ou 40 contos numa avaliação», diz Antónia, explicando que muitas vezes opta por fazer trabalhos com material mais barato, apesar das consequências na qualidade e, inevitavelmente, na nota dada pelo professor.

Este caso está longe de ser único, tanto nas licenciaturas de Belas-Artes, como em todo

mas a realidade não é essa. «Somos contra a lei por princípio, por os estudantes serem obrigados a contribuir financeiramente para a sua educação. Mas discordamos ainda mais quando as verbas estão a ser desviadas para outras coisas, como o pagamento dos salários dos professores e dos

para casa a avisar os pais que os filhos ainda não tinham pago as propinas e a lembrar quais eram as sanções», lembra Ricardo.

«Foi o próprio reitor que, no ano passado, avisou que o orçamento da Universidade Nova não permitia sequer pagar os salários dos professores, os quarenta mil contos das verbas das propinas teriam de ser utilizados só para isso», afirma Ricardo Noronha.

Existem 10 mil  
camas em  
residências,  
ou seja, quatro  
camas por cada  
100 alunos



Telmo Alcobia



Ricardo Noronha



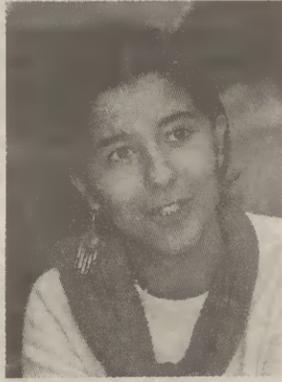
Inês Fernandes



Raquel Pedro



João Calado



Paula Santos



Bibliotecas pequenas e falta de material informático e de laboratório são muito comuns



Cantina da Faculdade de Ciências: capacidade para 300 pessoas, apesar de haver 6 mil alunos

o ensino superior português. As associações de estudantes apontam como grande responsável a Lei de Financiamento do Ensino Superior e criticam a forma como esta está a ser aplicada. O *Avante!* falou com três associações de estudantes que estão por princípio contra as propinas - Faculdade de Ciências, Faculdade de Belas-Artes e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, as três de Lisboa - e todas são unânimes em condenar o desinvestimento na educação e as graves carências da acção social escolar, em especial no que diz respeito a bolsas de estudo, residências e cantinas.

## Propinas pagam luz

O Governo prometeu que o valor das propinas seria usado na melhoria das condições das instituições e para um acréscimo da qualidade,

funcionários ou as contas da luz e da água», declara Inês Fernandes, da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Ricardo Noronha, da AE da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova tem a mesma opinião: «Não devíamos pagar propinas, pagamos para o Estado se desresponsabilizar.»

A FCSH é uma das instituições onde o boicote às propinas foi mais prolongado. «No primeiro prazo, houve quase três mil pessoas a boicotar, o que é mais de metade dos estudantes. Progressivamente, o número foi diminuindo, porque choviam cartas

## Orçamento diminui

Para Raquel Pedro, da AE de Belas-Artes, o Orçamento de Estado de 2001 para o ensino superior «é um dos piores dos últimos cinco anos: não tem em conta a inflação, o aumento do número dos estudantes, os aumentos salariais dos professores e dos funcionários, nem que as Escolas Superiores de Enfermagem passaram a ser da tutela do Ministério da Educação. Além disso, há um decréscimo na acção social. O aumento de que se falou não passa de uma campanha de marketing».

«É óbvio que o Orçamento de Estado não vai chegar»,

afirma Ricardo Noronha, dizendo que 92 por cento das receitas próprias da faculdade são de propinas, taxas de emolumentos e taxas de inscrição de frequências e exames, ou seja, tudo pago pelos estudantes.

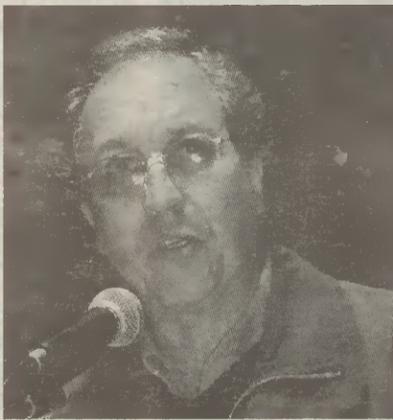
«O Ministério da Educação diz que as instituições têm dinheiro que chegue, mas não sabem geri-lo bem. Nós podemos controlar as contas da faculdade nos órgãos de gestão e o dinheiro é todo contado, não há aumentos nem se contratam professores novos em departamentos onde eles são necessários. Por exemplo, o departamento de História perdeu vários professores e não foram contratados outros para o seu lugar.»



As comemorações dos 80 anos do PCP

# Honrando a luta de gerações

«Ao dar início a este comício comemorativo dos 80 anos do Partido Comunista Português, queremos começar por prestar uma justa e sentida homenagem a todos os comunistas que, pela sua luta abnegada ao longo de oito décadas, criaram, defenderam e afirmaram um grande Partido nacional, o Partido Comunista Português.» Foi desta forma que Rosa Rabiais, da Comissão Política do Comité Central, iniciou o período de intervenções políticas do grande comício de aniversário do PCP, realizado no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, no passado dia 9 de Março. Para a responsável pela Organização Regional de Lisboa, o PCP é composto por «homens, mulheres e jovens que, honrando a luta de gerações de comunistas, renovam o compromisso de prosseguir e transmitir às novas gerações, o seu combate pelo fortalecimento da democracia, pela justiça social, pela liberdade, pelo desenvolvimento do País e o bem-estar do Povo, afirmando o papel determinante e insubstituível do PCP no processo transformador e progressista da sociedade portuguesa». Em nome da JCP interveio Félix Magalhães, de 16 anos. Para este membro da Direcção Nacional da JCP, comemorar os 80 anos do PCP é comemorar largos anos de «dedicação constante pela defesa dos interesses da classe operária e de todos os trabalhadores, da juventude e do povo português». «Ao mesmo tempo que comemoramos 80 anos de Partido, comemoramos 80 anos de existência das juventudes comunistas», afirmou o jovem militante que lembrou que «a primeira organização de jovens comunistas foi fundada em Julho de 1921». Os jovens comunistas, para Félix Magalhães, «adaptando a cada situação concreta diferentes formas de intervenção e de organização, mantiveram-se sempre na linha da frente na consciencialização e na mobilização da juventude portuguesa na luta pelos seus direitos». E sempre «de braços dados com o seu Partido». Mas a festa começara antes, com a actuação do grupo coral dos trabalhadores da autarquia do Seixal, a leitura, por parte de Fernanda Lapa, de dois poemas – de José Gomes Ferreira e de Pablo Neruda – e com a certeza de Manuel Freire de que «não há machado que corte a raiz ao pensamento». Não sem antes cantar, em uníssono com a audiência os parabéns ao PCP com os acordes d'«A internacional». A fechar o momento político, e antes dos hinos, cantados por toda a gente presente e sentidos por muitos ausentes, tomou a palavra o secretário-geral do Partido, Carlos Carvalhas, cuja intervenção publicamos a seguir.



Intervenção de Carlos Carvalhas, no comício do Coliseu, em Lisboa

## Ninguém nos pode fechar as portas do futuro

Camaradas e amigos:

Como tem acontecido e vai continuar a acontecer em tantos outros pontos do País, aqui nos reunimos, hoje em Lisboa, para evocarmos e celebrarmos, com repetida emoção e renovado orgulho, os 80 anos de vida e de luta do nosso Partido, o **Partido Comunista Português**.

E, nesta ocasião, a primeira constatação que importa fazer em favor da verdade e da justiça é que se o nosso Partido, nascido e fundado no vigésimo primeiro ano do século passado, chega assim ao primeiro ano de um novo século e de um novo milénio não é por força do acaso, da sorte ou do destino.

Se como Partido estamos hoje a comemorar, como nenhuma outra força ou corrente política portuguesa pode fazer, 80 anos de vida e de luta é porque a criação e todo o percurso do nosso Partido corresponderam a uma real necessidade da classe operária e dos trabalhadores portugueses, é porque, atravessando as tempestades, convulsões e batalhas do século XX, o PCP soube manter, afirmar e desenvolver as suas raízes profundas no povo português, soube interpretar, dar voz e servir as grandes e nunca vencidas aspirações dos portugueses a uma sociedade de liberdade, justiça e progresso social, soube sempre exprimir o horizonte e o anseio de uma nova sociedade, libertadora da exploração do homem pelo homem, o socialismo.

E, ainda mais justo e mais verdadeiro que tudo o mais, se chegamos à celebração

dos 80 anos do PCP, não como a celebração de uma mera sobrevivência mas como uma celebração de 80 anos de vida vivida, com verticalidade e de cabeça erguida e marcada por um imenso, incomparável e inapagável património de heroísmo, dedicação, generosidade, luta, empenho transformador e determinação revolucionária que influenciaram decisivamente a história nacional nas últimas oito décadas, é porque, de 1921 até aos nossos dias, sucessivas gerações de milhares e milhares de homens e mulheres, numa gesta cuja grandeza, riqueza e dimensão nunca se conseguirá reconstituir plenamente, contribuíram com as suas energias, os seus sacrifícios, a sua combatividade, a sua inteligência, a sua dedicação aos interesses dos trabalhadores e do povo, a sua adesão convicta aos ideais comunistas para construir, por entre derrotas e vitórias, tristezas e alegrias, desilusões e esperanças, uma trajectória histórica que nos honra e que sobretudo cria para todos nós e para os comunistas vindouros a indeclinável responsabilidade de tudo fazer para continuar a honrar, prosseguir, desenvolver e enriquecer. Certos de que **se ninguém nos pode tirar este passado marcante de 80 anos também ninguém nos poderá fechar as portas de um largo e esperançoso futuro para o nosso Partido**, o futuro para que olhamos, o futuro de crescimento e avanço para que estamos voltados, o futuro que queremos ganhar.

Falando dos homens e das mulheres que fizeram a história do nosso Partido ao



a fazer história  
a construir futuro



a fazer história  
a construir futuro

## Intervenção de Carlos Carvalhas

longo destes oitenta anos da sua vida, naturalmente que a nossa memória, o nosso reconhecimento e a nossa gratidão se dirigem em especial para muitos — e de muitos outros sabemos os nomes — que pelo seu heroísmo, coragem ou relevante papel deram um pouco destacada contribuição para a luta do PCP e que, por isso mesmo, se o preconceito não vencer a verdade e se a cegueira não derrotar a justiça, merecem ser considerados grandes protagonistas da história de Portugal no século XX.

Mas estamos certos que os que felizmente continuam connosco na luta pelas convicções e ideais comunistas, precisamente porque deram o melhor de si próprios pela nossa causa sem esperar medalhas, consagrações ou honrarias, serão os primeiros a estar de acordo que, nesta celebração dos 80 anos do nosso Partido, evoquemos não o que o Partido deve mas o que a liberdade, a democracia, o povo português e Portugal devem a todos os homens e mulheres comunistas que, na medida das suas forças, capacidades e possibilidades, seja nos primeiros e incertos passos até 1926, seja nos 48 anos de ditadura fascista, seja nestes 26 anos já passados sobre a inesquecível e gloriosa Revolução de Abril, ergueram linhas de resistência à repressão e ao terror fascistas, desenharam horizontes de esperança mesmo nos momentos mais desesperados e sombrios, desbravaram e rasgaram o áspere caminho para a conquista da liberdade, impulsionaram conquistas e transformações sociais, económicas, culturais e políticas de alcance histórico, animaram e animam um combate que prossegue por ideais, valores e objectivos democráticos e de esquerda.

mentos que considera válidos e úteis para o prosseguimento do nosso combate.

Permitam-nos por isso que aqui sublinhemos o que, a nosso ver, tem a maior importância e actualidade para o presente e o futuro da nossa intervenção:

— a capacidade que o nosso Partido teve de promover uma larga e activa política de unidade e de ter, entre outros aspectos, favorecido uma forte e sólida aliança das forças do trabalho e da cultura que se revelou de decisiva importância na resistência ao fascismo e na construção do Portugal de Abril;

— a humildade que, em geral, o nosso Partido teve de não se julgar detentor de todas as verdades e de toda a sabedoria e de, antes pelo contrário, saber aprender no diálogo e no confronto crítico com outros e, sobretudo, saber aprender com os trabalhadores e com o povo;

— a capacidade que, em geral, o nosso Partido teve de compatibilizar as suas responsabilidades próprias de força na vanguarda com uma concepção clara e sólida sobre a importância e o papel determinante da própria iniciativa, opinião e intervenção directa dos trabalhadores e dos cidadãos na defesa dos seus interesses e aspirações;

— a comprovada capacidade que, em geral, o nosso Partido teve para viver e lutar sabendo harmonizar uma indispensável fidelidade aos seus grandes valores, objec-



Os 80 anos de uma vida intensamente vivida e de uma luta apaixonadamente travada só por si podem não dar resposta a todas as interrogações do presente e do futuro, podem não ser a solução para todos os problemas e desafios que temos pela frente, podem não ser a receita milagrosa para as dificuldades que temos de vencer hoje e amanhã. Mas representam sem dúvida um valioso e insubstituível património de experiência, de luta e sobretudo de enraizamento social e nacional que constitui um grande estímulo para a nossa acção empenhada e criadora para fortalecer o nosso Partido e dar corpo às resoluções do nosso XVI Congresso e um inestimável factor de confiança para os combates que os comunistas portugueses vão travar neste novo século.

Sempre com os trabalhadores, sempre com o povo português, sempre com a democracia, sempre pelo socialismo, sempre por Portugal, sempre com a causa universal da dignidade e emancipação humana. Sempre a fazer história e a construir futuro.

### Algumas lições da nossa história

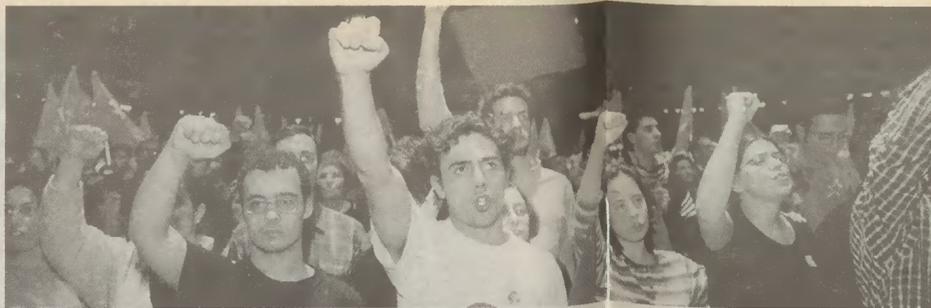
Olhando os 80 anos de vida e de luta do nosso Partido, de acordo com a sensibilidade, memória e visão das coisas, cada um de nós pode encontrar muitas lições e ensina-

mentos e à sua identidade comunista com processos de rectificação, mudança e renovação exigidos pela vida e por novas situações e realidades;

— a capacidade que, em geral, o nosso Partido teve de criar e desenvolver regras de trabalho e direcção colectivas, avessas ao culto acrítico de «chefes» ou a perigosas devoções a homens providenciais, e de regras e princípios de trabalho e direcção colectivos que acolhem, coexistem e se enriquecem com a responsabilidade, a iniciativa e o mérito individuais;

— a capacidade que o nosso Partido teve de associar a intervenção e a luta imediata, ainda que por objectivos concretos e limitados, com o processo de afirmação dos seus objectivos e projecto político de mais larga perspectiva e de unir formas de acção e planos de intervenção muito diferenciados num processo de transformação da realidade e de acumulação de forças;

— e, por fim, entre tantas outras lições, a capacidade que em geral o nosso Partido e os comunistas tiveram de viver e lutar ao longo de oitenta anos, não perguntando ou querendo adivinhar ou anunciar o dia exacto da vitória ou das vitórias pela quais lutava, mas antes se concentrando na árdua tarefa de juntar forças e vontades, de agregar esforços e de multiplicar as lutas indispensáveis ao caminho para a vitória.



## Um governo em pleno declínio

Neste comício queremos também daqui reafirmar o nosso pesar e a nossa solidariedade aos familiares das vítimas da derrocada da ponte de Entre-os-Rios.

O que se passou não deixa ninguém indiferente e é lamentável que não se tenha atendido às reivindicações daquelas populações que inclusivamente já tinham feito um corte de estrada reclamando uma nova ponte e aos alertas oficiais que ao que parece morreram na burocracia.

Importa que se tirem lições para o futuro, se vistorie as pontes e pontões que indicem falta de segurança e se dê resposta rápida a rupturas de circulação verificadas noutros pontos do país como é o caso da Ponte da Ribeira da Foupana entre Mértola e Vila Real de Santo António, que é uma via de grande circulação para o Algarve.

Importa ainda que com realismo se atente nas fragilidades e debilidades do nosso país e não se distaie com fantasias ou se pense que as mesmas se ultrapassam com discursos sobre a Internet e as novas tecnologias.

Há muito que quadros técnicos da JAE advertem que a manter-se esta situação em consequência da divisão daquele Instituto, não só as reparações se vão atrasar enormemente como a degradação das estradas e sobretudo das vias secundárias se vai acelerar, com acrescidas rupturas de circulação e factores de insegurança rodoviária.

Para se virar à esquerda, para se fazer progredir o país e combater as injustiças sociais é necessário concretizar uma política que dê prioridade às actividades produtivas, e não as actividades especulativas e parasitárias, que ponha fim às privatizações e à entrega de empresas básicas e estratégicas ao estrangeiro, que se estimule a eficiência, a organização e a modernização da economia e não os baixos salários, que se olhe para as pequenas e médias empresas e não se privilegie os grandes grupos económicos.

Para se virar à esquerda, para se fazer progredir o país e combater as injustiças sociais é necessário concretizar uma política que dê prioridade às actividades produtivas, e não as actividades especulativas e parasitárias, que ponha fim às privatizações e à entrega de empresas básicas e estratégicas ao estrangeiro, que se estimule a eficiência, a organização e a modernização da economia e não os baixos salários, que se olhe para as pequenas e médias empresas e não se privilegie os grandes grupos económicos.

A luta contra o desmantelamento do sector público, os despedimentos, o bloqueamento da contratação colectiva e a desvalorização dos salários é a melhor resposta dos trabalhadores e do Partido à política que o Governo insiste em prosseguir.

As greves e as acções de rua dos trabalhadores do Arsenal, OCGE, OGME e OGMAS, em defesa dos estabelecimentos fabris das forças armadas, a acção convergente das organizações dos trabalhadores dos transportes, em defesa da função social dos transportes, dos seus direitos e dos direitos da população utente são exemplos que daqui saudamos e apoiamos.

O desaparecimento a curto prazo só em quatro empresas de mais de 2500 postos de trabalho na Siderurgia Nacional, na AutoEuropa, na Clark, na Indelma, como consequência de uma política virada para a desvalorização e destruição do aparelho produtivo nacional é tanto mais grave quando se verifica o número crescente dos vínculos laborais precários, que atingem já cerca de um milhão de trabalhadores onde os jovens e as mulheres são os alvos preferenciais.

Inevitavelmente, esta insegurança, esta espécie de vale-tudo, resultante da diversidade de contratação e subcontratação precária, conduz ao aumento da sinistralidade e dos acidentes de trabalho, escandalosamente aproveitados pelas seguradoras como um negócio altamente lucrativo, à custa dos trabalhadores vitimados.

Não nos limitamos à denúncia. No quadro da iniciativa legislativa apresentámos projectos de lei, que a serem aprovados, darão

combate ao abuso dos contratos a prazo e valorizarão as pensões e reformas dos acidentados do trabalho e dos que sofrem de doenças profissionais.

A luta por melhores salários, tendo em conta o aumento do custo de vida e o distanciamento dos salários dos trabalhadores portugueses em relação à média dos salários dos trabalhadores da União Europeia, é não só justa como necessária.

Mas as associações do grande capital, e nomeadamente, a associação de banqueiros, coitadinhos, com a prestimosa ajuda do governador do Banco de Portugal e de alguns economistas que fizeram escola no consulado cavaquista, vêm proclamar não só a contenção como até a redução dos salários animando, assim o bloqueamento da contratação colectiva e a pressão negativa nas negociações nos sectores bancário, da construção, da têxtil, vestuário, gráficas e cortumes, abrindo caminho para desde já vir a justificar no futuro próximo o aperto aos salários dos trabalhadores da Administração Pública.

A decisão da CGTP-IN de convocar uma jornada nacional de luta, a realizar em Lisboa e no Porto em 24 de Março, precedida de lutas em várias empresas e sectores e das comemorações do dia 8 de Março, demonstram a vontade e a vitalidade do movimento operário e sindical para lutar por uma vida melhor para quem trabalha.

Nesse combate, com essa confiança e solidariedade, estará o Partido Comunista Português!

Aqui, deste comício queremos saudar os trabalhadores em luta, e a grande central sindical dos trabalhadores portugueses a CGTP-IN.

Queremos também daqui saudar a luta dos estudantes por melhor ensino e contra a sua elitização, pelo fim do *numerus clausus*, por uma intervenção séria no ensino básico e secundário, com a participação de professores e alunos e saudar muito especialmente a JCP, a juventude do PCP.

A dita paixão pela educação, tal como a segunda pela saúde têm tido os resultados conhecidos.

Na saúde basta olhar para as sucessivas derrapagens orçamentais, para as listas de espera, para a política do medicamento, para a promiscuidade entre o público e o privado, para a gestão neoliberal e casuística para concluirmos que o melhor seria que o Primeiro-Ministro nunca tivesse nem a primeira nem a segunda dita paixão.

Embora o nosso comício tenha tido lugar um dia após o 8 de Março, queria aqui, não por rotina ou simples tradição, mas de acordo com os nossos valores e a nossa luta de muitos anos, saudar a luta das mulheres pelos seus direitos, a sua luta pela intervenção em igualdade e o Dia Internacional da Mulher, símbolo maior de uma longa caminhada das mulheres pela conquista, defesa e afirmação dos seus direitos, símbolo maior de um dos grandes combates civilizacionais que atravessaram o século XX e que neste novo século terá novos avanços contra preconceitos e discriminações, contra estrangulamentos e condicionamentos sociais, económicos, políticos e culturais, que ainda hoje permanecem na sociedade portuguesa.

**A insegurança — questão essencialmente social**

Estreitamente ligada à situação económica e social, às desigualdades, à falta de pers-

pectivas para tantos e tantos jovens, à toxicidade dependência, à marginalização de imigrantes está a **questão da segurança** que tem vindo a preocupar crescentemente os que vivem e trabalham na área metropolitana de Lisboa, mas podemos dizê-lo tem vindo a preocupar o país.

De facto é uma verdade incontestável que a situação nacional em matéria de segurança e tranquilidade pública se tem agravado, como o comprova, por exemplo, o aumento dos roubos na via pública.

As responsabilidades desta evolução negativa nestes últimos anos pertencem incontestavelmente ao Governo PS quer pela sua política de concentração de riqueza, quer pela lentidão na concretização das políticas de proximidade.

Desde logo porque, ao prosseguir no essencial políticas económicas e sociais de direita, o PS acumulou no tecido social asseveradas, desigualdades e injustiças que favorecem o crescimento da criminalidade e insegurança.

Depois porque, em conflito com as suas promessas e as expectativas que criou, o PS não concretizou as políticas de segurança das populações à altura da gravidade da situação, nomeadamente em relação à política de proximidade.

De facto, a política do PS nesta matéria tem sido inconsequente e insuficiente.

Inconsequente na aposta em factores de prevenção, na modernização das polícias e no alargamento dos direitos dos profissionais.

Insuficiente na atribuição dos meios necessários e na melhoria de comunicação com os utentes da segurança pública.

Por isso, para além das profundas alterações nas políticas económicas e sociais mais estruturantes que preconizamos, é imperioso intervir decididamente na área da segurança das populações.

Assim temos feito e continuaremos a fazer, nomeadamente com a apresentação na Assembleia da República, dum conjunto de propostas relativas ao combate ao branqueamento de capitais e à criminalização da economia, aspectos que dizem respeito à chamada criminalidade de colarinho branco e ao combate ao tráfico de droga, com a apresentação a curto prazo de um novo projecto de Grandes Opções de Segurança Interna.

É urgente redistribuir as forças policiais com o objectivo prioritário na prevenção, o que significa um dispositivo tão desconcentrado e próximo das populações quanto possível. Mais esquadras e postos residenciais, em vez das super-esquadras e grandes aquartelamentos.

É urgente também reconverter os efectivos para missões de segurança, só em Lisboa há cerca de 2000 agentes da PSP e 5000 da GNR que não intervêm na prevenção do crime. É necessário utilizar parte significativa destes meios no policiamento de proximidade.

É também necessário e urgente também acabar com a confusão entre militares e polícias, legislar no sentido da evolução civilista da GNR, apoiar a formação técnica e deontológica dos agentes, apostar na sua qualificação e nos seus direitos de cidadania e investir nos programas de segurança das escolas, dos idosos, dos transportes públicos.

Não são precisas nem a prisão perpétua nem o abaixamento da idade de imputabilidade. Temos elevadíssimas taxas de presos, presos preventivos e presos jovens. O que precisamos é de políticas de inserção social,

de apoio à juventude e de prevenção e combate à toxicidade dependência.

Não precisamos de xenofobia nem de restrições às liberdades.

O «velho» reaccionário e populista discurso securitário e repressivo da direita para os telejornais do dia e a demagogia eleitoralista, não resolveu os problemas em nenhuma parte do mundo, antes pelo contrário.

O que precisamos é de políticas de desenvolvimento e de justiça social, de políticas sociais e de segurança ao serviço da comunidade e não ao serviço dos grandes interesses.

E é nesse sentido que o PCP continuará a intervir.

Mas combateremos também os alarmismos e as histerias securitárias e demagógicas, assim como, a perversão dos Serviços de Segurança e de Informação da República. **A este propósito queremos sublinhar que se comprovou que o SIS também já sob a direcção do Governo PS, continuou envolvido em acções ilegais de interceptação e escuta de comunicações e que no caso que agora veio a público com a credibilidade dum inquérito judicial**

recorreu a espões estrangeiros para levar a cabo certas missões sujas.

A subcontratação pelo SIS a partir de Dezembro de 1995 e até uma data não apurada, dum operacional da secreta militar da África do Sul do *apartheid*, que já tinha trabalhado para as informações militares nacionais, particularmente com um agente envolvido num roubo de fichas do PCP, constitui um facto inaceitável da responsabilidade do PS.

O Governo tem de esclarecer as responsabilidades políticas nesta matéria, mas não pode limitar-se a passar as culpas para antigos ministros, como aconteceu com Veiga Simão. A política de informações depende directamente do Primeiro-Ministro e foi sob o Governo PS que estivemos praticamente cinco anos sem Conselho de Fiscalização.

O Governo tem de esclarecer a cobertura dada a um antigo agente estrangeiro acusado de assassinio no seu país e tem de esclarecer as acções em que este senhor participou.

O PCP exige-o, assumindo mais uma vez nesta matéria a defesa da legalidade e do regime democrático.

Uma batalha das autárquicas é a grande batalha política que temos pela frente este ano. É necessário que esta batalha seja assumida na prática por todos os militantes e simpatizantes como uma grande batalha de todo o Partido. O prestígio do projecto autárquico da CDU está estritamente ligado à nossa postura, ao exercício do poder, à gestão participada, ao poderemos com verdade reivindicar-nos dos atributos do trabalho, honestidade, competência e experiência.

Por isso, é com convicção que afirmamos que dar mais força à CDU é defender o Poder Local democrático e plural contra as tentativas que o pretendem perverter. O regresso do bloco central para tentar impor através de uma nova lei eleitoral para as autárquicas, um poder absoluto e sem controlo foi por agora novamente derrotado. Mas é necessário manter a luta e o trabalho de esclarecimento já que este recuo do PS e do PSD não representa qualquer revisão nas suas concepções antidemocráticas mas sim o resultado do isolamento e da contestação que em largos sectores da opinião pública e do próprio meio autárquico se levantaram contra aquelas intenções. Uma vez mais se pode afirmar que valeu a pena a luta e que a intervenção do PCP e dos eleitos da CDU foi decisiva para impedir de novo o desvirtuamento que a política e as concepções de direita queriam impor ao poder local.

E certamente mais à frente o PS voltará a apresentar de novo a alteração à lei eleitoral para as legislativas com os círculos uninominais, procurando ganhar na secretaria aquilo que prevê lhe falte no eleitorado. Se o PS der de novo esse passo terá da nossa parte o combate firme e decidido e estamos convictos que com a opinião democrática também esta nova investida será derrotada.

Dar mais força à CDU é também dar voz ao protesto contra a descarada instrumentalização que o governo vem

fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos em favor da estratégia eleitoral do PS. É denunciar e penalizar o corrupto de ministros e governadores civis de cheque na mão apor esse país fora, a manipulação de programas de emprego e apoio social em função da cor da autarquia, o uso do investimento público de acordo com os confessados objectivos eleitorais do Partido do Governo, a nomeação de socialistas para cargos públicos como plataformas de lançamento das respectivas candidaturas autárquicas, o aproveitamento de reuniões de serviços do Estado para debate de táticas partidárias. Não são invenções. Basta ter presente o papel do até agora ministro Jorge Coelho correndo para Sintra para dar a mão às dificuldades da gestão da Câmara socialista ou anunciando à Federação distrital do PS que os investimentos do seu Ministério não falariam aos concelhos que coincidem com as prioridades eleitorais do seu partido. Ou ver um governador civil anunciar a sua candidatura pelo PS a uma Câmara e confessar que se mantém em funções para melhor poder intervir eleitoralmente.

Dar mais força à CDU é, no ano em que se comemoram 25 anos sobre as primeiras eleições autárquicas, reforçar e afirmar o Poder Local, uma das mais importantes conquistas de Abril, é optar por um projecto de gestão participada, com o envolvimento das populações, por um projecto de progresso e desenvolvimento, de melhoria das condições de vida do povo e de defesa dos seus interesses e aspirações.

Dar mais força à CDU é ampliar o espaço de participação cívica e democrática de milhares de cidadãos que lutam por mais justiça e por uma vida melhor e por isso tudo devemos fazer, com confiança e determinação par o êxito desta batalha.

Dar mais força à CDU é também dar voz ao protesto contra a descarada instrumentalização que o governo vem

fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos em favor da estratégia eleitoral do PS. É denunciar e penalizar o corrupto de ministros e governadores civis de cheque na mão apor esse país fora, a manipulação de programas de emprego e apoio social em função da cor da autarquia, o uso do investimento público de acordo com os confessados objectivos eleitorais do Partido do Governo, a nomeação de socialistas para cargos públicos como plataformas de lançamento das respectivas candidaturas autárquicas, o aproveitamento de reuniões de serviços do Estado para debate de táticas partidárias. Não são invenções. Basta ter presente o papel do até agora ministro Jorge Coelho correndo para Sintra para dar a mão às dificuldades da gestão da Câmara socialista ou anunciando à Federação distrital do PS que os investimentos do seu Ministério não falariam aos concelhos que coincidem com as prioridades eleitorais do seu partido. Ou ver um governador civil anunciar a sua candidatura pelo PS a uma Câmara e confessar que se mantém em funções para melhor poder intervir eleitoralmente.

Dar mais força à CDU é, no ano em que se comemoram 25 anos sobre as primeiras eleições autárquicas, reforçar e afirmar o Poder Local, uma das mais importantes conquistas de Abril, é optar por um projecto de gestão participada, com o envolvimento das populações, por um projecto de progresso e desenvolvimento, de melhoria das condições de vida do povo e de defesa dos seus interesses e aspirações.

Dar mais força à CDU é ampliar o espaço de participação cívica e democrática de milhares de cidadãos que lutam por mais justiça e por uma vida melhor e por isso tudo devemos fazer, com confiança e determinação par o êxito desta batalha.

Dar mais força à CDU é também dar voz ao protesto contra a descarada instrumentalização que o governo vem

fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos em favor da estratégia eleitoral do PS. É denunciar e penalizar o corrupto de ministros e governadores civis de cheque na mão apor esse país fora, a manipulação de programas de emprego e apoio social em função da cor da autarquia, o uso do investimento público de acordo com os confessados objectivos eleitorais do Partido do Governo, a nomeação de socialistas para cargos públicos como plataformas de lançamento das respectivas candidaturas autárquicas, o aproveitamento de reuniões de serviços do Estado para debate de táticas partidárias. Não são invenções. Basta ter presente o papel do até agora ministro Jorge Coelho correndo para Sintra para dar a mão às dificuldades da gestão da Câmara socialista ou anunciando à Federação distrital do PS que os investimentos do seu Ministério não falariam aos concelhos que coincidem com as prioridades eleitorais do seu partido. Ou ver um governador civil anunciar a sua candidatura pelo PS a uma Câmara e confessar que se mantém em funções para melhor poder intervir eleitoralmente.

Dar mais força à CDU é, no ano em que se comemoram 25 anos sobre as primeiras eleições autárquicas, reforçar e afirmar o Poder Local, uma das mais importantes conquistas de Abril, é optar por um projecto de gestão participada, com o envolvimento das populações, por um projecto de progresso e desenvolvimento, de melhoria das condições de vida do povo e de defesa dos seus interesses e aspirações.

Dar mais força à CDU é ampliar o espaço de participação cívica e democrática de milhares de cidadãos que lutam por mais justiça e por uma vida melhor e por isso tudo devemos fazer, com confiança e determinação par o êxito desta batalha.

Dar mais força à CDU é também dar voz ao protesto contra a descarada instrumentalização que o governo vem

fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos em favor da estratégia eleitoral do PS. É denunciar e penalizar o corrupto de ministros e governadores civis de cheque na mão apor esse país fora, a manipulação de programas de emprego e apoio social em função da cor da autarquia, o uso do investimento público de acordo com os confessados objectivos eleitorais do Partido do Governo, a nomeação de socialistas para cargos públicos como plataformas de lançamento das respectivas candidaturas autárquicas, o aproveitamento de reuniões de serviços do Estado para debate de táticas partidárias. Não são invenções. Basta ter presente o papel do até agora ministro Jorge Coelho correndo para Sintra para dar a mão às dificuldades da gestão da Câmara socialista ou anunciando à Federação distrital do PS que os investimentos do seu Ministério não falariam aos concelhos que coincidem com as prioridades eleitorais do seu partido. Ou ver um governador civil anunciar a sua candidatura pelo PS a uma Câmara e confessar que se mantém em funções para melhor poder intervir eleitoralmente.

Dar mais força à CDU é, no ano em que se comemoram 25 anos sobre as primeiras eleições autárquicas, reforçar e afirmar o Poder Local, uma das mais importantes conquistas de Abril, é optar por um projecto de gestão participada, com o envolvimento das populações, por um projecto de progresso e desenvolvimento, de melhoria das condições de vida do povo e de defesa dos seus interesses e aspirações.

Dar mais força à CDU é ampliar o espaço de participação cívica e democrática de milhares de cidadãos que lutam por mais justiça e por uma vida melhor e por isso tudo devemos fazer, com confiança e determinação par o êxito desta batalha.

Dar mais força à CDU é também dar voz ao protesto contra a descarada instrumentalização que o governo vem

fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos em favor da estratégia eleitoral do PS. É denunciar e penalizar o corrupto de ministros e governadores civis de cheque na mão apor esse país fora, a manipulação de programas de emprego e apoio social em função da cor da autarquia, o uso do investimento público de acordo com os confessados objectivos eleitorais do Partido do Governo, a nomeação de socialistas para cargos públicos como plataformas de lançamento das respectivas candidaturas autárquicas, o aproveitamento de reuniões de serviços do Estado para debate de táticas partidárias. Não são invenções. Basta ter presente o papel do até agora ministro Jorge Coelho correndo para Sintra para dar a mão às dificuldades da gestão da Câmara socialista ou anunciando à Federação distrital do PS que os investimentos do seu Ministério não falariam aos concelhos que coincidem com as prioridades eleitorais do seu partido. Ou ver um governador civil anunciar a sua candidatura pelo PS a uma Câmara e confessar que se mantém em funções para melhor poder intervir eleitoralmente.

Dar mais força à CDU é, no ano em que se comemoram 25 anos sobre as primeiras eleições autárquicas, reforçar e afirmar o Poder Local, uma das mais importantes conquistas de Abril, é optar por um projecto de gestão participada, com o envolvimento das populações, por um projecto de progresso e desenvolvimento, de melhoria das condições de vida do povo e de defesa dos seus interesses e aspirações.

Dar mais força à CDU é ampliar o espaço de participação cívica e democrática de milhares de cidadãos que lutam por mais justiça e por uma vida melhor e por isso tudo devemos fazer, com confiança e determinação par o êxito desta batalha.

Dar mais força à CDU é também dar voz ao protesto contra a descarada instrumentalização que o governo vem

fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos em favor da estratégia eleitoral do PS. É denunciar e penalizar o corrupto de ministros e governadores civis de cheque na mão apor esse país fora, a manipulação de programas de emprego e apoio social em função da cor da autarquia, o uso do investimento público de acordo com os confessados objectivos eleitorais do Partido do Governo, a nomeação de socialistas para cargos públicos como plataformas de lançamento das respectivas candidaturas autárquicas, o aproveitamento de reuniões de serviços do Estado para debate de táticas partidárias. Não são invenções. Basta ter presente o papel do até agora ministro Jorge Coelho correndo para Sintra para dar a mão às dificuldades da gestão da Câmara socialista ou anunciando à Federação distrital do PS que os investimentos do seu Ministério não falariam aos concelhos que coincidem com as prioridades eleitorais do seu partido. Ou ver um governador civil anunciar a sua candidatura pelo PS a uma Câmara e confessar que se mantém em funções para melhor poder intervir eleitoralmente.

Dar mais força à CDU é, no ano em que se comemoram 25 anos sobre as primeiras eleições autárquicas, reforçar e afirmar o Poder Local, uma das mais importantes conquistas de Abril, é optar por um projecto de gestão participada, com o envolvimento das populações, por um projecto de progresso e desenvolvimento, de melhoria das condições de vida do povo e de defesa dos seus interesses e aspirações.

Dar mais força à CDU é ampliar o espaço de participação cívica e democrática de milhares de cidadãos que lutam por mais justiça e por uma vida melhor e por isso tudo devemos fazer, com confiança e determinação par o êxito desta batalha.

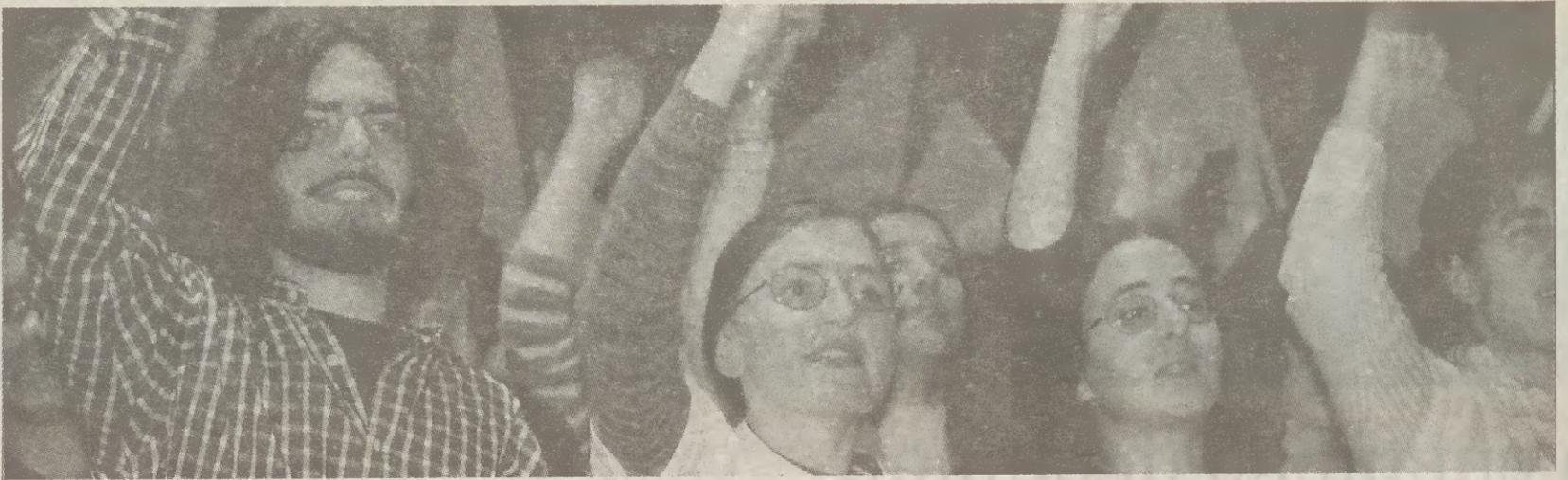
Dar mais força à CDU é também dar voz ao protesto contra a descarada instrumentalização que o governo vem

fazendo do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos em favor da estratégia eleitoral do PS. É denunciar e penalizar o corrupto de ministros e governadores civis de cheque na mão apor esse país fora, a manipulação de programas de emprego e apoio social em função da cor da autarquia, o uso do investimento público de acordo com os confessados objectivos eleitorais do Partido do Governo, a nomeação de socialistas para cargos públicos como plataformas de lançamento das respectivas candidaturas autárquicas, o aproveitamento de reuniões de serviços do Estado para debate de táticas partidárias. Não são invenções. Basta ter presente o papel do até agora ministro Jorge Coelho correndo para Sintra para dar a mão às dificuldades da gestão da Câmara socialista ou anunciando à Federação distrital do PS que os investimentos do seu Ministério não falariam aos concelhos que coincidem com as prioridades eleitorais do seu partido. Ou ver um governador civil anunciar a sua candidatura pelo PS a uma Câmara e confessar que se mantém em funções para melhor poder intervir eleitoralmente.



a fazer história  
a construir futuro

PCP 1921-2001

a fazer história  
a construir futuro

## A humanidade não está condenada ao capitalismo

No início deste novo século é chocante assistir-se à contradição entre as perspectivas abertas pelas espantosas conquistas científicas e técnicas e a situação social em que se encontram milhões e milhões de seres humanos.

O capitalismo triunfante e arrogante quer impor a sua ordem, os seus conceitos a sua prática mas os povos, os trabalhadores, os sindicalistas, em Chiapas, em Timor, no Brasil os «Sem Terra», na União Europeia, em Portugal e em tantos e tantos pontos do Globo lutam e resistem.

A fantástica concentração da riqueza lado a lado com a pobreza mais descalça é bem o retrato da lógica capitalista e imperialista.

**É chocante e intolerável ser confrontado, por exemplo, com a notícia de que alguns dos mais poderosos grupos farmacêuticos do mundo, com milhões de lucros anuais, intentaram um processo ao governo da África do Sul por, em 1997, Nelson Mandela ter assinado uma lei autorizando a fabricação de fármacos genéricos para o combate à SIDA, que conta neste país com mais de 4 milhões de seropositivos, na base dos produzidos por aquelas multinacionais, a preços muitíssimo mais baratos.**

**É mais uma vez o lucro à frente do homem, o espectro da morte de milhões de seres humanos em confrontação com as taxas de lucro.**

É chocante, por exemplo, ver a displicência com que o Sr. Bush e o Sr. Blair sem qualquer razão plausível mandaram bombardear o Iraque e a hipocrisia daqueles que se dizem tão preocupados com os direitos humanos querendo introduzir no nosso país a prisão perpétua para podermos aderir ao TPI, mas que nada nos dizem se defendem, por exemplo, o julgamento destas duas criaturas!...

Apresentámos na Assembleia da República um voto propondo que esta se pronunciasse contra os bombardeamentos sobre o Iraque, com diversos considerandos. Sabem qual foi a votação? PS, PSD e PP votaram contra, com este último Partido na justificação de voto a dizer que tudo o que afirmámos na nossa proposta era verdade mas que não se podia ir contra os aliados...

Para os aliados os ditos direitos humanos têm que ser elásticos...

Estamos todos elucidados e... conversados.

Mas é também chocante ver estes partidos que estiveram a favor dos bombardeamentos da Jugoslávia sacudirem agora a água do capote em relação às consequências do urânio empobrecido. Sobre esta questão quer fazer-se passar um manto do silêncio e de esquecimento e suscitar a dúvida quanto às causas das mortes dos militares e polícias que diversos países estiveram nos Balcãs. Foi o que fizeram com o químico «agente laranja» no Vietname em que os americanos só reconheceram os efeitos no homem passados 20 anos e foi o que fizeram na guer-

ra do Golfo que só após vários anos de silêncio é que a Nato reconheceu oficialmente a utilização de armas com urânio empobrecido e com plutónio.

As operações de diversão e de intoxicação sobre este e sobre outros temas vai continuar, procurando moldar o pensamento aos interesses do imperialismo no quadro do chamado «pensamento único».

**A ideologia dominante, expressão dos interesses das classes dominantes foi de facto erigida em «Pensamento Único», com os seus teólogos, dogmas, mercenários da escrita, procurando semear a resignação e o fatalismo, procurando rescrever a história e retirar do léxico conceitos como o da luta de classes, exploração, mais-valia, imperialismo, procurando inculcar a ideia que não há alternativa ao capitalismo e afastar sobretudo as novas gerações da luta contra o sistema.**

Mas o PCP como Partido de luta e de proposta, com a sua coerência, e generosidade, com as suas causas, valores e projecto suscita o interesse, o apoio e a adesão de novas gerações de trabalhadores e estudantes como se pode ver pelo número crescente de jovens inscritos na JCP e no PCP trazendo sangue novo e novas energias indispensáveis à continuação dos nossos combates.

Novas gerações de militantes que entendem tal como as outras gerações que Portugal não precisa menos, antes precisa cada vez mais de um Partido como o PCP, cuja razão de viver e lutar é a defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo.

Certamente que estais de acordo em que o PCP continue a exigir toda a verdade sobre este assunto, bem como o regresso das tropas portuguesas dos Balcãs.

**Ao evocarmos e celebrarmos os 80 anos do PCP, não queremos dar nenhum pretexto aos nossos inimigos ou adversários para que nos acussem de filtrarmos a nossa história ou a história mundial dos comunistas e esquecermos erros, desvios, conflitos, página de sombra a que nenhum empreendimento político e humano pode ter a pretensão de se julgar isento ou imune.**

E, com muito mais razões, muito menos pretendemos apagar quanto de trágico e negativo ocorreu em experiências e percursos de construção do socialismo e que tantas perplexidades, amarguras e dificuldades trouxeram à nossa causa.

Como afirmámos na celebração dos 150 anos do Manifesto Comunista, nós enfrentamos com verdade e com coragem toda a nossa história e os factos da história mundial do movimento comunista por mais duros que sejam, como já demonstrámos, designadamente através das análises do nosso XIII Congresso Extraordinário.

E tomámos como compromisso profundo do nosso pensamento e da nossa acção reflectir e agir, mais e melhor, para o enriquecimento de um projecto comunista à altura das necessidades do nosso país e

dos desafios do tempo que vivemos, fortemente demarcado de tudo quanto tenha ensombrado a capacidade de atracção das nossas ideias, fortemente ancorado na nossa própria história e no nosso combate ao longo destes 80 anos, fortemente sustentado por um indissociável compromisso político que une a liberdade e a democracia com um projecto de efectiva transformação social, de abolição da exploração do homem pelo homem e de superação do capitalismo.

Mas, ao mesmo tempo, recusamos e continuaremos a recusar que alguns queiram carregar sobre os nossos ombros responsabilidades directas ou indirectas que, em rigor, não temos nem vemos razão para assumir.

Recusamos e continuaremos a recusar que os defensores do capitalismo (que não se propõem obviamente assumir responsabilidades pelos erros, tragédias e crimes do sistema que defendem) pretendam constituir-se em tribunal da história e procederem a uma inaceitável «criminalização» das ideias comunistas e dos comunistas.

**Recusamos e continuaremos a recusar que se pretenda reconduzir e limitar todo o imaginário, todo o património e todo o projecto dos comunistas apenas a alguns aspectos das experiências concretas de construção do socialismo, esquecendo que desse imaginário, desse património e desse projecto fazem parte integrante os combates de milhões de homens e mulheres e de dezenas de partidos comunistas que, pela sua acção generosa ao longo do século XX, pelo altíssimo tributo pago em sacrifícios e em sangue na resistência ao fascismo, deram contribuições inestimáveis para a causa da liberdade e estão na base de muitos avanços de civilização e das mais importantes conquistas sociais e políticas.**

Recusamos ainda e continuaremos a recusar que, quanto às experiências de construção do socialismo, os dramáticos e amargos desfechos do início dos anos 90 que imperativamente conduziram a reavaliações necessárias e indispensáveis, sepultem injustamente quanto de positivo, de novo e de esperançoso foi alcançado, quantas alegrias foram vividas, quantas transformações foram operadas, quanta generosidade, trabalho e esforço foi dedicado por milhões de homens e mulheres à edificação de uma vida nova e de novos horizontes de felicidade para o ser humano.

Aos que sempre reeditam velhas acusações e calúnias contra o PCP e contra os comunistas, **é preciso lembrar que os comunistas portugueses, e como eles a imensa maioria dos comunistas do mundo, figuram não na lista dos torcionários mas na lista dos torturados, não na lista dos carrascos mas na lista das vítimas, não na lista dos assassinos da liberdade mas na lista dos mais dedicados e sacrificados combatentes pela liberdade.**

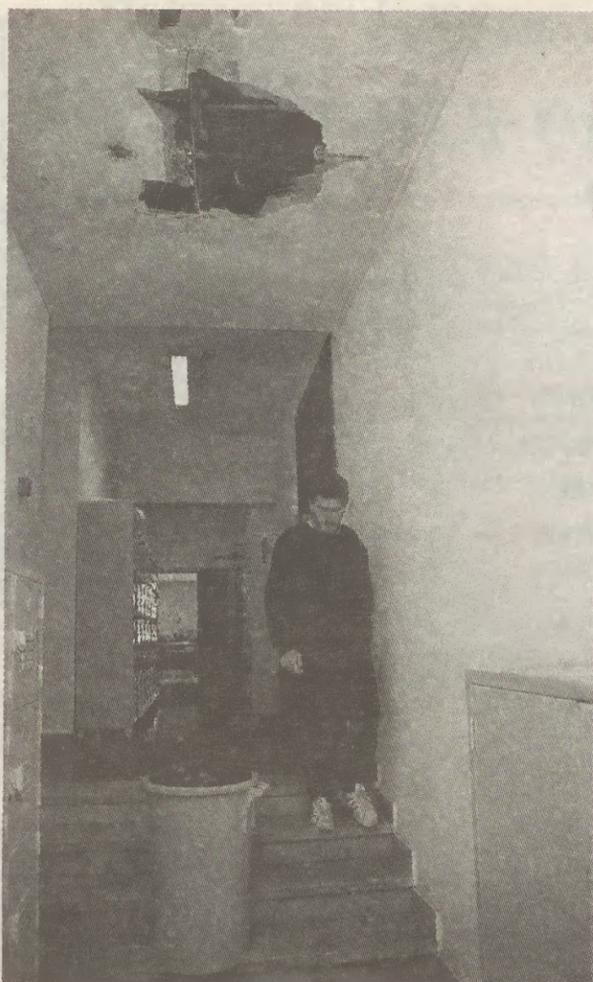
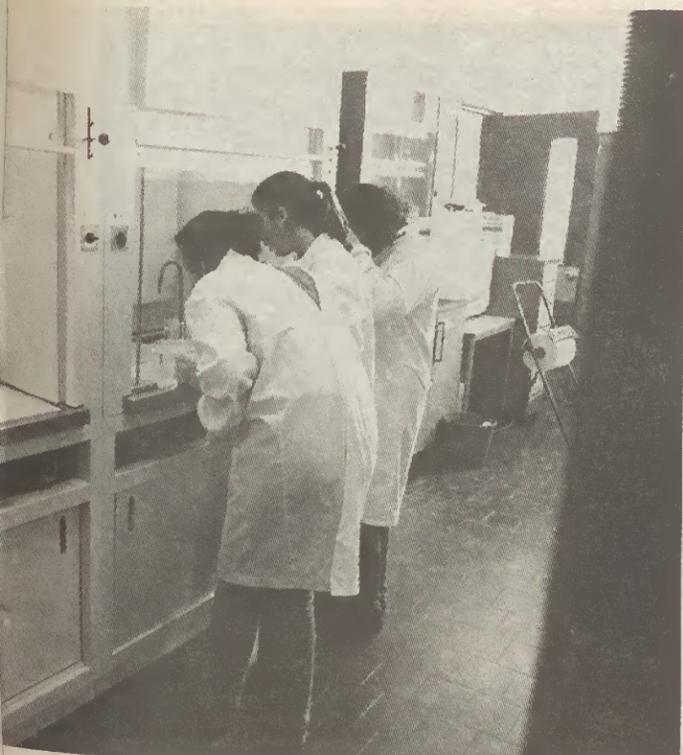
**É preciso lembrar-lhes que os comunistas portugueses** – e o seu partido – figuram não na lista dos muitos que ou colaboraram ou conviveram tranquila e comodamente com o fascismo mas na lista dos que lhe moveram combate sem tréguas nem limites; não na lista considerável dos que, depois do 25 de Abril, atentaram e conspiraram contra a liberdade, contra o novo curso libertador e contra a legítima ascensão dos trabalhadores e das camadas populares ao primeiro plano da cena social e política do País, mas na lista dos que mais generosa e responsabilmente contribuíram para o êxito das tarefas fundamentais da democratização da vida nacional. Dos que mais persistentemente estimularam a intervenção de vastas massas na vida cívica e política e nos destinos de Portugal democrático, dos que mais contribuíram para a projecção transformadora da reconquista popular da liberdade, da dignidade e da cidadania, dos que mais energias e esforços investiram nos pequenos e grandes avanços, realizações e conquistas que mudaram a face de Portugal, dos que assumiram um papel decisivo na fundação e construção do regime democrático plasmado na Constituição de 1976.

**É preciso lembrar-lhes que os comunistas portugueses, e tal como eles os comunistas de imensos países do Mundo, figuram, na actualidade, não na lista dos que agem implacavelmente para o reforço da exploração de quem trabalha, para a limitação das liberdades e a mutilação e empobrecimento da democracia política, para aprisionar os cidadãos nas teias de novas e velhas alienações, para agravar injustiças e desigualdades sociais que, a entrar no terceiro milénio, são uma intolerável afronta ao ser humano, mas na honrosa lista dos que, dia a dia, através da suas ideias, das suas propostas, da sua acção e do seu multifacetado combate e intervenção marcam indelével e insubstituível presença na luta em defesa dos direitos dos trabalhadores e dos interesses populares, pela defesa, expansão e concretização dos direitos e liberdades dos cidadãos, pela ampliação da participação popular, por reformas democráticas de carácter socioeconómico que dêem resposta a gritantes carências e agudos problemas do povo e do País, por uma vida melhor para todos os cidadãos, por uma democracia à altura dos avanços e progressos conquistados pela luta no acidentado caminho do século XX e das necessidades, aspirações e possibilidades que se afirmam na época contemporânea.**

Por tudo isto, aos 80 anos de vida e luta, afirmamos com confiança a bandeira da justiça social, da emancipação humana do socialismo.

Convosco, com os trabalhadores com o povo: vamos continuar a fazer história e a construir o futuro.

**Viva o Partido Comunista Português!**



Com instalações centenárias, a Faculdade de Belas-Artes precisa urgentemente de obras estruturais

## De portas abertas... mas por pouco

Naturalmente, os problemas financeiros das instituições são sentidos na pele diariamente por alunos e professores. «Se não houvesse o dinheiro das receitas próprias, não sei se a faculdade conseguia funcionar», diz Raquel Pedro, da AE de Belas-Artes.

Esta faculdade está situada num convento construído no século XIII no centro histórico da capital e que precisa de obras estruturais urgentes. Os problemas são muitos, desde a sobrelotação das aulas à falta de salas, passando por graves carências em matéria de segurança, de falta de ventilação e de materiais nas aulas de tecnologias. O número de alunos sobe, mas as instalações são as mesmas e os professores e os funcionários não aumentam.

As instalações da Faculdade de Ciências são muito mais recentes, mas os problemas não são muito diferentes: salas de aula demasiado pequenas para o número de alunos, laboratórios com falta de material e reagentes fora de validade, instrumentos e aparelhos desatualizados, salas de

estudo e de bibliotecas em número insuficiente, falta de acessos para deficientes.

A lista é grande, mas nela há que incluir casos que chegam a ser caricatos. Para substituir uma caneta de acetato é preciso fazer um requerimento e entregar a caneta velha. Os estudantes de Biologia têm de comprar bisturis e pinças para as aulas práticas. No Centro de Cálculo, há apenas uma impressora para 6 mil alunos. A biblioteca só tem dois exemplares dos livros mais requeridos pelos estudantes,

que muitas vezes ascendem a mais de uma centena. A cantina tem capacidade para 300 pessoas, apesar da faculdade ter seis mil alunos.

A FCSH tem cerca de 20 anos de vida, mas a situação também não é boa: há poucas salas de aula e chove em algumas; dois elevadores não funcionam e os outros dois têm fama de ser perigosos; a biblioteca é pequena para todos os alunos, especialmente porque não há nenhuma sala de estudo. Dois terços do seu espólio está fechado em caves, porque não há espaço.

Ricardo Noronha acrescenta: «O número de computadores aumentou de 15 para 35, mas é insuficiente para uma escola de 4700 alunos, quando todos eles têm de apresentar trabalhos. Se mil pessoas não tiverem computador – e este número parece-me bastante optimista –, estão dependentes daquele espaço.» A mudança das instalações da instituição para a Costa de Caparica é apresentada pelo reitor como a solução milagrosa, mas é prontamente recusada pelos estudantes.



As salas de aula normais de Belas-Artes, dadas em corredores adaptados e com materiais muito antigos

# Bolsas nem para sobreviver

Ana Lourenço mora no Barreiro e estuda História de Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Apesar de ser uma aluna deslocada, não recebe bolsa de estudo. Por 631 escudos não atingiu o valor, apesar da mãe estar desempregada na altura da candidatura e de os pais terem a cargo uma neta.

«Se comprasse todos os livros necessários, gastava 120 contos por mês», diz Ana. São os pais que suportam todas as despesas, muitas vezes com dificuldade: cerca de 70 mil escudos por mês em habitação, alimentação e material. «Por ano, gasto 80 ou 90 contos em material e cada vez que vou a casa gasto 16 contos.»

O quarto onde vive custa-lhe 26 contos por mês. Ana considera uma sorte este preço, especialmente quando pensa nos 30 ou 40 contos que muitos colegas pagam por quartos com as mesmas condições.

Ana está a pensar arranjar um emprego, até porque há livros que tem quase obrigatoriamente que comprar, porque não existem nas bibliotecas ou é proibido tirar fotocópias para estudar.

O caso de Ana é paradigmático e, como diz Telmo Alcobia, da AE de Belas-Artes de Lisboa, «muitos dos estudantes trabalham, porque não é com uma bolsa que se safam. Eu agora tenho bolsa e tenho-me visto muito à rasca, mas vejo o 3.º e o 4.º ano e sei que não me posso safar assim. Vou ter de ir trabalhar, vão-me cortar a bolsa e o trabalho vai ter de pagar as propinas, o material e os livros».

### Valores

Na União Europeia, as famílias portuguesas são as que comportam a maior percentagem das despesas de estudo dos filhos. Em 1998, quatro por cento dos bolsistas recebia uma bolsa de 53 mil escudos e quase 30 por cento recebia 7 contos, valor muito próximo da bolsa mínima.

«Os estudantes carenciados recebem exclusivamente o valor para pagar a propina. É dinheiro que conta a dobrar no orçamento», considera João Calado, da AE da Faculdade de Ciências. «Quantos estudantes não ficam pelo caminho, porque não têm à partida condições económicas para frequentar o ensino superior», questiona.

A bolsa máxima tem o valor da propina, mas só é atribuída a quem tem rendimento zero. A bolsa média é de cerca de 23 mil escudos. «Tendo em conta os transportes, a alimentação, os livros, as fotocópias, todas as coisas básicas, como é possível viver com 25 contos? O Ministério diz que a bolsa máxima é o valor mínimo para uma pessoa sobreviver, mas um estudante não está simplesmente a sobreviver. Além de viver, precisa de materiais para estudar. Não têm noção da realidade», lamenta Paula Santos, também de Ciências.

Um estudo recente da Universidade de Lisboa sobre os estudantes que se licenciaram entre 1994 e 1998 mostra que 50 por cento eram provenientes da média-alta burguesia e 10 por cento eram filhos de operários. «Isto mostra a clara elitização do ensino. Não é uma escolha nem uma oportunidade para todos, é só para alguns. Aqueles 10 por cento de certeza que tiveram de se esforçar muito mais, eles e os pais», comenta Paula.

### Cantinas e residências

Em Portugal existem 10 mil camas em residências. A oferta é de quatro camas por cada 100 alunos. A Universidade de Lisboa tem 700 camas para todos os estudantes deslocados, que são cerca de 10 mil. Em Lisboa não há um cantina aberta ao domingo e ao sábado apenas uma cantina funciona ao almoço.

Em números concretos, este é o panorama da acção social escolar do País. Há histórias de intoxicações alimentares devido a refeições feitas em cantinas e os alunos queixam-se de lhes serem servido «demasiado arroz». «Há dias em que se vê que a comida é os restos da semana toda: tortilha, carne à brás...», diz Ricardo Noronha. «Muitas das cantinas são concessionadas a empresas privadas, que têm de tirar lucro de algum», comenta João Calado.

A falta de residências obriga os estudantes a recorrer a quartos e apartamentos alugados, sujeitos à especulação imobiliária.

# PAC, o trigo e o joio

• Pedro Carvalho

A União Europeia (UE) debate-se com uma crise de confiança dos consumidores e num sector fundamental – a agricultura. A actual crise das «vacas loucas» teve o «mérito» de mostrar a insustentabilidade da Política Agrícola Comum (PAC), para além de evidenciar as consequências da liberalização dos mercados agrícolas ao nível mundial. O modelo agrícola da PAC baseia-se na liberalização das trocas, através da promoção das exportações, criando os mecanismos adequados para promover

ajudas (para produzir abaixo do custo de produção) e os pequenos e médios agricultores continuarão a desaparecer entre a pressão da redução dos preços e o aumento dos custos de produção. Perde o agricultor e o consumidor, ganham as multinacionais da agro-indústria e das grandes superfícies comerciais.

É de realçar as contradições daqueles que falam de ambiente e qualidade, como Fischler, quando depois defendem a redução dos apoios para as raças autóctones e contribuem para o uso dos organismos geneticamente modificados, sem uma avaliação cabal das consequências para o ambiente e saúde humana. O consenso sobre a(s) reforma(s) não corresponde a uma mudança da política, mas sim ao seu aprofundamento, tendo em vista o alargamento da UE e a Organização Mundial de Comércio (OMC), exercendo-se pressões para poupar no orçamento agrícola da UE através do desmantelamento dos

mecanismos de mercado e a progressiva renacionalização dos custos da PAC.

## Repensar a agricultura

Uma nova política tem de contrariar a lógica do sistema de comércio mundial, repensando o papel da agricultura e promovendo a reconstrução das economias rurais, por forma a garantir a todos os povos o direito a produzir. O comércio livre impôs aos países menos desenvolvidos agriculturas de monocultura dominadas pelas multinacionais. Levou a uma perda de soberania e ao agravamento da dependência alimentar. Os produtos agrícolas não são uma mercadoria qualquer, não podendo ser regulados pela OMC.

É necessário uma política que garanta uma agricultura sustentável, o rendimento aos agricultores - através do pagamento de um preço remuneratório à produção e uma justa repartição do valor acrescentado agrícola - e produtos agrícolas seguros e de qualidade aos consumidores. Assim, uma nova política devia assentar em seis eixos: a **defesa da soberania alimentar** (direito a produzir/equilíbrio consumo-produção), a **proteção da produção** (segurança alimentar/princípio da precaução/preferência comunitária), a **promoção da qualidade e da especificidade regional** (biodiversidade/regionalização/produto regionais), uma **produção sustentada em circuito fechado** (modificação do processo de produção/integração com o meio), a **localização da produção/abastecimento do mercado local** (maior proximidade entre agricultor-consumidor/venda directa) e a **coesão económica e social** (modulação e plafonamento das ajudas e produção/reforma fundiária). Temos de quebrar *tabus* e separar o trigo do joio. Não basta pois falar de reforma, é necessário uma outra política!



Segurança ferroviária posta em causa na Inglaterra

Excesso de horas extraordinárias e sobrelotação explicam sucessão de acidentes na Inglaterra

## Perigo na ferrovia

A Inglaterra registou na segunda-feira mais um acidente ferroviário, de que resultaram nove feridos. No mesmo dia era divulgado um relatório confidencial da indústria do sector que coloca sérias dúvidas sobre a segurança da rede desde a sua privatização entre 1993 e 1996.

O acidente ocorreu na estação londrina de Hither Green e as primeiras investigações apontaram para um falha dos sinais luminosos ou para um possível erro humano de um dos maquinistas que ao ignorar o semáforo raspiou com a traseira na locomotiva de outro comboio.

Mas enquanto se procuravam as causas do acidente, o diário britânico *The Guardian* publicava um relatório elaborado para a indústria ferroviária que reconhecia que o cansaço dos maquinistas e dos trabalhadores em geral, forçados a prestar demasiadas horas extra, contribui para que os sinais de perigo não sejam respeitados.

O estudo conclui que as anomalias se devem às pressões exercidas pelas várias companhias que controlam o sector desde a sua privatização pelo então governo da sra. Thatcher. Elaborado com base na recolha de testemunhos dos próprios trabalhadores, o relatório refere o caso extremo de um guarda de nível que esteve de serviço 30 dias consecutivos sem períodos de descanso.

Este exemplo ilustra o facto de que cerca de 37 por cento das problemas leves de segurança registados internamente correspondem a violações do regulamento e que 24 por cento dos incidentes considerados graves

ou muito graves se devem à fadiga dos trabalhadores.

O documento realça que os maquinistas têm de dormir entre os turnos e que são obrigados a assistir a cursos de aperfeiçoamento nas suas horas livres. Entre as causas da insegurança, é ainda referida a sobrelotação dos comboios que ligam os subúrbios ao centro de Londres. Um investigador, contratado pela empresa privada Great North Eastern Railways, confirmou que um dos comboios com destino a Londres transportou este ano o dobro dos passageiros que lhe é permitido.

Por seu lado, a Railtrack, empresa responsável perante o governo pela supervisão do serviço ferroviário, reagiu ao estudo explicando que, depois do acidente de Hatfield, em 17 de Outubro de 2000, em que perderam a vida quatro pessoas, tem constatado «escassez de pessoal e de equipamento».

## Solidariedade com Moçambique

Por iniciativa dos deputados do PCP, o Parlamento Europeu discute hoje, quinta-feira, uma proposta de resolução que reclama ajuda internacional para as vítimas das inundações em Moçambique.

O texto, subscrito por Joaquim Miranda e outros deputados do Grupo da Esquerda Unitária, chama a atenção para o agravamento da situação naquele país, onde as cheias em diversas regiões já provocaram dezenas de mortos e de

desaparecidos, afectando cerca de 490 mil pessoas, das quais 81 mil estão desalojadas.

A destruição de dezenas de milhares de hectares de culturas agrícolas, de milhares de habitações e de inúmeras infra-estruturas básicas, nomeadamente vias de comunicação, estão a causar grandes dificuldades no abastecimento de água potável e de alimentos.

Os deputados do PCP expressam a sua solidariedade ao povo moçambicano e ape-

lam à Comissão e aos estados membros para que reforcem o auxílio de emergência para dar resposta às necessidades mais prementes da população.

Como medida prioritária, a resolução propõe a anulação da dívida externa daquele país e defende a urgente criação de estruturas e mecanismos de cooperação internacional que permitam socorrer as populações sinistradas e mobilizar recursos técnicos para fins humanitários.

## Cimeira discute Kalininegrado

Kalininegrado, o enclave russo no Báltico, é uma das questões que constam da agenda da cimeira UE-Rússia, a realizar dia 25 em Estocolmo, que discutirá ainda os problemas da segurança europeia e da cooperação económica.

Na perspectiva da futura adesão à União Europeia das ex-repúblicas soviéticas Estónia, Letónia e Lituânia, Bruxelas vê com preocupação o futuro de Kalininegrado, que assim

se transformará numa ilha inserida no espaço comunitário.

Segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros da Rússia, Igor Ivanov, que na semana passada esteve na Suécia, Moscovo pretende «elaborar juntamente com os parceiros europeus decisões juridicamente vinculativas» no tocante a Kalininegrado, que, frisou, «continua como parte inalienável do território da Federação Russa e do seu mercado interno».

Por proposta da Suécia, a União Europeia aprovou um plano da cooperação estratégica que prevê ajuda ao reforço da democracia e da sociedade civil russa, ao combate do crime organizado, a integração da Rússia no espaço único europeu e a cooperação com Moscovo para a estabilidade na Europa e no mundo. A UE disponibiliza-se ainda para apoiar a adesão da Rússia à Organização Mundial de Comércio.



dumping dos preços - as restituições à exportação e os pagamentos directos - defendendo os interesses das multinacionais da agro-indústria e os grandes proprietários agrícolas. A PAC tem promovido a redução dos preços agrícolas (que o consumidor não sentiu!), a concentração, intensificação e verticalização da produção, a centralização da posse da terra e a desertificação do mundo rural, não cumprindo os seus princípios da solidariedade financeira e da preferência comunitária, acentuando a discriminação na distribuição das ajudas entre países, produtores e produções. O resultado? Na década de 90 desapareceram dois milhões de agricultores e 1,6 milhão de explorações agrícolas na UE.

## Mais vozes que nozes

Recentemente, a ministra da Agricultura alemã, Renate Künast, afirmou que «o escândalo da BSE marca o fim da velha política agrícola», tendo o Comissário Fischler afirmado ser preciso «continuarmos a reforma da PAC». A reforma da PAC voltou às luzes de ribalta, mas existem diferenças, entre a necessidade de uma nova política e as «reformas» que muitos preconizam. Ao coro dos «reformistas» juntam-se deputados como António Campos do PS - que publicou recentemente uma carta aberta sobre a reforma - e o ex-ministro Arlindo Cunha do PSD, que reclamam uma produção de qualidade e a defesa da agricultura familiar. Incoerências de quem, como Cunha, foi o mentor da desastrosa reforma da PAC de 1992, ou de Campos, cujo Governo PS aprovou uma reforma na continuidade em 1999. Ambos minimizam o papel dos agricultores e da produção, remetendo a política agrícola para o «assistencialismo», sem aprofundar a questão central - a necessidade de um preço agrícola remuneratório que põe em causa o dogma do comércio livre. Sem tocar no dogma, continuarão a ser necessárias

## Arrábida sem protecção

A deputada Ilda Figueiredo interpelou a Comissão Europeia a propósito do projecto de co-incineração que o governo português pretende instalar na cimenteira de Outão, em plena área protegida da Arrábida. Reportando-se a uma exposição entregue às autoridades comunitárias por cidadãos da zona de Setúbal, que afirmam nunca ter sido promovida uma avaliação de impacto ambiental, a deputada do PCP quer saber qual é, neste contexto, a posição do executivo comunitário.

A diferença entre um estudo de impacto ambiental e a realização de uma avaliação ambiental reside no facto de que o primeiro pôde ser feito pelo consórcio das empresas cimenteiras, enquanto que a segunda tinha de ser promovida e acompanhada por entidades independentes, hipótese que o governo afastou.

## Tráfico de mulheres

A Comissão Europeia vai propor a concessão de autorizações de permanência temporária às mulheres da Europa de Leste obrigadas a prostituírem-se nos países da UE, desde que «que estejam dispostas a cooperar na investigação contra os que as exploram».

A proposta, apresentada pelo comissário português António Vitorino, visa acabar com «paraísos jurídicos» para os responsáveis pelo tráfico de mulheres, que passarão a estar sujeitos a uma pena mínima de seis anos de prisão e de dez anos caso existam circunstâncias agravantes. Segundo a Comissão Europeia, todos os anos entram clandestinamente na UE cerca de 120 mil mulheres e crianças, oriundas de países da Europa central e oriental, todos os anos. O comissário fez este anúncio na passada semana durante uma intervenção no Parlamento Europeu, por ocasião da comemoração do Dia Internacional da Mulher.

## Pesar pelas vítimas da ponte

O Parlamento Europeu (PE) aprovou na segunda-feira, em Estrasburgo, um voto de pesar pelas vítimas do desmoronamento da Ponte de Entre-os-Rios, que terá provocado a morte a 70 pessoas.

O pedido foi feito pelos eurodeputados portugueses que, numa carta assinada pelos responsáveis dos quatro partidos com assento em Estrasburgo, solicitaram à presidente do PE o agendamento de um voto de pesar para o início da sessão plenária. Um dia após o acidente, Nicole Fontaine escreveu ao Governo português afirmando-se «profundamente chocada» e expressando a sua solidariedade para com as famílias das vítimas e o povo português.

## Eleições em França

# Bastiões da direita em risco

**A direita gaulista enfrenta, no próximo domingo, a provável perda de Paris, um bastião que detém há mais de um século, arriscando-se igualmente a ser derrotada em Lyon e Toulouse, que governa há 50 e 40 anos respectivamente.**

A primeira volta das eleições municipais e regionais francesas, realizada no domingo, penalizou os neogaullistas da União para a República (RPR) de Jacques Chirac e os socialistas (PS) de Lionel Jospin.

Recuando nas grandes cidades, particularmente em Paris, a direita mantém no entanto as suas posições no resto do país, totalizando mais votos que a esquerda. Por outro lado, a derrota logo na primeira volta de dois ministros, o comunista Jean-Claude Gayssot (titular dos Transportes) e a «verde» Dominique Voynet (pasta do Ambiente), indiciam resultados pouco auspiciosos para a «esquerda plural» no governo, que apostou em larga escala em candidaturas de ministros e secretários de Estado.

Em dificuldades para a segunda volta estão ainda: a ministra do Emprego, Elisabeth Guigou; o ministro da Educação, Jack Lang; o vice-ministro dos Assuntos Europeus; e o vice-ministro do Ensino Profissional, Jean Luc Mélenchon. Também em desvantagem estão ainda a ex-titular do Emprego, Martine Aubry, em Lille, e a ex-ministra da Cultura, Catherine Trautmann, em Estrasburgo.

### Aliança na capital

Em Paris, o socialista Bertrand Delanoë obteve 31 por cento dos votos, contra 25 por cento do principal candidato da direita Philippe Séguin. Entretanto, na sequência de um acordo celebrado na segunda-feira entre o PS e os Verdes, Delanoë poderá recolher mais 12 por cento dos votos ecologistas, que se juntam à aliança onde estão comunistas, radicais de

esquerda e Movimento dos Cidadãos.

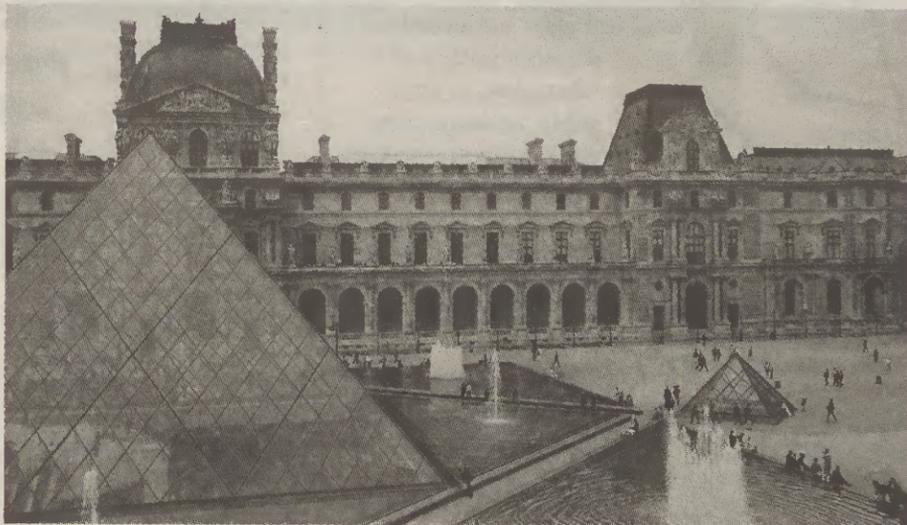
A abstenção-recorde, que foi particularmente elevada nas cidades geridas por comunistas, é uma das causas que poderá explicar alguns reveses sofridos pelo PCF. Conservando a sua influência em Ile-de-France, onde se situam 11 das 13 câmaras com mais de 30 mil habitan-

tes que conquistou na primeira volta, o PCF perdeu peso na região de Seine-Saint-Denis, designadamente a cidade de Drancy, com 62 mil habitantes, que detinha desde 1935. É de resto na região de Seine-Saint-Denis que se verificou maior abstenção, ultrapassando frequentemente os 50 por cento.

Em queda está a extrema-direita que apenas conservou a cidade de Orange, mantendo-se no entanto na disputa por Marignane e Vitrolles. Em contrapartida, os Verdes melhoraram posições, reivindicando-se agora como a segunda força de esquerda depois dos socialistas. Também os partidos trotskistas de extrema-esquerda avançaram nas cidades industriais do norte do país.

Nas eleições regionais, a aliança dos partidos de esquerda obteve mais de 45 por cento dos votos, contra 42 da direita, o que representa uma ligeira subida face aos mesmos resultados de 1994.

### A direita recuou nas grandes cidades mas manteve posições no resto da França



*A aliança das forças de esquerda na capital francesa poderá arrear do poder a direita gaulista*

## Autorizar imigrantes

Os imigrantes que residam cinco anos em situação regular e legal em qualquer país da União Europeia passarão a ter direito ao estatuto de residente de longa duração, podendo deslocar-se para qualquer outro país da União, com direito a trabalhar, estudar e residir.

A proposta de directiva apresentada pelo comissário português António Vitorino estabelece uma autorização de residência no espaço comuni-

tário com a duração de 10 anos, renováveis depois de expirados. Estão abrangidos os «imigrantes económicos» ou «refugiados reconhecidos» que com os seus familiares directos adquirem direitos iguais aos cidadãos do país em que residam, nomeadamente no domínio político e social, na educação, protecção social ou acesso a bens e serviços.

A directiva comunitária visa assim facilitar a imigração de modo a cobrir as neces-

sidades de mão-de-obra na UE, especialmente de técnicos e especialistas. Hoje estima-se que mais de 800 mil postos de trabalho especializado estejam por preencher.

Transcorridos os dez anos, o estatuto pode ser renovado de forma automática, através de um procedimento semelhante ao seguido na renovação dos bilhetes de identidade nacional. Em nenhum caso, adverte a directiva, a renovação deve implicar o

reexame das condições de residência do imigrante ou dos seus familiares que necessitam apenas de apresentar os seus nomes, morada e fotografias recentes.

Actualmente, os imigrantes portadores de um título de residência legal podem circular no interior do espaço Schengen por um período máximo de três meses sendo-lhes vedado, no entanto, o acesso ao emprego ou a estudos.

## Europa devia limitar actividades da FLEC

O embaixador angolano na Bélgica, Armando Mateus Cadete, defendeu que as actividades dos representantes da FLEC/FAC na Europa deviam ser restringidas. «Não devia ser-lhes permitido agir com tanta liberdade e impunidade, já que representam organizações que praticam actos terroristas contra os direitos humanos, como retirar a liberdade dos portugueses que se encontram reféns.»

Para o representante diplomático de Angola, que esta se encontra esta semana em Estrasburgo em contactos com os eurodeputados portugueses do Parlamento Europeu, as actividades dos membros

da Frente de Libertação do Enclave de Cabinda/Forças Armadas de Cabinda constituem uma «ameaça à liberdade» dos cidadãos, de que é exemplo o rapto há cerca de dez meses de três trabalhadores portugueses.

Na passada sexta-feira à noite, mais cinco portugueses foram raptados na cidade de Cabinda, numa acção reivindicada desta vez pela Frente de Libertação do Enclave de Cabinda-Renovada (FLEC-R).

Mateus Cadete espera do Parlamento Europeu, que hoje, quinta-feira, analisa uma resolução comum apresentada pelos partidos portugueses com assento no

hemisfério de Estrasburgo, uma «condenação» desses actos, exigindo ao mesmo tempo «a restituição da liberdade» a esses cidadãos. O embaixador angolano reiterou que o governo de Luanda está «preocupado com a situação», continuando a investigar no sentido de procurar uma resolução.

A proposta de resolução apresentada pelos deputados do PCP no Parlamento Europeu para além de condenar os actos referidos, apelar à libertação dos oito cidadãos raptados, solicita a intervenção da presidência sueca e a colaboração em geral das organizações internacionais.

## Alemanha «doa» carne

A Alemanha irá doar 200 mil vacas à Coreia do Norte, mas na condição de a carne não servir para alimentar as elites e os militares do país, segundo anunciou, no domingo, a ministra alemã da Agricultura e Consumo, a ecologista Renate Kuenast, durante o congresso dos Verdes, que decorreu em Estugarda.

Rccorde-se que Berlim prevê abater cerca de 400 mil bovinos para reduzir a oferta no mercado de carne de vaca, em queda desde o início da crise das «vacas loucas» na Alemanha. A medida enquadra-se num programa especial subvencionado pela União Europeia e todos os animais abatidos deverão ser submetidos ao teste da encefalopatia espongiforme bovina.

Num pedido transmitido a Berlim pela organização alemã não-governamental Cap Anamur, o governo norte-coreano manifestou o desejo de receber cerca de metade do efectivo que será abatido, para distribuir à população, que se confronta com uma grave penúria de alimentos. Fica por saber se está disposto a aceitar o controlo que lhe é imposto sobre a distribuição de um produto que os alemães se recusam a comer.

## Missão lunar europeia

O mini-satélite SMART-1, que deverá ser lançado em Outubro de 2002 por um foguetão Ariane-5, vai protagonizar a primeira missão da Agência Espacial Europeia (ESA) visando a Lua, até aqui explorada apenas por soviéticos e norte-americanos. O SMART-1 (Small Mission for Advanced Research and Technology) será colocado numa órbita elíptica em volta da lua com 10 mil quilómetros de apogeu (ponto mais afastado da Terra) e mil quilómetros de perigeu (ponto mais próximo da Terra). A missão, com um custo aproximado de 86 milhões de euros (mais de 17 milhões de contos) tem uma duração prevista de seis meses, que poderá ser prolongada em função das reservas de combustível.

Destinado a um programa completo de observação da Lua, o mini-satélite (de 350 quilogramas) será equipado com uma câmara de alta resolução em miniatura (AMIE) para observar a superfície lunar, um espectrómetro de raios infravermelhos (SIR) para analisar os minerais e um espectrómetro de raios X (D-CIXS) para estudar a composição fundamental da superfície lunar.

O SMART-1 terá ainda por missão testar em voo o seu sistema principal de propulsão hélio-eléctrica que será depois utilizado em outros satélites, nomeadamente no Bepi-Colombo, que a ESA deverá lançar em 2009 rumo a Mercúrio.

# Patarroyo está louco?

● Pilar del Rio

**L**ouco: de pouco juízo, disparatado, imprudente. Pois sim: Patarroyo demonstrou que tem pouco juízo, que é uma pessoa disparatada e imprudente. Que não sabe orientar-se na vida e que não conhece os seus semelhantes nem as leis que dominam e regem a vida dos seus semelhantes. Esta temeridade levou-o à ruína (acabam de embargar-lhe os instrumentos do seu laboratório) e, o que é pior, milhões de pessoas morrerão porque nenhuma multinacional está interessada em distribuir vacinas pelas quais não obterá chorudos benefícios. Tão

Venter, um dos pais do genoma humano e sócio maioritário da empresa genética Celera Genomics, fonte de avanços científicos e também de dividendos, porque é mais rentável investir num futuro melhor para os ricos do Primeiro Mundo do que investir no presente dos pobres. O direito de todas as pessoas à saúde está muito bem para declarações políticas solenes, mas não quadra com a sociedade actual, regida por essa lei inexorável que é a lei do mercado. Quem paga, tem, quem não paga, lamentamos: nem a indústria nem os estados são associações de beneficência, uns e outros têm os seus interesses e as suas responsabilidades, a caridade como se sabe começa em casa e não vamos malbaratar os nossos recursos com pessoas que sucumbem perante a malária ou a tuberculose, ou em países tão desgraçados que não sabem sequer organizar as suas próprias defesas sanitárias. E assim vamos: há algumas semanas, a ONG britânica Oxfam denunciou que mais de onze milhões de pessoas morrem anualmente no Terceiro Mundo por falta de vacinas e de medicamentos que as multinacionais e os



países ricos possuem. Estes laboratórios, amparados na tal lei do mercado, não só não embaratecem os seus produtos quando vão ser destinados a combater problemas em países subdesenvolvidos como condenam os que têm a veleidade de pensar com intenções humanitárias. Assim procederam com Patarroyo ou com o laboratório indígena Cipla, a quem o gigante farmacêutico Glaxo Wellcome denunciou por vender cópias do seu tratamento contra a Sida a baixo preço ao Gana. E estas denúncias têm consequências: as empresas que se atrevem a fabricar medicamentos genéricos, torneando as leis das patentes, sofrerão sanções comerciais por parte dos Estados Unidos e a pressão corporativa das multinacionais. Que de seguida, e para reduzir os seus impostos, doarão ao Terceiro Mundo, isso sim, com grande aparato informativo e, quem sabe, com a presença de algumas personalidades políticas instaladas no poder, algumas amostras de sobra e muitas vezes fora de prazo. Com esta esmola procuram ganhar o céu e a simpatia dos ingénuos da terra.

simples como isso. O cientista colombiano Patarroyo doou a patente da sua vacina à Organização Mundial de Saúde (OMS) com o objectivo de que chegasse a todos os cantos do planeta, mas essa medida altruísta e digna de louvor foi a sua perdição, porque as multinacionais, incluindo a própria OMS, movidas por turvos interesses, lançaram o grito de alerta e decidiram que havia que acabar com o cientista e com esse tipo de práticas, que desequilibram o sistema. Daí o boicote e o descrédito a que Patarroyo está submetido. Estou certa de que muitas pessoas que lerem este artigo pensarão que é um aldrabão, um oportunista ou um chanfrado: para que uma ideia se instale na opinião pública basta repeti-la muitas vezes, e a campanha de desprestígio contra o cientista e contra as suas investigações orquestrada pela influente e poderosa indústria farmacêutica conseguiu semear a dúvida até em pessoas menos predispostas a acreditar em histórias da carochinha. Outro galo teria cantado se Patarroyo tivesse vendido a sua patente a uma multinacional. Estaria agora navegando no seu iate com Craig

Manuel Elkin Patarroyo, que em 1983 descobriu a vacina sintética contra a malária, garante que a sua investigação servirá de base para a criação de uma fórmula genérica de vacinas contra mais outras doze doenças.

O investigador colombiano entrou cedo em rota de colisão com as multinacionais: «A indústria farmacêutica já me demonstrou há 20 anos, quando queria trabalhar na tuberculose e na malária, que as empresas não estavam interessadas nestas doenças. Com os anos aprendi isso, mas não o aceito, porque sei que, se ganhar, o benefício será para todos», afirma.

A vacina sintética, cuja descoberta valeu a Patarroyo o prémio Príncipe de Astúrias de Investigação Científica e Técnica de 1994, foi experimentada em vários países de África e da América Latina. Cerca de três milhões de pessoas em todo o mundo contraem anualmente a malária.

A Autoridade Palestiniana acusa o governo hebraico de estar a transformar as povoações em campos de prisioneiros

## Bloqueio à Palestina

O bloqueio à cidade de Ramallah, na Cisjordânia, reforçado por Sharon, tem sido criticado por meios militares e de esquerda.

Cerca 33 aldeias da Cisjordânia com um total de cerca de 70 mil pessoas estão isoladas e impedidas de se deslocar a Ramallah pelas forças israelitas. Israel afirma que esse isolamento é necessário para evitar actos terroristas. A Autoridade Palestiniana, por outro lado, acusa o governo hebraico de estar a transformar essas povoações em campos de prisioneiros, segundo informou a Lusa.

Shimon Peres, ministro dos Negócios Estrangeiros, declarou que a decisão do bloqueio tem de ser revista, posição que tem sido seguida por vários responsáveis do exército, acusando Ariel Sharon de contradizer as suas posições de «castigar os responsáveis pelos atentados, mas facilitar a vida da população inocente».

Entretanto, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos estados membros da Liga Árabe pediram segunda-feira, no Cairo, uma reunião urgente do Conselho de Segurança da ONU com o fim de ser criada uma força internacional destinada a proteger os palestinianos nos confrontos com Israel.

«Os países árabes apelam ao Conselho de Segurança da ONU para que se reúna imediatamente e examine os meios de criar uma força internacional para proteger o povo palestiniano», anunciou a Liga, num comunicado, após a reunião especial entre os chefes da diplomacia.

Ainda segundo o mesmo comunicado, os ministros

árabes decidiram «estabelecer contactos com os EUA, a Rússia e a UE para lhes pedir que tomem uma posição contra as medidas israelitas», designadamente o bloqueio aos territórios ocupados.

### Governo instável

O bloqueio a Ramallah está a servir de teste à frágil coesão do novo governo israelita.

O governo de União Nacional é uma coligação de sete partidos que controlam pelo menos 70 dos 120 lugares do Knesset. Entre os seus membros encontram-se «advogados» do processo de paz, como Shimon Peres, e ultranacionalistas que propõem a expulsão dos palestinianos da Cisjordânia e Faixa de Gaza.

Com 26 ministros e 15 vice-ministros, trata-se do maior governo da história de Israel. Também pela

primeira vez na história dos governos liderados pelo Likud não há nenhum ministro do Partido Nacional Religioso, que terá recusado a oferta de Sharon.

O Likud (direita) de Ariel Sharon detém os ministérios das Finanças, Educação, Justiça, Segurança Interna, Comunicações, Imigração e Ambiente, além de dois ministros sem pasta.

Sharon acumula o cargo de primeiro-ministro com o de ministro da Imigração.

Ao Shas (centro-direita) foi atribuída a importante e controversa pasta dos Assuntos de Jerusalém, assim como os ministérios dos Assuntos Religiosos, Interior, Saúde e Assuntos Sociais.

Ao partido do antigo dissidente russo Natan Sharansky, o Partido dos Imigrantes (centro-direita) coube a Habitação.

Os ultranacionalistas da União Nacional ficaram com o Turismo e o Yisrael Beitenu com as Infra-estruturas.

Aos trabalhistas foram atribuídos os ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Defesa.

## Confrontos na Palestina

Pelo menos um palestiniano foi morto e trinta ficaram feridos em novos confrontos com israelitas em Surda, na Cisjordânia.

Os incidentes ocorreram quando um grupo de palestinianos, liderado pelo ministro da Informação, Yasser Abed Rabbo, se manifestava contra o bloqueio israelita aos territórios ocupados.

A violência foi iniciada quando um tractor com a bandeira israelita avançou contra a multidão, ferindo várias pessoas. De seguida soldados israelitas dispararam balas de aço com revestimento de borracha, gás lacrimogéneo e fogo contra os manifestantes.

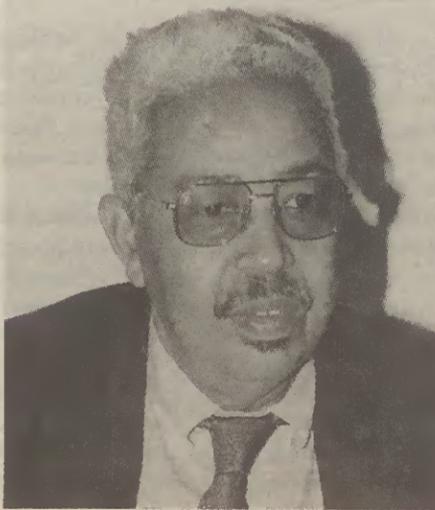
## Saudação a Pedro Pires...

O Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, enviou ao novo Presidente da República de Cabo Verde, Pedro Pires, as calorosas felicitações dos comunistas portugueses e os melhores votos de êxito no exercício das mais

altas funções do Estado cabo-verdiano. A mensagem sublinha que a eleição de Pedro Pires, na sequência da vitória do PAICV nas últimas eleições legislativas, se reveste «de um grande significado político e confirma positivas perspectivas para a melhoria das condições de vida do povo e a consolidação de democracia em Cabo Verde».

### ... e ao Laos

Por ocasião do VII Congresso do Partido Popular Revolucionário Lao, o CC do PCP manifestou a solidariedade dos comunistas portugueses com os militantes daquele partido. Apesar das diferentes condições existentes em Portugal e no Laos, a «amizade e solidariedade revolucionária na luta pela causa comum da defesa dos interesses vitais dos nossos trabalhadores, do progresso social, da paz, soberania nacional e socialismo, unem ombro com ombro», refere a mensagem.



# Cidade do México aclama zapatistas

## Marco histórico na luta pela dignidade indígena

A Marcha pela Dignidade Indígena foi recebida, domingo, em apoteose, na Cidade do México. Um dia histórico na luta por um mundo onde caibam todas as cores.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) tomou simbolicamente El Zócalo, a maior e histórica praça da antiga Tenochtitlán, hoje Cidade do México, onde a 6 de Dezembro de 1914 o general revolucionário Emiliano Zapata exigiu justiça para os pobres. O subcomandante Marcos e 23 comandantes do EZLN chegaram desarmados, num

camião aberto, sob uma chuva de flores, e perante mais de 200 000 pessoas exigiram o reconhecimento constitucional dos 10 milhões de indígenas mexicanos.

A marcha triunfal dos zapatistas, que durante 15 dias percorreu mais de 3000 quilómetros pelos 12 estados mais pobres do México, foi recebida por um mar de gente de todas as cores, de todas as idades e de todos os estratos sociais. As principais cadeias de televisão do país ignoraram o acontecimento, sem qualquer transmissão em directo. Um facto elucidativo, que segundo alguns analistas se ficou a dever a um acordo

entre os proprietários das televisões e o governo numa tentativa de reduzir o impacto da jornada. Tentativa inútil. No «coração político» do México, a marcha pela dignidade indígena recebeu o apoio indiscutível da população, que numa só voz fez ouvir o clamor nacional: «chegou a hora de fazer justiça».

**200 mil pessoas em defesa dos direitos dos índios mexicanos**

### Reflexão e grito

Pela tribuna que presidiu ao gigantesco comício da praça de El Zócalo passaram representantes das diferentes organizações promotoras do evento, assinalando, como Victor Guzmán, da CNI, que «este é o tempo dos povos índios do México...». Como disse o representante indígena, «estamos aqui para que todos juntos possamos conseguir o lugar que merecemos. No nosso próprio país somos tratados como estrangeiros, e tanto assim é que temos que nos dirigir a vós numa língua estranha, que não é a nossa língua, a lí-



O subcomandante Marcos (à direita), acompanhado de outros dirigentes do Exército Zapatista de Libertação Nacional

gua que nos ensinaram os nossos pais».

A situação das mulheres indígenas chegou pela voz da comandante Esther: «Há muitos anos que estamos no esquecimento, subestimadas, discriminadas, marginalizadas e oprimidas. Tratam-nos como objectos. Nunca nos viram como seres humanos. Decidimos organizarmo-nos como rebeldes para pedir o que nos falta: os nossos direitos...»

O comandante tzeltal,

Zebedeo, lembrou por seu turno ao governo que «não é nada sem o povo», nem o México «é propriedade privada», pelo que os cerca de cem milhões de mexicanos têm direito a «viver e usufruir plenamente» das riquezas do país.

Quanto ao comandante Tacho, advertiu os governantes «que chegou ao fim o esquecimento racial e desprezo pelos índios», esses milhões de mexicanos determinados em não «permitir mais injustiças» e a defender os seus direitos «em qualquer rincão da pátria mexicana».

A intervenção do subcomandante Marcos, a mais esperada de todas, não desiludiu. Como se pode verificar pelos excertos que publicamos em separado, o lendário dirigente zapatista sintetizou a razão de ser dos sete anos de luta do movimento. «Somos reflexão e grito», disse Marcos, sublinhando que a força do EZLN está no apoio popular à justa causa pelo reconhecimento dos direitos e da cultura indígenas.

No México a hora é de esperança. A esperança de que finalmente tenha chegado a «hora dos povos índios, os da cor da terra».

## A hora dos índios (\*)

«Nós não deveríamos estar aqui. Quem deveria aqui estar eram as comunidades indígenas zapatistas. Os seus sete anos de luta e resistência, o seu ouvido e o seu olhar, os povos zapatistas que são os pés que nos fazem andar, a voz que nos faz falar, o olhar que nos torna visíveis, o ouvido que nos faz ouvir.»

Quem deveria estar aqui «eram as revoltosas e os revoltosos. A sua sombra persistente, a sua silenciosa força, a sua memória levantada... São elas e eles que merecem vê-los e escutá-los, e falar-lhes. Nós não deveríamos estar aqui. E no entanto estamos. E estamos juntos delas e deles, daqueles e daquelas que povoam os povoados índios de todo o México. Os povos índios, os nossos ancestrais. Os primeiros povoadores. Os primeiros que falaram. Os primeiros que ouviram. Os que, sendo os primeiros, parecem os últimos, e morrem.»

«Não viemos dizer-vos o que fazer, nem a guiar-vos para qualquer lado. Viemos pedir humildemente, respeitosamente, que nos ajudem. Que não permitam que volte a amanhecer sem que essa bandeira tenha um lugar digno para nós, os que somos da cor da terra.»

«Somos e seremos mais um na marcha, a da dignidade indígena, a da cor da terra. A que descobriu e despertou os muitos Méxicos que sob o México se escondem, e sofrem. Não somos o seu porta-voz, somos uma voz entre todas essas vozes, um eco que repete dignidade entre todas as vozes. Juntamo-nos a elas. Multiplicamo-nos com elas. Continuaremos a ser eco, somos voz e continuaremos a sê-lo. Somos reflexão e grito. Sempre o seremos. Podemos sê-lo com ou sem rosto. Armados ou não. Mas somos zapatistas. Somos e sempre o seremos.»

«Irmão, irmã indígena, somos um espelho, estamos aqui para nos vermos e para nos mostrarmos, para que tu nos olhes, para que tu te

olhes, para que o outro se olhe no nosso olhar. Estamos aqui, e somos um espelho. Não a realidade, mas apenas o seu reflexo. Não a luz, mas apenas um fulgor. Não o caminho, mas apenas uns passos. Não o guia, mas apenas um de tantos ramos que levam ao amanhã.»

«Quando dizemos somos, também dizemos não somos e não seremos... Não somos os que aspiram ao poder e a partir dele a impor o caminho e a palavra. Não seremos. Não somos os que, ingénuos, esperam que de cima venha a justiça que apenas cresce a partir de baixo, a liberdade que só com todos se alcança, a democracia que é de todos e sempre conquistada. Não seremos.»

«Não somos os que colocam um preço na dignidade própria ou na alheia e convertem a luta num mercado, onde a política é ocupação de mercadores que disputam não o poder mas clientes.»

«Não somos a paz disfarçada que aspira pela guerra eterna.»

«Não somos os que dizem três, e logo dois ou quatro ou tudo, ou nada. Não seremos.»

«Somos rebeldes. Seremos rebeldes. Mas queremos sê-lo com todos os que somos. Sem a guerra como casa e caminho. Porque assim fala a cor da terra: tem a luta de muitos caminhos.»

«É a hora de Fox e de quem ele serve, escutar e nos escutar. É a hora de Fox e de quem o comanda, nos ver. Uma só coisa fala a nossa palavra. Uma só coisa olha o nosso olhar. O reconhecimento constitucional dos direitos e da cultura indígenas. É a hora dos povos índios, da cor da terra, de todas as cores que somos e que somos cores apesar da cor do dinheiro.»

(\*) Excertos da intervenção do subcomandante Marcos.

## À espera da lei

Terminada a Marcha, os zapatistas instalaram-se na Escola Nacional de Antropologia e História (ENAH), onde se propõem permanecer até que seja aprovada a lei que concede uma ampla autonomia aos 10 milhões de indígenas mexicanos.

Protegidos pelos estudantes e apoiados logisticamente pela população, o subcomandante Marcos e os 23 comandantes do EZLN têm agora pela frente um caminho bem mais penoso do que o percorrido desde a selva de Chiapas: conseguir o acordo necessário para a provação do projecto de lei preparado pela Comissão de Concórdia e Pacificação (Cocopa), condição fundamental para o reactivar das conversações de paz suspensas em 1996.

Esta semana, o calendário político passou por uma reunião dos zapatistas com a Cocopa, passo prévio para um encontro dos guerrilheiros com representantes das duas câmaras do Congresso, muito dividido na atitude a tomar no processo de paz.

Acresce que o reatamento do diálogo está ainda condicionado, por parte do EZLN, ao cumprimento de outras duas exigências: a saída do Exército de sete acantonamentos, e a libertação de cerca de uma centena de presos zapatistas.

No que afirmou ser uma manifestação de boa vontade e seriedade para o regresso ao diálogo, o presidente Fox enviou ao Senado, a 5 de Dezembro último, um projecto de lei que diz retomar o essencial dos acordos de S. Andrés, subscrito em 1996 pelo governo de Ernesto Zedillo e delegados do EZLN; retirou as tropas de quatro acantonamentos; libertou 86 presos; e pediu ao Congresso que aprove a lei.

O Congresso propõe agora que uma comissão composta por dez senadores e dez deputados receba os zapatistas, em data a definir pelo EZLN, no Senado em Xicoténcatl. A reunião, a que poderão assistir todos os congressistas interessados, será o primeiro passo de um caminho que ainda promete ser longo.

## Liberdade provisória para Pinochet

O juiz chileno Juan Guzman, responsável pelo processo contra Augusto Pinochet e que ordenou a sua prisão domiciliária, concedeu-lhe terça-feira a liberdade provisória mediante o pagamento de uma caução de 731 mil escudos, anunciaram fontes judiciais.

A decisão do magistrado surge depois do tribunal de recurso de Santiago ter revisto no passado dia 8 as acusações de que Pinochet era acusado, reduzindo-as de «autor» para «cúmplice» dos crimes da denominada «caravana da morte».

O tribunal de recurso deverá examinar no fim do mês um recurso apresentado pelos advogados do ex-ditador que pede a improcedência judicial do processo por «razões de saúde», invocando a degradação do estado psíquico e mental do seu cliente.

## Cessar fogo no Kosovo

Os guerrilheiros albaneses que lutavam com as forças de segurança sérvias, numa zona fora do Kosovo, assinaram terça-feira um acordo de cessar-fogo durante uma semana.

Belgrado assinou igualmente o acordo de cessar-fogo em Merdare, localidade situada na fronteira entre o Kosovo e a Sérvia, anunciou o chefe da força multinacional de paz (KFOR), o general Carlo Cavigliosi.

«O cessar-fogo entrou em vigor a partir da meia-noite de segunda-feira, depois da troca dos documentos assinados pelas duas partes», indica o documento.

## Espanha

Os setecentos imigrantes ilegais encerrados há mês e meio em dez igrejas de Barcelona puseram fim ao protesto pela regularização da sua situação legal em Espanha, na passada semana, e dirigiram-se à delegação do Governo onde entregaram 60 mil assinaturas de apoio recolhidas durante os dias de luta.

Entretanto, o Parlamento Autónomo Basco decidiu apresentar um recurso de inconstitucionalidade contra a Lei de Estrangeiros em vigor desde Janeiro passado e que restringe alguns direitos fundamentais como o de associação, manifestação ou greve, e autoriza a Administração a expulsar os ilegais no prazo de 72 horas.

## Cabo Verde

Pedro Pires, o candidato mais votado na segunda volta das presidenciais de Cabo Verde, apelou na passada semana à «reconciliação e reforço da solidariedade» entre os cidadãos de Cabo Verde. Depois de se conhecer o apuramento final da Comissão Nacional de Eleições, que lhe deu uma vitória por 17 votos sobre Carlos Veiga, Pires, num comunicado de imprensa, mostrou-se «preocupado com a estabilidade política e governativa».

Defesa Nacional e Forças Armadas

## Dá e tira, e tira...

**O**s problemas na área da Defesa Nacional e das Forças Armadas avolumam-se em resultado da ausência de medidas por parte do Governo.

E avolumam-se quando em Nice são aceites desenvolvimentos de carácter político e militar de génese federalista; quando quase dois anos após a aprovação da lei de reconstituição das carreiras para os militares prejudicados com o 25 de Novembro, tudo continua, no essencial, parado por erros processuais; quando o PS forçou a aprovação de um Estatuto dos Militares (EMFAR) contrário às expectativas e propostas dos militares, nomeadamente no que concerne a retrocessos funcionais; quando elabora projectos de RDM e CJM que suscitaram um alargado coro de pasmos e críticas; quando continua por clarificar vários aspectos da Lei do Serviço Militar; quando continua a ignorar a desvalorização material dos militares e usa de expedientes para protelar decisões; quando continua a permitir que atitudes persecutórias se abatem sobre militares com responsabilidades associativas, etc. O Governo encara as Forças Armadas como mais uma frente de marketing. Lá surgiu mais uma vez, em parangonas, que uma fragata portuguesa assumiu o comando da STANAVFORLANT. Mas os reais problemas continuam e não é a Nato que os resolve.

Por isso assistimos a mais um jantar de Oficiais, em meados de Dezembro, para fazerem sentir as suas preocupações. Por isso assistimos, também em Dezembro e em Fevereiro último, a mais uma iniciativa dos Sargentos dos três ramos das FAs, fatos de conversa sem que da mesma resultem perspectivas visando a resolução dos problemas. Não há marketing que apague a triste e lamentável realidade vivida pela Instituição. Quando, numa reportagem televisiva sobre a Marinha, o jornalista termina dizendo que «não é preciso ir a Murmansk» (porto russo onde se acumulam navios da Marinha de Guerra em estado deplorável), julgamos que tudo está dito. E é aqui que entra a contradição entre a realidade e os meios e as opções governamentais. Há meses que é grande a azáfama para o aprontamento da fragata para a STANAVFORLANT. Foi, aliás, considerada questão prioritária no discurso de tomada de posse do novo Cdt. Naval. Tudo para a fragata e para o eterno discurso do «cumprimos os nossos compromissos». E o resto? E este resto vai desde o singelo facto de militares que estiveram em Timor ainda não terem feito análises de rastreio passados que são 3 meses de terem regressado até aos seguintes, igualmente singelos, elementos: pelos dados relativos a 1999 na Marinha existe 1 Oficial por cada 2 Sargentos e 3,6 Praças; no Exército existe 1 Oficial por cada 1,7 sargentos e 2,4 Praças e na Força Aérea 1 Oficial por cada 1,5 Sargentos e 1,3 Praças. Faz sentido tal estrutura? Faz sentido que no mesmo ano o número de Oficiais

promovidos no Exército e na Força Aérea seja superior ao de Sargentos?

### Questão de fundo

Obviamente que os Oficiais foram promovidos porque o tinham de ser, não é essa a questão. A questão é que estes dados revelam uma estrutura que pode ser tudo menos piramidal. Ora, o retrocesso funcional consagrado com a revisão do último EMFAR não favorece uma evolução de sentido correcto, mas antes uma flexibilização e polivalência funcional que pode atamancar dificuldades, mas não resolve as questões de fundo.

No quadro de crise em que vivem as FAs teria de ser opção prioritária a galvanização dos militares, a mais importante componente de qualquer organização. Ora, o que o Governo PS tem feito nesta matéria ilustra-se no lapidário comentário do ministro Castro Caldas perante a insatisfação dos Oficiais: se os Oficiais estão insatisfeitos passem a sargentos. É o desatino total.

E aqui entra o projecto do Governo de revisão do artigo 31 da LDNFA. E a primeira e grande questão é a de saber-se se, com este projecto, novas punições podem ocorrer sobre os dirigentes associativos por falarem sobre problemas socioprofissionais dos militares. A segunda grande questão é porquê tanta timidez face a uma realidade europeia conhecida e retratada em várias documentações, incluindo num relatório elaborado pela Comissão Parlamentar de Defesa quando do processo da nova Lei do Serviço Militar. A timidez só pode ter uma explicação — a desconfiança relativamente aos militares.

A mesma desconfiança e sede de governamentalização que conduziu — no tempo dos governos do PSD com o silêncio do PS —, por exemplo, à alteração do método de escolha das chefias militares, trocando um processo participado por outro governamentalizado. E daqui decorre tudo o resto num jogo do «dá em cima e tira em baixo e dá em baixo e tira em cima».

Não fechando, com estas considerações e preocupações, nenhuma opinião sobre o projecto do Governo, importa contudo deixar claro duas singelas premissas:

a primeira é que se impõe uma efectiva revisão do 31 e não uma mitigada revisão que, concedendo aquilo que a vida já adquiriu, ou seja, que os militares já conquistaram através da sua tenacidade e inteligência, fuja à definição dos contornos, mantendo assim campo para as duplas interpretações e propiciando assim a manutenção de um clima de constrangimento da actividade associativa;

a segunda é que se impõe uma revisão participada, uma revisão que envolva as associações militares. Há todas as condições para que assim suceda e para que o produto final não só ponha fim a um quadro datado de restrições para os militares como abra o começo de uma nova era não só para a Instituição Militar e os militares mas também signifique um avanço no amadurecimento democrático de Portugal cujos 27 anos de liberdade comemoramos este ano.

• Rui Fernandes

# Guerra e

**A** intervenção estrangeira dita «humanitária» nos Balcãs durante a década de 90 veio complicar, com uma falsa solução militar, uma já complexa situação política. Situação essa agravada ainda pelo uso de armamento ilegal. O urânio em munições desempenha a acção de um agente de guerra química e radiológica. A cabeça da munição ou do míssil comporta-se não apenas como componente mecânico de arma cinética mas também, e sobretudo, como ogiva não convencional propulsionada por arma cinética.

São hoje conhecidas as consequências da utilização de munições com urânio empobrecido no Golfo Pérsico e nos Balcãs: dramáticas para as populações civis e gravosas, ainda que em menor extensão, para as próprias tropas agressoras ou de ocupação.

A coincidência de numerosas patologias entre veteranos da Guerra do Golfo e entre tropas de «manutenção da paz» nos Balcãs aponta para uma mesma causa comum. Estudos epidemiológicos já feitos no Iraque são concludentes sobre os riscos que agora impendem sobre os Balcãs. Depois da Guerra do Golfo, conhecidos já os danos que daí se vinham acumulando entre os soldados veteranos e as populações civis iraquianas, a utilização de armas com urânio empobrecido de novo nos Balcãs afigura-se ainda mais criminosa. A violência e a crueldade extremas inerentes ao recurso a estas armas e a sinuosa mistificação dos factos a que os responsáveis da NATO recorrem para esconderem essa feia realidade e

# paz nos Balcãs (\*)

• Rui Namorado Rosa

iludir a opinião pública, merecem ser decifradas.

As munições com urânio empobrecido foram concebidas e desenvolvidas muito antes da Guerra do Golfo, na década de 70, durante a «Guerra Fria». Felizmente, a «Guerra Fria» preveniu uma «Guerra Quente». E, constatamos hoje, preveniu também o uso destas munições com urânio empobrecido. Enormes quantidades de munições penetrantes ficaram imobilizadas nos países da NATO. Veio a Guerra do Golfo (1991) e foram então «testadas». Aproximava-se o fim do prazo de validade e era necessário consumir para produzir de novo, pois que no «reino» do imperialismo o negócio do armamento não pode parar. Foram então aplicadas com «fins humanitários» nos Balcãs (Bósnia-Herzegovina 1994-95, Kosovo 1999).

As munições com urânio empobrecido são «apenas» um elemento de estratégia militar do imperialismo à escala global. A NATO fala sempre de munições mas omite os mísseis como os «Tomahawk» (contendo cargas de 3 kg de urânio), cuja utilização requer meios de lançamento que pequenos países não têm. Estratégia militar à escala global porque combina meios de operação em terra, mar, ar e espaço exterior, só ao alcance de raras potências militares, conferindo a vantagem de utilização de todas as armas em qualquer ponto em qualquer momento. Estratégia militar que vai de mão dada com a estratégia económica global do imperialismo.

A proliferação de armas com urânio empobrecido não contraria, antes corrobora, a prossecução do Novo Conceito Estratégico que a NATO se arroga para si própria, fora do quadro da comunidade internacional. E não contradiz, antes comprova, a crescente agressividade do imperialismo. A intervenção militar nos Balcãs traduz o inabalável propósito do imperialismo de, a todo o preço, proteger e alargar os seus interesses económicos em todo o mundo e de consolidar o seu domínio geo-estratégico sobre todos os povos.

### Crime premeditado

A NATO desencadeou uma intervenção militar agressiva nos Balcãs que veio agravar a já complexa situação política, destroçar vidas, infra-estruturas, o ambiente e a saúde pública. Não informou oportunamente sobre o tipo de armas que utilizou, agravando ainda mais as suas consequências sobre os civis e militares e as próprias tropas de ocupação. Só sob pressão e face à acumulação de evidências assumiu essa realidade. Realidade que, conhecidas as consequências dessas armas após vinte anos de testes nos EUA e noutros locais, e passados vários anos sobre a sua utilização na Guerra do Golfo, configura um crime premeditado. Mas a NATO não quer reconhecer o crime. Para iludir a opinião pública e protelar o seu descrédito a NATO recorreu a sucessivas falsidades. A saber:



- Que o urânio teria propriedades únicas para ser escolhido e utilizado em munições penetrantes, quando o tungsténio e suas ligas são superiores e não é um agente químico ou radiológico.

- Que o urânio utilizado nessas armas não teria consequências graves e duradouras sobre o ambiente e a saúde pública a nível regional, quando são reconhecidos os seus efeitos biológicos e os mecanismos do seu transporte no ambiente e da sua incorporação na cadeia alimentar.

- Que as síndromes do Golfo e dos Balcãs não existiriam ou que seriam atribuíveis a outras causas ainda misteriosas, quando já há evidência de que as patologias manifestadas nos dois teatros de guerra são coincidentes e que atingem quer militares quer civis.

- Que o urânio empobrecido teria sido escolhido em resultado do seu baixo custo, assim referindo o que é o seu preço artificial para as «cinco grandes empresas fornecedoras de armamentos», mas omitindo o preço por que é pago uma vez incorporado nas armas letais; mais, quando o urânio empobrecido é um potencial combustível nuclear em «reactores reprodutores» à taxa de cinco barris de petróleo por grama de urânio.

- Que as armas utilizadas seriam de urânio empobrecido, quando depois se veio a verificar a presença de urânio 236 e de plutónio, o que prova a utilização de urânio reciclado de centrais nucleares, com consequente agravamento da sua perigosidade.

- Que as armas utilizadas são «munições» penetrantes para a destruição de tanques e viaturas blindadas, omitindo a utilização de mísseis também com urânio e bem

de investigação no terreno (7 a 16 de Novembro de 2000).

- Do Parlamento Europeu: apelando aos seus membros que integram a NATO para uma moratória na utilização de armas com urânio empobrecido; e recomendando uma investigação independente para identificação das causas de doença e morte de soldados destacados nos Balcãs, para avaliação dos efeitos duradouros produzidos nos locais bombardeados e sobre as populações civis e para adopção de medidas para auxílio às vítimas civis e protecção do ambiente e para a reconstrução dos países da antiga Jugoslávia (17 de Janeiro de 2001).

- Do Conselho da Europa: apelando ao banimento de armas contendo urânio empobrecido; à cooperação da ONU e da NATO no acompanhamento da saúde pública das populações civis dos Balcãs, bem como das tropas que actuaram, dos elementos de ONGs e dos jornalistas que aí trabalharam; e à cooperação internacional na recuperação ambiental e na reconstrução de infra-estruturas destruídas (24 de Janeiro de 2001).

- Da WHO, em cooperação com a UNEP e a IAEA, a preparação e envio de missões de investigação ao Iraque, à Bósnia-Herzegovina, à Sérvia e ao Montenegro, para avaliação dos efeitos da utilização de armas com urânio empobrecido sobre a saúde pública e ambiente naqueles territórios (25 de Janeiro de 2001).

### Alertar a opinião pública

É agora urgente persistir no caminho de mobilizar a comunidade internacional para que sejam enviadas missões de

investigação para os teatros de guerra no Golfo Pérsico e nos Balcãs ainda não investigados por missões do UNEP e WHO; Iraque, Bósnia-Herzegovina, Sérvia e Montenegro e para os territórios contíguos. É urgente persistir para que os países europeus da NATO efectivamente adoptem a moratória esmagadoramente aprovada pelo Parlamento Europeu, o que ainda não fizeram, e para que venham a promover o banimento definitivo da utilização de urânio empobrecido em armas, em conformidade à deliberação adoptada pelo Conselho da Europa.

Devemos reconhecer o papel dos trabalhadores científicos no esclarecimento dos factos e na fundamentação das decisões. Mas o conhecimento e as decisões interessam e cabem a todos. Por isso devemos alertar a opinião pública: responsáveis políticos e militares, governamentais e intergovernamentais, têm manipulado dados científicos para iludir o público. E têm procurado remeter para a esfera da mera disputa académica a pesquisa de factos para fundamentação de presumíveis decisões futuras, deste modo protelando a tomada de decisões políticas urgentes. Ora o que de essencial está em jogo é a liberdade e a segurança dos povos, é a escolha entre a linguagem da verdade ou da mentira, entre Paz e Guerra. Não estamos a resolver um hipotético problema científico para provar o crime cometido. O papel que agora de facto compete aos trabalhadores científicos é salvar vidas

(\*) Intervenção em Salónica, a 24 de Fevereiro de 2001, no seminário promovido pelo Partido Comunista Grego e pelo Grupo Confederal da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Verde Nórdica.

# Sair da caverna como novo

• Modesto Navarro

No fim da viagem, o homem fechou o jornal e só então reparou que uma das mulheres lia ainda o novo livro de Saramago.

«Então, está a gostar?» Foi o primeiro impulso, ao levantarem-se para sair, mas não foi capaz. Ela iria olhá-lo como? Iria responder, ou pensaria que era uma abordagem outra?

«Sabe, estou a meio e às vezes é difícil», teria dito a mulher.

«De facto, também andei um pouco a navegar. Já me aconteceu com a "Jangada", que não acabei. Mas, com este, "A Caverna", não desista. Vá até ao fim. É fabuloso. Até a dois terços, arranca de forma desmedida e começamos a ter pena de que as páginas passem tão depressa.» Hoje, um livro para que serve? Para dizermos «já li», no jantar para que não somos chamados a falar de literatura? É melhor não ligar ao Saramago nem aos que escrevem para acrescentar alguma coisa aos humanos que somos e de que já nos esquecemos. São poucos os que abandonam a caverna de enganos e partem à procura da vida que não temos.

O pai, a mulher amada descoberta quase no fim da vida, a filha e o marido jovem, que deixa de ser guarda do Centro Comercial enorme em que se transformou a nossa existência, partem à procura, no final do livro, sem nada, mas recusando a prisão e a destruição em segurança. Meu caro José Saramago, tu não serves o sistema. Às vezes, dás uma na ferradura, como todos nós, mas estas que acertam no cravo ficam cravadas até ao fundo das nossas almas quase perdidas de Deus e do mundo.

É nestas alturas que gosto mais de ti, camarada. E, por isso, vê tu que estive quase a concretizar aquele impulso de falar à mulher. Ainda aguardo que viesse pela rua fora, até ao Metro, para ver se havia condições de lhe falar do livro. Mas ela já se tinha perdido no tropel da multidão de gente que vinha de casa, ainda mal acordada, e ia a caminho dos Centros Comerciais que podem ser os empregos, onde nos perdemos e também nos achamos, por vezes, para lermos o teu livro e concluirmos, tal como tu, no encerramento desse belo romance, que o sistema, este sistema capitalista avançado, é tão hábil, está tão à defesa e tão condenado que até transforma a grande descoberta, lá no ventre do Centro, em «Gruta de Platão prestes a abrir, não perca, visite-a, os bilhetes estão já à venda».

Não é bem assim, a frase final do teu livro. Para a descobrir, à frase-chave e à caverna em que estamos afundados e de onde temos de sair, vale a pena pegar nele como num manuscrito raro e trazê-lo lentamente, gostosamente, para o centro das nossas vidas em perda e em revolta.

# Indústria do poder

• Zillah Branco

**N**a sociedade moderna só se atribui valor ao produto industrializável. Assim surgiram as indústrias: do turismo, da comunicação, da moda, etc., abandonando as suas feições antigas presas à espontaneidade, à sensibilidade, à intuição (na falta de explicação científica para os mistérios da emoção), à criatividade livre dos impactos de mercado, a todas estas características que geravam expressões humanas herdeiras de um profundo sentir da natureza.

Como a organização das sociedades hoje é regida pelos critérios de investimento tendo em vista um produto reproduzível e lucrativo, também a saúde, a

está intimamente ligado aos sentimentos, à justiça e à ética, foi classificado como «mera veleidade e voluntarismo inócuo». Estas foram as palavras do presidente do Brasil, sociólogo no passado, para qualificar o Fórum Social Mundial que aconteceu em Porto Alegre, e assim pensa e age a elite dominante no mundo que se pretende globalizado. Por pensar assim consideraram um desperdício a despesa de 1 milhão de reais (500 mil dólares) que o governo do estado do Rio Grande do Sul suportou para promover o encontro entre representantes de 122 países, mais de 10 mil pessoas preocupadas com o destino da humanidade. (Igual valor foi investido

mente opostas. Um olha os seres humanos com os seus direitos de sobrevivência cercados; outro calcula a parcela que poderá sair da sua carteira para manter os povos semivivos com capacidade de produção e animação do mercado.

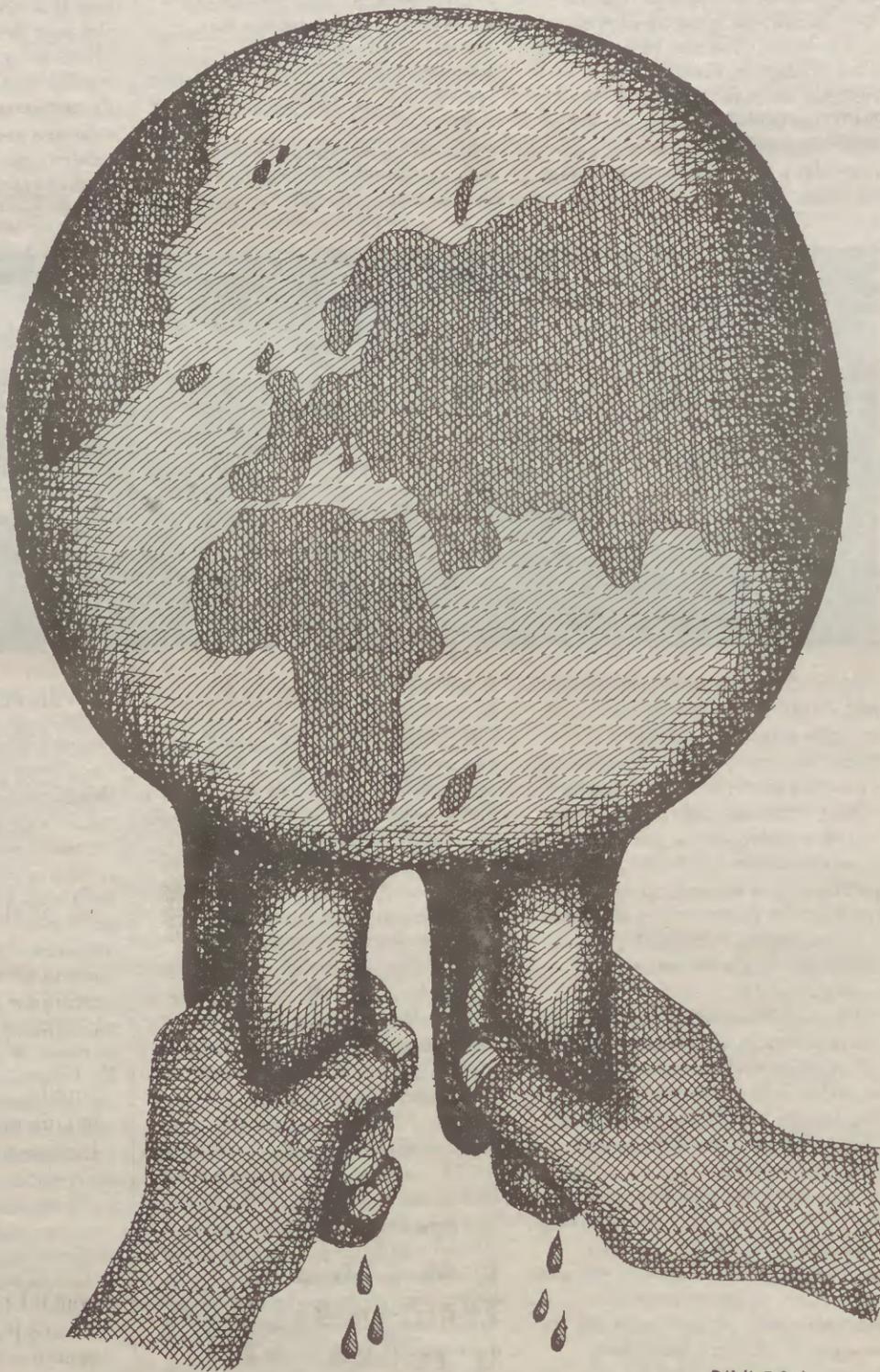
## Esmola para comprar santo

Não se pode perguntar «quanto custa?» a morte de milhões de seres humanos por fome, subnutrição, doença, repressão política. Não tem sentido «investir» no consolo das mães que perderam os filhos ou que assistem impotentes à inevitável adesão das suas crianças ao mundo da violência publicitado pelas indústrias estrangeiras cinematográfica, editorial e de comunicação e controlado pelas redes (industriais) do crime. Os sentimentos humanos servem como decoração, poesia, relax, demagogia, uma mera veleidade e voluntarismo inócuo, próprio para criar ambiente propício em momento de sedução. Assim pensam e agem os cínicos que se valem da ingenuidade e da pureza dos humanos não industrializáveis.

Há pessoas que pensam ser possível estabelecer uma ponte entre Porto Alegre e Davos, feita com palavras menos contundentes e conceitos menos transparentes do que a pergunta da Mãe de Maio ao especulador Soros: «Quantas crianças você matou com a sua política económica?» Eu, pessoalmente, creio ser impossível, a quem pensa como «Mãe, Pai ou Irmão da Humanidade», adoçar as palavras e arredondar os conceitos para não ofender o importante especulador. É que, para estas pessoas que valorizam os sentimentos e os direitos humanos, que sabem o que é solidariedade, o título «especulador» é, em si, repugnante. Para eles, para nós, os donos do poder económico são os ditadores do mundo global, os responsáveis pelo subdesenvolvimento, pela fome, pelo flagelo das doenças, pelas guerras, pelos crimes organizados, pelo sofrimento da humanidade.

O gesto sobranceiro de Bill Gates, atirando 100 milhões de dólares numa ONG que formou para investigar a AIDS, não passa de uma esmola para comprar o santo e tranquilizar a consciência. Só os basbaques ficaram deslumbrados: A pergunta que nos ficou foi: «Como é que os recursos para combater o flagelo da humanidade estavam no bolso de um Bill Gates?»

O que se comprova é que o poder global está à margem dos interesses sociais, que são os da vida, da natureza, da humanidade. Como a repressão, as armas, a indústria do crime, a propaganda insidiosa que deforma a consciência dos cidadãos e inocula a violência como símbolo de vigor pessoal, a organização da prostituição, a distribuição das drogas, as mil formas de especulação e escravização, estão nas mãos dos bandidos. Não há meias palavras, não há subtilidades possíveis para estabelecer diálogos. Só depois de esclarecidos os erros é que alguns, menos obcecados com o poder, poderão inverter a marcha da indústria do poder para atender às veleidades da humanidade.



educação, a previdência social, a segurança, foram encaixadas nos estreitos limites de indústrias das quais se conhecem todos os lados, do começo ao fim, sem nenhuma margem para evoluções. Ainda não se constitui a «indústria do sentimento ou da emoção, ou ainda da solidariedade». A pergunta essencial, para qualquer delas, não difere do «quanto custa?» exigido pelo mercado.

Face a tal reducionismo dos passos da humanidade, o campo social que

na festa promocional da indústria cinematográfica, de uma noite com todo o luxo, pelo Governo Federal. Mas, claro, tratava-se de um investimento em indústria...)

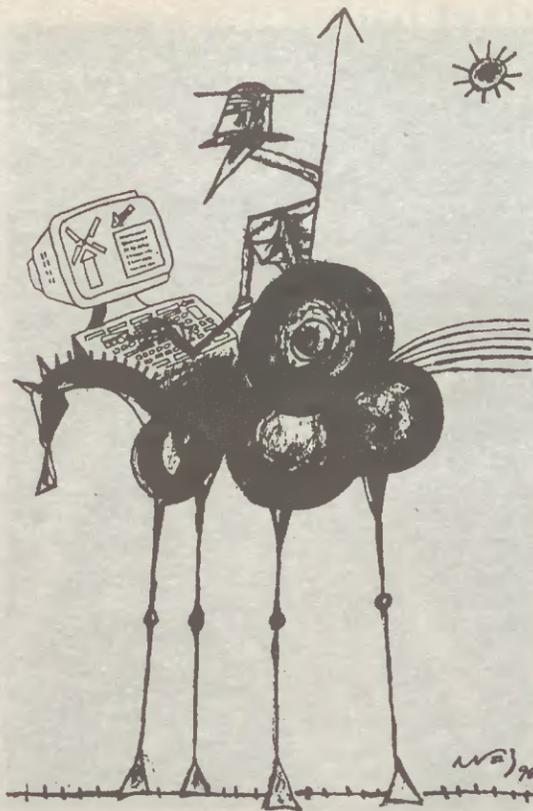
Interessante foi o diálogo de surdos estabelecido entre representantes de um pensamento social (de Porto Alegre) com os que detêm o poder económico (de Davos). Não poderia ser de outro modo, já que a origem das ideias e dos propósitos de cada lado são diametral-

## Comunicação

• Francisco Silva

Tenho andado envolvido em trabalhos cujo desenvolvimento invoca em mim, inevitavelmente, a contribuição de McLuhan, o teórico canadiano da área da Comunicação que, nos anos sessenta do século XX, cunhou expressões famosas - que vão indo e vindo na moda mediática - como a «aldeia global», a «galáxia de Gutenberg» ou a «o meio é a mensagem», para além da distinção entre meios de comunicação «frios» e «quentes»... e ainda tantas outras coisas. E, independentemente da opinião que se possa ter acerca da mundovisão deste autor e do seu acerto em várias das suas formulações, aforismos ou máximas, a sua produção foi e é de grande interesse - porque estimula, provoca-nos - para a análise da «galáxia» actual, em transformação, dos meios de comunicação.

Então, se nos colocarmos, observando-o com cuidado, bem entendido, sobre o trilho das transições «galácticas» segundo Mc Luhan, topamos com uma primeira, a transição do ambiente auditivo/oral<sup>(1)</sup> (no qual o sentido visual é um coadjuvante da percepção), o ambiente anterior à invenção do alfabeto fonético, para o ambiente visual, o da leitura (aqui a ênfase da percepção é posta na vista); este



## Variações galácticas

recebeu um impulso decisivo da invenção da imprensa por Gutenberg, pré-condição para a expansão e recepção da escrita de uma elite restrita para o público em geral. Depois temos a segunda transição, a do ambiente visual da escrita e da leitura, da imprensa e dos livros. Com os meios de comunicação eléctricos/electrónicos, a rádio e, sobretudo, a televisão, estaríamos outra vez num ambiente auditivo/oral. Ora, tendo em atenção estas transições detectadas por McLuhan, que dizer da transição devida à Internet? Que perspectivas para o futuro relativamente ao jogo dos nossos sentidos no acto de percepção?

Por o novo meio de comunicação, materializado pelo conjunto da Internet e dos computadores a ela conectados, isto é, a Rede (a Net), ser um meio de comunicação tipicamente electrónico, é esta uma razão suficiente para dizer que continuamos no interior da «galáxia» de Marconi (como McLuhan também lhe chamou)? Neste caso, como explicar o facto de o ambiente criado com a Internet parecer ser principalmente um ambiente visual, um ambiente no qual o olhar está dissociado do ouvir, da recepção da oralidade e do som, por isso, antes um ambiente gutenberguiano?

Alguns poderão dizer: tal está a acontecer assim apenas por enquanto, esta situação é devida à falta, ainda, de condições da Internet (nomeadamente da banda larga, etc.) que permitam o uso generalizado do audiovisual através dela. Isto é, estaríamos a passar por uma fase de limitações técnicas, mas a tendência «pesada» seria a da evolução num ambiente auditivo/oral - o tal ambiente que se realizou outra vez - antes fora o antes do alfabeto fonético - através da rádio, através do telefone já nem tanto (pelo menos é o que parece entrever-se da contribuição de McLuhan, afinal este não é um meio de comunicação de massas!), e da televisão

- curiosamente quando a imagem se constitui rainha... são assim as limitações das metáforas e aforismos, o que não quer dizer que não possuam a sua utilidade.

Aparece também, a ajudar, o UMTS, a nova - 3.ª - geração dos telemóveis, como lhe chamam os próprios especialistas de forma simplificada, por isso um pouco enganosa. O UMTS, a ser prometido, por possuir a capacidade para a imagem, não só para o envio de fotografias, estas próprias antes de ambiente visual, como para a transmissão de vídeo, portanto um instrumento de reforço do ambiente auditivo/oral próprio dos meios de comunicação eléctricos.

Pois, e a Internet através dos telemóveis e do UMTS, não conta? A Internet, que é também um certo voltar à velha telegrafia... um meio característico antes do ambiente visual, a ser parte, parece, da galáxia de Gutenberg e não da de Marconi, não obstante ter sido ela a fundadora da fase eléctrica...

Sim, a Internet, um certo voltar à telegrafia na comunicação interpessoal (e-mail, chats e outros) e na difusão de informação, esta, efectuada de um modo já diferente do dos media. A Internet, insisto, a dar a mão ao ambiente visual que a escrita nos trouxera. Aliás, o crescimento do uso das mensagens escritas no telemóvel de hoje também disso é sinal concludente.

Isto, não obstante as promessas do multimedia. Aceito mas são promessas. Concretizando-se, enquanto indutoras de um rearranjo do papel dos diversos sentidos na percepção, então será interessante estudar as características da novíssima galáxia.

(1) Ou auditivo/oral-táctil - O esclarecimento desta questão cai fora do âmbito deste texto.

## Pontos Naturais

• Mário Castrim

### Sonetos

#### Regresso

Sentado à mesa. Distráido. Os dedos pontcuculos de tinta escura vão dando ao papel. A imaginação evadida da cela dos seus medos

une os pontos com linhas sem enredos ao calha, na viagem sem guião. E o que vejo eu? Uma constelação sem causa, contra o céu dos meus segredos.

«Que queres tu de mim?» - pergunto, suando. Ela, com um sorriso a lume brando, «nada receies - disse - vai trazer-me

um cordel que me acorde do desmaio». Sai da constelação o papagaio do menino que dorme em cada verme.

#### Soneto do vovô

Ódio, mas ódio mesmo, ódio dos tais que nos fazem olhar da cor do lume o ódio baixo, roxo, o ódio estrume de não sei que de arribas animais.

Eu desse ódio não sei. Então dos quais? Que de ódio então meu dia-a-dia assume? Que ódio se escape de qualquer perfume e me enraiveça de ácidos punhais?

Ódio? Nenhum. Nenhum. E não esbanjo aqui lantejouladas asas de anjo para dar ao soneto um calmo ambiente.

Vivo o tempo rendível dos afectos e toda a gratidão pelos meus netos roubar-lhes mais de mim me não consente.

#### Oração

Um dia mais de amor e de horas mansas um dia mais com mais sabor a mim um dia mais aberto no jardim um dia mais de jogo das crianças

um dia mais de estrelas, milho, danças um dia mais sem princípio nem fim um dia mais com olhos de cetim um dia mais na viagem das mudanças

um dia mais para o fulgor do dardo um dia mais abandonado o fardo um dia mais de azul e maresia

um dia mais na ânsia da alvorada um dia mais irmão e camarada. Eis a minha oração de cada dia.

#### Partido

Com o Evangelho na alma que dizia para os pobres haver um dia a haver um dia à tua porta fui bater o nesse dia em mim se fez o dia.

Ninguém da minha genealogia quis saber, nem de mim e nem sequer de eu estar ali qual a razão de ser. Tudo tão natural como a alegria

que sai da flor. «Entra», disseste, e eu ouvi dentro de mim: «Amanheceu não mais a morte vã dos dias vãos.»

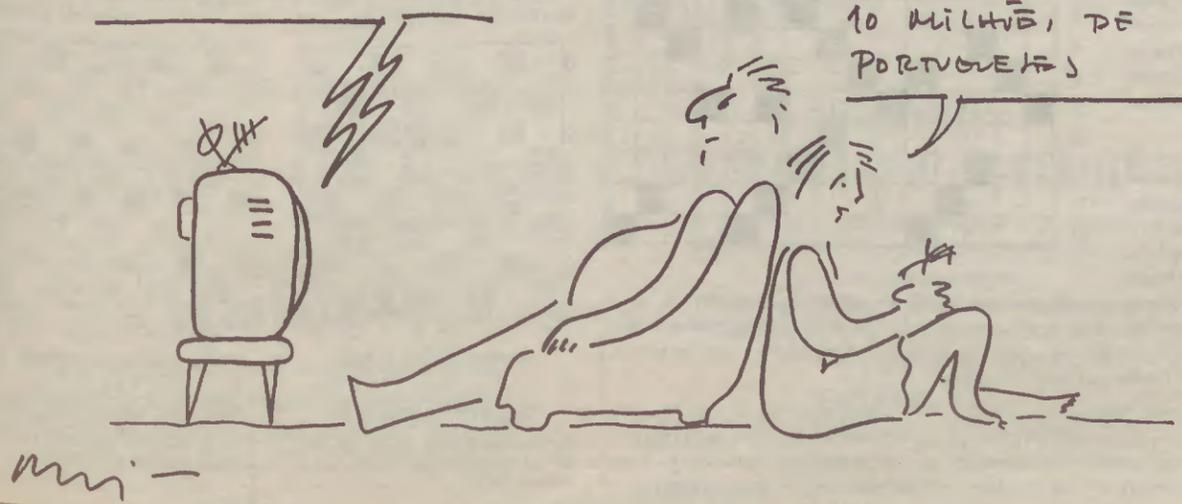
Agora, o Evangelho donde venho espírito rebelde, agora tenho-o na alma não apenas, mas nas mãos.

## Cartoon

• Monginho

PAULO TEIXEIRA  
PRESIDENTE DA CÂMARA  
DE CASTELO DE PAIVA  
QUER QUE GUTERRES  
GARANTA O CUMPRIMENTO  
DAS PROMESSAS PARA  
O SEU CONCELHO...

Ó PAULO, É VOCÊ  
E OS OUTROS 307  
PRESIDENTES E  
10 MILHÕES DE  
PORTUGUESES



## Literatura

• Urbano Tavares Rodrigues

Tendo sido dado o nome da escritora Maria Judite de Carvalho a um largo da freguesia dos Olivais, em Lisboa, publicamos esta nota evocativa de Urbano Tavares Rodrigues, com quem a escritora foi casada.

**M**aria Judite de Carvalho (1921-1998) foi a novelista da solidão, da incomunicabilidade, da desistência, numa escrita concisa e clara, irónica, por vezes terna, mesmo na mansa expressão do desespero.

Influenciada pelo existencialismo francês e mais tarde, de certo modo, pelo niilismo de Marguerite Duras, Maria Judite reflecte também na sua obra a orfandade precoce e a reserva natural, toldada de cepticismo, que cedo a afastou de todas as mundanidades e ambições de glória.

Inovadora na construção das suas ficções, que alguma coisa devem à riqueza da sua bagagem literária (Maria Judite licenciou-se em Filologia Germânica na Faculdade de Letras de Lisboa, viveu seis anos em França, foi jornalista e excelente tradutora), os seus livros de



## Memória de Maria Judite de Carvalho

contos – só publicou um romance – reproduzem o cinzento e o clima opressivo de receio e mediocridade da vida burguesa lisboeta sob a ditadura fascista.

Nascida em Lisboa e retratista de Lisboa em admiráveis crónicas, que saíram sobretudo no *Diário de Lisboa* e em *O Jornal*, dava atenção às coisas miúdas do quotidiano, de que extraía não raro o mais fundo sentido, com aguçada consciência crítica e com o seu pessoalíssimo humor, esquivo e delicado como ela era.

Muito traduzida no estrangeiro, especialmente em França, e distinguida com vários prémios, dos mais importantes, nunca foi uma vedeta. Recusava-se mesmo

quase sempre a dar entrevistas. Por desinteresse, por cansaço.

Admirava a beleza, em todas as suas formas, mas era muito exigente nos seus juízos.

Tolerante, incapaz do ódio, sempre defendeu a liberdade e na direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, a que pertencia na altura da atribuição do Prémio Camilo Castelo Branco a Luandino Vieira, que causou o encerramento da sede e a extinção desse organismo cultural, esteve em todas as circunstâncias à altura dos seus colegas de direcção, solidária com os membros do júri, então presos e enovalhados.

Livros como *Tanta Gente Mariana*, que fez vibrar de emoção várias gerações de leitores, ou *As Palavras Poupadas*, título em perfeita sintonia com o seu estar no mundo e a economia da sua escrita, são dos melhores desse tempo em toda a Europa, que só veio a conhecê-los e aplaudi-los, em traduções, após a Revolução dos Cravos.

Em cada novela, em cada conto, Maria Judite deixava silêncios prenhes de sentido. E esse seu laconismo estabelece com o leitor uma cumplicidade que o leva a interpretar, a reescrever ele próprio o não dito de tais textos. Essa modernidade foi sentida e comentada por Eduardo Lourenço nalguns dos seus ensaios sobre a literatura portuguesa contemporânea.

Minha companheira de muitas décadas, que comigo viveu o pior e o melhor, das viagens de descoberta e dos dias de sol no Alentejo e no Algarve, em sereno e fundo entendimento, às visitas que me fez nas prisões do fascismo, às buscas da PIDE em nossa casa, foi sempre igual a si mesma, de uma dignidade impressionante, de uma coragem inalterável.



Maria Judite e Urbano (à esq.ª), em 1952, quando se casaram e viviam em França, onde ele foi leitor, e (em cima) numa das últimas fotos da escritora, em 1997, em Lisboa

## Pontos Cardeais

### Espiões...

Segundo o *Público*, um ex-espião dos serviços secretos do apartheid, na África do Sul, não só se refugiou no nosso país quando o regime racista foi derrubado como esteve durante largos anos a trabalhar para o SIS, os serviços de segurança criados para defender o Estado democrático. Este indivíduo tem um mandato de captura na África do Sul pelo assassinio provado de pelo menos dois cidadãos negros e chegou ao nosso país em 1991 através de um passaporte falso. Mesmo assim foi recrutado por responsáveis directos do SIS, para quem foi tranquilamente «trabalhando», como nos tempos da PIDE. A sua «actividade» seria interrompida porque a Polícia Judiciária, entretanto, o investigou a partir de 1996 por suspeita de tráfico de armas e diamantes, o que culminou num julgamento na semana passada onde foi apenas acusado de falsificação de documentos, acabando por sair em liberdade apesar de existir um pedido de extradição por homicídio e de ele próprio ter confessado ao tribunal as suas actividades ilícitas ao serviço do SIS.

Em que país estamos?

### ... e espiados

Acrescenta este trabalho do *Público* que, segundo o relatório final de uma investigação realizada pelo Ministério Público, os Serviços de Informações e Segurança (SIS), durante o tempo em que foram dirigidos por Ladeiro Monteiro (nos anos do cavaquismo), tiveram uma actualização marcada por «um preconceito ideológico»

contra os partidos de esquerda e de extrema-esquerda (a que chamavam «subversivos»), que «vigiam» como se de inimigos internos se tratasse, tal como o faziam em relação aos sindicatos, funcionando numa lógica «de serviço ao Governo e não ao Estado» e, ainda segundo o relatório do Ministério Público, desenvolviam actividades consideradas «muito próximas, em alguns aspectos, de um quadro mental típico do Estado Novo».

Em que regime estamos?

### Sequestros

Entretanto, parece que os sequestros se estão a tornar moda em Portugal. Só este ano já vamos em três: primeiro, foi um indivíduo que se «auto-sequestrou» numa casa de banho da RTP, em Lisboa, depois foi outro que fez o mesmo num apartamento na Costa de Caparica e agora um terceiro sequestrou uma funcionária de um banco no Carrefour de Telheiras, em Lisboa. O primeiro «reivindicava» a anulação de um recurso em tribunal, o segundo não reivindicava nada e o terceiro queria que os filhos fossem educados no Colégio Militar. Têm em comum duas coisas: a imbecilidade das pseudo, «reivindicações» e a premeditação de se tornarem «figuras públicas» através da televisão, coisa que, gulosamente, todos os canais têm vindo a satisfazer até ao insupportável, consolidando objectivamente a ideia, no País, de que este tipo de crime compensa.

Finalmente... em que anedota vivemos?

## Palavras Cruzadas

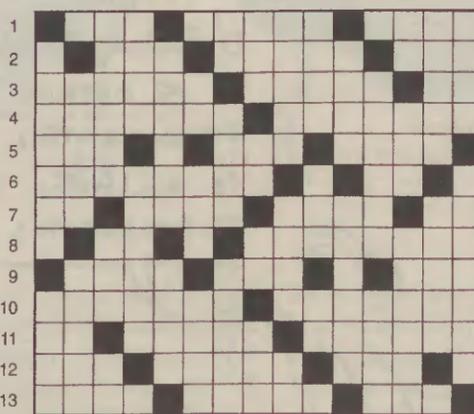
**HORIZONTAIS:** 1 – Autocarro, veículo de transporte público ou colectivo; cão pernalto e esguio, próprio para a caça de lebres; diz-se da pessoa que perdeu a firmeza e o vigor físico, intelectual e espiritual. 2 – Emissão de voz; varonil; maior. 3 – Averiguar; fugir alucinadamente; terceira nota musical. 4 – Natural ou habitante do Tirol; casa onde se vende ou fabrica pão. 5 – Fileira; patrão; que é de bronze. 6 – Espécie de falcão da América; prep. que indica lugar, tempo, modo, causa, fim e outras relações. 7 – Atmosfera; colarinho; contr. da prep. de com o pron. pess. ela; mulo. 8 – A tua pessoa; delimitar. 9 – Contr. da prep. de com o adv. ali; bílis; olá. 10 – Risota; imbecil. 11 – Índia (s.q.); grito agudo das aves, quando embravecidas; imaginário. 12 – Relação; assalta; além disso. 13 – Sustentar; árvore leguminosa cesalpínacea; discurso.

**VERTICAIS:** 1 – Peça grande; catita (gr.). 2 – Descascar as castanhas para secar; estragos. 3 – Emprestar com usura; semelhante; medida itinerária chinesa. 4 – Parte aquosa que se separa do leite ou do sangue depois de coagulados; haste com um pequeno gancho para fazer meia, renda ou malha. 5 – Doido; letra do alfabeto grego, correspondente ao i. 6 – Nome da letra R; acolá; alvo. 7 – Avenida (abrev.); cura; prescrito por destino ou fado. 8 – O bagaço de que se faz a água-pé; perversa; prep. que designa diferentes relações, como posse, matéria, lugar, providência, etc.; jogo que tem também os nomes de jogo-da-glória e jogo-do-ganso. 9 – Reunião de pessoas; contr. da prep. de com o pron. pess. ele; grito aflitivo. 10 – Tontura; virtude; sétima nota musical. 11 – Faina; qualquer matéria pesada que se coloca no fundo de uma embarcação para assegurar o seu equilíbrio. 12 – Desbastar; berro (fig.). 13 – Amerício (s.v.); órgão excretor que tem a seu cargo a função da formação da urina; insinuar-se. 14 – Jarro de boca estreita; grupo. 15 – Cantiga; círculo luminoso, que, nas imagens, circunda a cabeça dos santos.

**SOLUÇÃO:** 1 – Autocarro; 2 – Emissão; 3 – Averiguar; 4 – Tirol; 5 – Fileira; 6 – Falcão; 7 – Atmosfera; 8 – Ela; 9 – Delimitar; 10 – Imbecil; 11 – Índia; 12 – Relação; 13 – Sustentar; 14 – Jarro; 15 – Cantiga.

**SOLUÇÃO:** 1 – Peça grande; 2 – Descascar; 3 – Emprestar; 4 – Parte aquosa; 5 – Doido; 6 – Alvo; 7 – Avenida; 8 – Bagaço; 9 – Reunião; 10 – Tontura; 11 – Faina; 12 – Desbastar; 13 – Amerício; 14 – Jarro; 15 – Cantiga.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15

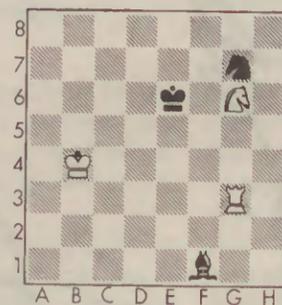


## Xadrez

DCCXII - 15 DE MARÇO DE 2001  
PROPOSIÇÃO N.º 2001X10

Por: Henri Rinck  
«Basler Nachrichten», 1924

Pr.: [3]: Cg7 – Bf1 – Rf6  
Br.: [3]: Cg6 – Tg3 – Rb4



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO [N.º 2001X10 / H. R.]

1. Cf4+, Rf6; 2. Tg6+, Rf7; 3. Tg1, Bg6;  
4. Ta1, Bc8; 5. Ta7+, Rf6; 6. Cd5+,  
Rf5/6; 7. Cb6 e.g.

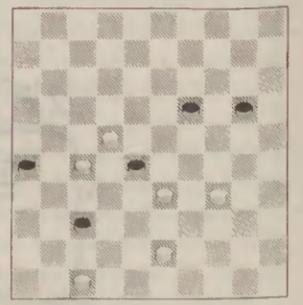
A. de M. M.

## Damas

DCCXII - 15 DE MARÇO DE 2001  
PROPOSIÇÃO N.º 2001D10

Por: P. van Dijk  
NL, 1958

Pr.: [5]: 19-20-26-28-37  
Br.: [6]: 22-27-33-34-43-47



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO [N.º 2001D10 / P. Van Dijk]

1. 27-21, (28x48=D); 2. 47-41, (26x28);  
3. 41x25, (48x30); 4. 25x34+  
1. ... (28x30); 2. 47-41, (26x28);  
3. 41x34+

A. de M. M.

### ● Distrito de AVEIRO

#### Aveiro

Debate com Aurélio Santos sob o tema «O Partido. História, Ideologia, Funcionamento»: sexta-feira, 16, às 21h30, no Museu da República.

#### Ovar

Exposição sobre o PCP no seu 80.º aniversário: até fim de Março, de segunda a sexta das 18 às 23h, sábados das 10 às 12h30.

### ● Distrito de BRAGANÇA

#### Mirandela

Debate sob o tema «A intervenção da CDU – Presente e futuro», seguido de almoço-convívio com a participação de Octávio Teixeira: domingo, 18, na Escola Secundária de Mirandela, no Auditório às 10h e na Cantina às 13h, respectivamente.

### ● CASTELO BRANCO

#### Castelo Branco

Festa-convívio no Pavilhão da Devesa (Antigo Quartel), com a participação de Aurélio Santos: sábado, 17, às 17h. Animação musical com Victor Livramento.

### ● Distrito de ÉVORA

#### Alandroal

Almoço, com a presença de Lino de Carvalho: domingo, 18, às 13h.

#### Arraiolos

Jantar na Escola C+S, com a presença de Fernanda Mateus: sábado, 17, às 20h. Na véspera: matança do porco.

#### Montemor-o-Novo

Almoço na Escola Secundária, com a participação de Jerónimo de Sousa: sábado, 17.

### ● Distrito de FARO

#### Portimão

Sessão-debate sobre o livro «Relatório sobre o Algarve» (1952), de Carlos Costa, com a participação do autor, e convívio: sábado, 17, às 21h, na Casa-Museu Manuel Teixeira Gomes. No mesmo local continua patente até dia 17 (das 14h30 às 17h30) uma exposição sobre o PCP e a sua actividade em Portimão, comemorativo do 80.º aniversário.

#### Aljezur

Almoço, com a presença de Marco Jóiá: domingo, 25, 13h.

#### Castro Marim

Almoço com a presença de Mário de Sousa: domingo, 18, às 13h.

#### Loulé

Almoço no restaurante «Horta Nova»: domingo, 18, 13h.

#### Monchique

Almoço com a presença de José Varela: domingo, 18, 13h.

#### S. Bartolomeu Messines

Jantar no restaurante «Ti Raquel»: sábado, 17, às 20h.

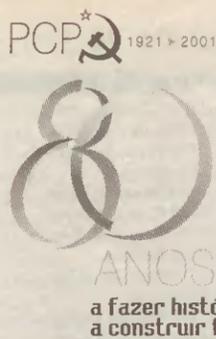
### ● Distrito de GUARDA

#### Guarda

Jantar no restaurante «A Gre-lha», com Luísa Araújo: sábado, 17, 20h

#### Seia

Almoço com a participação de Armindo Miranda: domingo, dia 18.



### ● Distrito de LISBOA

#### Amadora

Brandoa – Noite de fados no CT da Brandoa: sábado, 17, 12h30.

#### Alenquer

Jantar na Romeira (Pavilhão Zinco), com José Casanova: dia 17, 20h.

#### Azambuja

Aveiras de Cima – Convívio com matança do porco, com Jorge Humberto: domingo, dia 18.

#### Cascais

Sector de Empresas / Célula da CM Cascais - Almoço-convívio com entrega dos novos cartões do Partido, com Júlio Filipe: no CT de Tires: sábado, 17, 13h.

#### Lisboa

CT Vitória – sexta-feira, 16, 18h30

80 anos de luta pela emancipação da Mulher - debate com a participação de Georgete Ferreira, Fernanda Mateus, Margarida Botelho e António Cordeiro.

CT Vitória – Hoje, quinta-feira, 18h30.

Convívio do Sector da Saúde da ORL com entrega dos novos cartões do Partido, com a participação de Bernardino Soares.

#### Loures

Sacavém – Jantar concelhio no Pavilhão do Sacavenense, com António Abreu: sábado, 17, às 20h.

#### Odivelas

Jantar do Concelho de Odivelas no restaurante «O Castelo» (Quintinha da Arroja, 13), com a presença de Rosa Rabiais: sexta-feira, 16, às 20h (Inscrições até hoje, quinta-feira: tels. 219314153, 919632320, 918369217).

#### Torres Vedras

Jantar no restaurante «O Voluntário» (Ed. dos Bombeiros Voluntários), com Bernardino Soares: sábado, 17, 20h.

#### Vila Franca de Xira

Alverca - Almoço concelhio na CEBI, com António Abreu: domingo, 18, às 13h.

Vialonga – «A conversa com... Jaime Serra» no Centro de Trabalho, com a entrega dos novos cartões: sábado, 17, às 15h.

### ● Distrito de PORTALEGRE

#### Benavita

Convívio no Centro de Trabalho: sábado, 17, 16h.

#### Ervedal

Convívio no Centro de Trabalho: domingo, 18, 16h.

### ● Distrito do PORTO

#### Matosinhos

Jantar na Escola EBI da Barranha (Senhora da Hora), com Ilda Figueiredo: sábado, 17, 20h.

### Vila do Conde

Jantar na sede do Rancho das Rendilheiras do Monte, com José Pedro Rodrigues: sexta-feira, 16, 20h30.

### ● Distrito de SANTARÉM

#### Cartaxo

Almoço na «Casa 99», com a participação de Domingos Abrantes: domingo, 18, 12h30.

#### Couço

Almoço no «Salão da Tabaqueira», com Euclides Pereira: sábado, 17, 13h.

#### Salvaterra de Magos

Jantar no restaurante «O Assador» (Estrada Nac. 118, a Marinhas), com Jerónimo de Sousa: sábado, 17, 20h.

#### Tomar

Almoço na Sociedade Vilanovense, em Vila Nova/Paialvo, com Luísa Mesquita: domingo, 18, 13h.

### ● Distrito de SETÚBAL

#### Almada

Almada - Lanche-convívio da célula dos Trabalhadores da Autarquia: dia 16, no CT Concelhio. Cova da Piedade – Almoço no «Liberdade Futebol Clube», com Francisco Lopes: domingo, 18. Feijó – Almoço no «Restaurante Central» do Feijó, com Manuel Valente: domingo, dia 18. Laranjeiro – Almoço no CIRL, com Manuel Valente: sábado, dia 17. Trafaria – Lanche-convívio no Recreio Desportivos da Trafaria (Casino), com Odete Santos: domingo, 18, 17h.

#### Alvalade-Sado

Almoço no Centro de Trabalho, com Vítor Proença: domingo, 18, 13h.

#### Azeitão

Almoço na colectividade S.I.M.B.A., com Luísa Araújo: domingo, 18, 13h.

#### Barreiro

Sector Ferroviário – Convívio-almoço, com entrega dos novos cartões do Partido, no CT Concelhio, com Vítor Castro: sábado, 17, 11h. Lavradio – Almoço no Centro de Trabalho, com José Abreu: sábado, 17, 13h.

#### Moita

Sarilhos Pequenos – Almoço no Centro de Trabalho, com Odete Santos: sábado, 17, 13h.

#### Palmela

Quinta do Anjo - Almoço no restaurante «Nikita»: sábado, 18, 13h.

### ● Na EMIGRAÇÃO

#### Alemanha

Debate em Frankfurt sobre a situação internacional, com a participação de Rui Paz: sábado, 17.

#### Canadá

Almoço-convívio em Toronto: dia 18.

#### Holanda

Almoço-convívio em Roterdão, com a participação de João Armando.

# Iniciativas com a participação do secretário-geral do PCP

## CARLOS CARVALHAS

### Em Viana do Castelo – Sexta-feira, 16

O secretário-geral do PCP, acompanhado por uma delegação do Partido, visita a partir das 11h30 os Estaleiros de Viana do Castelo, reúne com Organizações Representativas dos Trabalhadores e a Administração dos Estaleiros, visita as instalações da empresa e almoça no Refeitório.

Em Caminha – no Hotel Ponta do Sol, às 17h30 – Carlos Carvalho estará presente na sessão de apresentação do cabeça de lista CDU à CM.

Finalmente, em Esposende – na Quinta da Malafáia -, a partir das 20h, Carlos Carvalho participa no arraial minhoto comemorativo do 80.º aniversário do PCP que ali se realiza.

### Em Alpiarça – Sábado, 17

Almoço comemorativo do 80.º aniversário do PCP – no Pavilhão da Feira, a partir das 13h.

### Em Lisboa – Domingo, 18

No auditório da Junta de Freguesia de Alcântara tem início às 10h30 com a presença de Carlos Carvalho a iniciativa da JCP e do PCP «Geração do Futuro no trabalho com direitos», inserida na campanha nacional de contacto com os trabalhadores.

### No distrito de Beja – Domingo, 18

O secretário-geral do PCP participa no almoço comemorativo do aniversário do PCP que se realiza no Salão de festas de Vila Verde do Ficalho às 13h.

A partir das 16h30, Carlos Carvalho estará em Beja, em visita à OVIBEJA, no Parque de Feiras e Exposições da cidade.

### Em Setúbal – Terça-feira, 20

Apresentação pública do cabeça de lista da CDU à CM de Setúbal, com a participação de Carlos Carvalho: às 18h, no Café Central, Praça do Bocage.

### Em Palmela – Quarta-feira, 21

O secretário-geral do PCP estará presente na apresentação pública do cabeça de lista da CDU à CM de Palmela que terá lugar às 18h no Café «Retiro Azul».

## Reuniões

**IV JORNADAS de Reflexão e Debate sobre Lisboa (As propostas do PCP para o mandato 2001/2005)**  
Sábado, 17, das 10 às 18h, na Aula Magna do ISCTE (Av. Forças Armadas) com Jorge Cordeiro.

**ÉVORA SECTOR INTELLECTUAL IV Assembleia da Organização**  
No Salão Nobre do Teatro Garcia de Resende, dia 17 às 14h30. Às 17h30: sessão pública sobre o Alqueva, com Lino de Carvalho e Eng. Oliveira Batista.

**OLIVAL BASTO (Concelho de Odivelas) II Assembleia da Organização da Freguesia**  
No Salão da Junta de Freguesia, dia 17 às 15h, com a participação de Francisco Pereira.

**PERAFITA (Concelho de Matosinhos) Assembleia da Organização da Freguesia**  
Na casa de Luís Belmiro (R. do Cruzeiro, 227), dia 17 às 17h, com a participação de João Avelino.

**AMADORA Fórum CDU**  
Auditório da CM Amadora, dia 17 das 10 às 18h com a participação de Carlos Chaparro.

**TROFA INAUGURAÇÃO do novo CT DO PCP**  
na Praceta A. Sampaio (junto à est. CP) Dia 17 às 15h, com José Pedro Rodrigues.

**Alverca - Plenário de militantes do Bom Sucesso**, com a participação de Adelaide Pereira e José Neves: dia 17, às 16h, no CT.

**Évora – Plenário de militantes do Centro Histórico:** hoje, dia 15, 21h, no CT de Évora. Plenário de militantes de Horta das Figueiras: na Escola, dia 17 às 15h.

**Lisboa - Plenário da célula do Património/Sector Intelectual de Lisboa:** hoje, quinta-feira, às 18h, no CT Vitória.

**Jornadas de preparação do Programa eleitoral do PCP:** dia 17. Plenário da célula dos Juristas/Sector Intelectual: dia 19, 21h30, CT Vitória.

**Loures – Plenário de militantes do Prior Velho:** dia 16 às 21h30. **Jornadas Autárquicas da CDU em S. João da Talha:** dia 17 durante todo o dia. **Plenário Célula CM e SM de Loures:** dia 22, 18h, no Refeitório da Câmara, com Rosa Rabiais.

**Oeiras – Plenário de militantes de Oeiras e S. Julião da Barra:** hoje, dia 15, 21h, no CT de Algés, com Leonor Barão. **Seixal – Plenário de militantes da Organização da Freguesia:** sábado, 17, 15h, CT do Seixal.

**EMIGRAÇÃO – Plenário de membros do PCP na Suíça:** dia 18, com a participação de Rui Fernandes.

## Debates

**Sacavém – Sessão sobre o Euro dirigida a Idosos:** hoje, quinta-feira, na Associação Comunitária, às 15h, com Mário Rui.

**Lisboa – Debate: «Globalização – Que resposta?»** - promovido pelo Sector Seguros de Lisboa, com a participação de Aboim Inglês: dia 22 às 18h, no CT Vitória.

**Porto – Sobre toxicodpendência:** sexta-feira, 16, às 21h30, no CT da Boavista, com Carlos Gonçalves.

**Santiago do Cacém – Debate sobre a lei eleitoral para as autarquias,** com Odete Santos: dia 16 às 21h, na Biblioteca Municipal.



**Seixal - Festa do AGIT no Espaço Jovem em Arrentela (junto ao rio):** dia 16, 21h.

**Alpiarça – festa-convívio da JCP,** com concurso de bandas, no recinto da feira: dia 16, 21h30, Pavilhão do PCP.

**Corroios – Iniciativa da Juventude CDU: «Conversa sobre ... Toxicodpendência»:** dia 16, 21h, Clube Desportivo Miratejo.

**Vila Franca de Xira – Debate promovido pela JCP: «O Álcool e os jovens»,** com Margarida Botelho, Paulo Antunes, Miguel Madeira: dia 16, 21h, na Rua Serpa Pinto, 77.

## Atalaia

Almoço de confraternização na Quinta da Atalaia, com intervenção de Domingos Abrantes: sábado, 17, a partir das 13h (Inscrições: cam. Isabel Marques – CT da R. Soeiro Pereira Gomes – Tel. 217813800)

## BUZINÃO em MONTEMOR-O-VELHO

Por uma nova ponte em Montemor e Soure  
Pela execução da alternativa de ligação entre as duas margens  
Pela reparação imediata das estradas  
Pelo apuramento de responsabilidades das inundações

### SÁBADO, 17

Início às 15 em Pereira (Lg. da Feira)  
Terminus em Montemor às 17h30 (Lg. da Feira)

ATVer



**A Bela Impertinente** é também um belo filme sobre a arte, o processo criativo e a vida

### O Segredo de Fedora

(Quinta-feira, 15 de Março, na RTP-2)

Em 1978 e aos 72 anos de idade, o grande cineasta norte-americano **Billy Wilder** comete o atrevimento de citar-se a si próprio escrevendo, produzindo e realizando este **O Segredo de Fedora (Fedora)** onde põe de pé uma nova versão do mítico **Sunset Boulevard (O Crepúsculo dos Deuses)**, na tradução portuguesa) também escrito e realizado por Wilder quase 30 anos antes (mais exactamente, em 1950). O tema é o mesmo: a desmontagem dos bastidores do cinema e a exposição da indústria cinematográfica como máquina trituradora de pessoas e vidas, mas enquanto em **Sunset Boulevard** Wilder apresenta sem rebuços a necrofilia do «star sistem» de Hollywood através de uma espantosa Gloria Swanson no papel de uma

tar é capitão do exército italiano e tem a interpretar-lo **Vittorio Gassman** num dos grandes papéis da sua carreira. A história é uma adaptação de um romance de Giovanni Arpino e o filme de aqueles casos - algo raros - em que a adaptação cinematográfica não apenas valoriza, como supera a própria fonte literária que o inspirou.

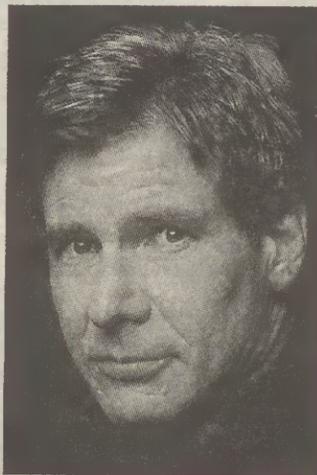
### Fargo

(Domingo, 18 de Março, TVI)

Justamente contemplado com dois óscares da Academia de Hollywood em 1996 - melhor argumento (irmãos **Cohen**) e melhor actriz (**Frances MacDormand**) - **Fargo** é mais uma brilhante realização dos irmãos **Ethan** e **Joel Cohen**, agora desafiando magistralmente uma história de rapto forjado e assassínio inesperado em paisagens geladas e provincianas. A não perder.



**Fargo**, um policial insólito e brilhante dos irmãos Cohen



Nem **Harrison Ford** livra **Força Aérea Um** de se constituir num chauvinismo grosseiro para plateias idiotas

«estrela» do mudo (como ela própria foi) que, tendo a carreira trucidada pelo ascenso do cinema sonoro, mergulha numa decadência demencial em busca da glória perdida, em **O Segredo de Fedora** Wilder desloca o mesmo drama da actriz (aliás, inspirado na trajectória de Greta Garbo) para a Europa (a produção é alemã) e serve-o através de uma história de mistério que tem como fulcro uma velha actriz que se mantém enigmáticamente jovem e morre quando se prepara para regressar à ribalta, o que leva à descoberta do segredo da sua «eterna juventude».

**O Segredo de Fedora** está longe de **Sunset Boulevard** (confirmando que uma obra genial é objecto único e irrepetível), o que não impede que seja um filme de grande qualidade. Mais um pormenor: **William Holden**, que no primeiro filme é o jovem protagonista que acaba assassinado pela demência da velha actriz, regressa neste **Segredo** como um velho conhecido da não menos velha Fedora, só que desta vez não acaba assassinado e é ele próprio que investiga e decifra o «segredo» da actriz.

### Perfume de Mulher

(Sexta-feira, 16 de Março, RTP-2)

Esta notável comédia dramática realizada pelo italiano **Dino Risi** em 1974 também teve uma versão posterior (aliás, exibida recentemente na televisão portuguesa), mas pelas mãos de um norte-americano que, diga-se de passagem, não se ficou atrás do filme original sobretudo graças ao desempenho de Al Pacino no papel de um truculento coronel norte-americano cego e suicida que se reconcilia com a vida ao conviver com um jovem destacado para o acompanhar durante o fim-de-semana que ele escolhera para se suicidar. Aqui, no filme original de Dino Risi, o mili-

### Força Aérea 1

(Domingo, 18 de Março, TVI)

Pôr um presidente dos EUA (**Harrison Ford**) a despachar pessoalmente a murro e pontapé um terrível bando de «terroristas» que o sequestrara juntamente com a família no próprio avião presidencial - o célebre «Air Force One» - só podia passar pela cabeça de Hollywood. Um exercício de chauvinismo grosseiro para plateias idiotas, cuja referência apenas se justifica para alertar que o rei anda cada vez mais nu.

### A Bela Impertinente

(Domingo, 18 de Março, RTP-2)

Realizado pelo francês Jacques Rivette e inspirado livremente numa história de Balzac, este belo filme conta a história de um grande pintor que retoma um velho quadro inacabado para o qual a sua mulher posara em tempos, completando-o com outro modelo através de uma perturbante viagem criativa, física e emocional e expondo ao longo de quatro horas (o tempo que dura o filme) uma magnífica reflexão sobre os misteriosos caminhos do processo criativo. Interpretações soberbas de **Michel Piccoli**, **Jane Birkin** e **Emmanuelle Béart**.

### O Sul (Sur)

(Terça-feira, 20 de Março, RTP-1)

O exílio dentro do próprio país (uma realidade bem conhecida dos portugueses durante o fascismo) é-nos mostrado pelo argentino **Fernando Solanas** neste **O Sul** através das deambulações de um preso político por Buenos Aires na noite da sua libertação dos cárceres da ditadura militar, em 1983, ao som da portentosa música de Astor Piazzolla.

### Quinta, 15

#### VRTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
08.40 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.30 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Emoções Fortes  
15.30 Marcas da Paixão  
16.30 Ramona  
17.35 Quem Quer Ser Milionário?  
18.00 Quebra Cabeças  
18.30 Ajuste de Contas  
19.40 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.00 Quem Quer Ser Milionário?  
21.35 O Café da Esquina  
22.05 Grande Informação  
23.45 Turnos de Risco  
24.45 24 Horas  
01.15 «Todos São Animais»

### Sexta, 16

#### VRTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
08.35 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.25 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Emoções Fortes  
15.30 Marcas da Paixão  
16.30 Ramona  
17.35 Quem Quer Ser Milionário?  
18.00 Quebra Cabeças  
18.30 Ajuste de Contas  
19.40 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Quem Quer Ser Milionário?  
21.35 Alves dos Reis  
22.45 Cromos de Portugal II  
23.20 Histórias da Noite  
24.00 24 Horas  
24.30 «Montanha Infernal»

### Sábado, 17

#### VRTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Top +  
15.15 Felicity  
16.15 O Tesouro de Damasco  
18.00 «A Sétima Mulher de Henrique VIII» (de Gerald Thomas, Reino Unido/1971, com Sidney James, Kenneth Williams, Joan Sims. Comédia)  
20.00 Telejornal  
21.00 Sábado à Noite  
23.00 Lei Marcial  
24.00 24 Horas  
24.20 Máquinas  
01.10 «Diana» (de David Parker, Austrália/1996, com Toni Collette, Dominic West, Malcolm Kennard. Comédia)

#### VRTP 2

07.00 Euronews  
09.00 Universidade Aberta  
12.00 Iniciativa  
14.00 Parlamento  
15.00 Desporto  
19.00 «Os Olhos da Ásia» (de João Mário Grilo, Port/Fran/Alem/1996, com João Perry, Geraldine Chaplin, Yoshi Oida. Drama)  
20.45 Horizontes da Memória  
21.20 Bombordo  
22.00 Jornal África  
22.30 Jornal 2  
23.00 O Lugar da História  
24.00 Briteom («A Ilustre Casa de Blackadder III» «A Família Royle» «O Riso ao Poder»)  
01.30 «Os Perseguidores» (de Ake Lindman, Finlândia/1993, com João Perry, Geraldine Chaplin, Yoshi Oida. Policial)  
03.00 Prazeres

#### SIC

07.00 Zip Zap  
11.15 Dá-lhe Gás  
12.00 O Nosso Mundo  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 «Dennis o Pimentinha» (de Nick Castle, EUA/1993, com Walter Mathau, Mason Gamble, Christopher Lloyd. Comédia)  
16.10 «Alaska» (de Fraser C. Heston, EUA/1996, com Thora Birch, Vincent Kertheiser, Charlton Heston. Aventura)  
18.20 Mundo Vip  
19.00 Cravo e a Rosa  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Popstar

### «Portugal Sem fim» Programa sobre a História de Portugal

(de Jeremy Thomas, Reino Unido/1998, com John Hurt, Christian Bale, Daniel Benzali. Drama)

#### VRTP 2

07.00 Hora Viva  
09.45 Espaço Infantil-Juvenil  
12.00 Euronews  
12.30 Fronteira Ocidental  
13.00 Zapping  
14.00 Portugal sem Fim  
15.00 Por Outro Lado  
16.00 Euronews  
16.30 Informação Gestual  
17.45 Espaço Infantil  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Andamentos IV  
19.30 Ficheiros dos Gordos  
20.10 Viver no Campo  
20.40 2010  
21.50 RTP Economia  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 Artigo 37  
00.30 «O Segredo de Fedora» (de Billy Wilder, Alemanha/1978, com William Holden, Marthe Keller, Hildegard Knief. Ver Destaque)

#### SIC

08.00 Buééré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 História de Amor  
15.30 Engraçadinha... Seus Amores e Seus Pecados  
16.30 Acorrentados  
16.40 Malhação  
17.40 Uga Uga  
18.50 O Cravo e a Rosa  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 Porto dos Milagres  
23.00 Acorrentados  
23.30 Noites Marcianas  
01.50 Tennis Masters Series «War Requiem»  
03.50 Portugal Radical  
04.20 Vibrações

#### TVI

08.15 Animação  
09.15 Tic Tac Milionário  
11.30 Big Brother II  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Big Brother II Extra  
14:45 Tiro e Queda  
15.15 Batatoon  
19.15 Big Brother II Extra  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Olhos de Água  
22.00 Big Brother II  
23.05 As Pupilas do Sr. Doutor  
24.00 A Bola É Nossa  
01.30 Última Edição  
02.20 Que Loucura de Família  
02.50 SOF - Força Especial

(de Mike Rohl, Canadá/República Checa/1998, com Jack Scalia, Nicole Nieth, Bentley Mitchum. Acção)  
04.55 Automobilismo: Grande Prémio da Malásia

#### VRTP 2

07.00 Hora Viva  
09.45 Espaço Infantil-Juvenil  
12.00 Euronews  
12.30 A Caça e a Conservação da Fauna  
13.00 Livres e Iguais  
14.00 Portugal sem Fim  
15.00 Conversa Privada  
16.00 Euronews  
16.30 Informação Gestual  
17.45 Espaço Infantil  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 100.000 Porquês  
19.30 Lago Baikal  
20.10 Viver no Campo  
20.50 O Tal Canal  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 Dharma e Greg  
24.00 A Outra Face da lua  
01.30 «Perfume de Mulher» (de Dino Risi, Itália/1974, com Vittorio Gassman, Alessandro Momo, Agostina Belli. Ver Destaque)

#### SIC

08.00 Buééré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 História de Amor  
15.30 Engraçadinha... Seus Amores e Seus Pecados  
16.40 Malhação  
17.40 Uga Uga  
18.50 O Cravo e a Rosa  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 Porto dos Milagres  
23.00 Acorrentados  
23.30 Noites Marcianas  
02.00 Tennis Masters Series  
02.10 Jogo Limpo  
04.00 Portugal Radical  
04.30 Vibrações

#### TVI

08.30 Animação  
11.30 Big Brother II  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Big Brother II Extra  
14:45 Tiro e Queda  
15.15 Batatoon  
19.15 Big Brother II Extra  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Olhos de Água  
22.00 Big Brother II  
23.05 «Paixão em Chamas» (EUA/1997, com Spenser Garrett, Steve Kesmodel, Leslie S.Sachs. Sensual)  
01.05 Última Edição  
01.55 «A Mulher Gigante» (de Christopher Guest, EUA/1993, com Daryl Hannah, Daniel Baldwin, William Window. Comédia)  
03.55 Que Loucura de Família  
04.25 SOF - Força Especial



«112» Reportagem sobre as acções policiais na noite

21.05 Acorrentados  
22.00 Porto dos Milagres  
23.00 Herman Sic  
01.00 Sexappeal  
02.20 Tennis Masters Series  
02.30 «Matando Zoes» (de Roger Avari, EUA/França/1994, com Eric Stoltz, Jean-Hughes Anglade, Julie Delpy. Acção)  
04.20 Portugal Radical

#### TVI

08.00 Animação  
11.15 Top Rock  
12.00 Big Brother II  
13.00 TVI Jornal  
13.45 Contra-Ataque  
14.45 4ª a Fundo  
15.00 Caras Lindas  
17.00 «Storm - Projecto Tempestade» (de Harris Done, EUA/1999, com Luke Perry, Robert Knott, Alexandra Powers. Acção)  
19.00 Big Brother II  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Olhos de Água  
22.00 Bora Lá Mariana  
22.50 112  
23.20 Lux  
24.10 «Jude» (de Michael Winterbottom, Inglaterra/1996, com Christopher Eccleston, Kate Winslet, Liam Cunningham. Drama)  
02.10 «Noites Violentas» (de Penelope Buitenhuis, EUA, com Lou Diamond Phillips, Lance Henriksen, Era Dawn Chong. Drama)  
04.10 Grandes Esperanças

**Domingo, 18**

**▼ RTP 1**

06.45 Automobilismo: Grande Prémio da Malásia  
09.00 Infantil/Juvenil  
12.10 Pessoas  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Made In Portugal  
15.15 Providence  
16.10 Patilhas e Ventoinha  
16.35 Agora é Que São Eles  
18.30 Futebol: F.C.Porto/Sporting  
21.00 Telejornal  
22.15 A Vida como Ela É  
22.50 O Rosto da Notícia  
23.50 Domingo Desportivo  
01.15 Automobilismo: Grande Prémio da Malásia  
01.30 Magazine Liga dos Campeões  
02.00 24 Horas  
02.20 «Obsessão sem Limites» (de Skott Snider, EUA/1996, com Damian Chapa, Annabel Schofield, Dean Stockwell. *Drama*)

**▼ RTP 2**

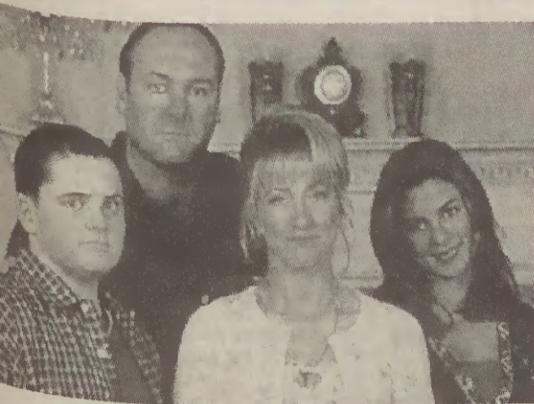
07.00 Euronews  
09.30 Programa Religioso  
10.30 Missa  
11.15 Horizontes da Memória  
11.55 Sobrevivência  
12.30 Palácio de Cristal  
13.30 Com a Criança nos Braços  
14.00 Desporto 2  
18.30 Uma Gota para a Vida  
19.30 Uma Mulher de Branco  
20.30 Onda Curta («Palavra de Honra» de Fátima Ribeiro, Portugal/1997, «A Testemunha» de Fátima Ribeiro, Portugal/1998)  
21.00 Futurama  
21.30 Artes e Letras - «Balthus»  
22.30 Jornal 2  
23.00 Travessa do Cotovelo  
00.15 «A Bela Impertinente» (de Jacques Rivette, França/1991, com Michel Piccoli, Jane Birkin, Emmanuelle Béart. *Ver Destaque*)

**▼ SIC**

07.00 Zip Zap  
12.00 BBC Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Estrelas de Quatro Patas  
15.30 Big Show SIC  
19.00 Grande Jogo: Benfica/Paços de Ferreira  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Popstar  
21.05 Porto dos Milagres  
22.00 «O Pestinha» (de Dennis Dugan, EUA/1990, com John Ritter, Michael Oliver, Jack Warden. *Comédia*)  
24.00 Esta Semana  
01.35 Tennis Masters Series  
01.45 Miss Mundo 2000  
04.15 Portugal Radical

**▼ TVI**

08.30 Animação  
11.00 Espaço Religioso  
11.15 Missa  
13.00 TVI Jornal  
13.30 «Sintonia de Amor» (de Nora Ephron, EUA/1993, com Tom Hanks, Bill Pullman, Meg Ryan. *Aventura*)



«Os Sopranos» Série sobre a vida em família

15.30 «Força Aérea I» (de Wolfgang Petersen, EUA/1997, com Harrison Ford, Gary Oldman, Wendy Crewson. *Ver Destaque*)  
17.30 Big Brother  
19.00 Super Pai  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Super Pai  
22.00 Big Brother II  
23.20 «Corrupção Total» (de Felix Enriquez, EUA/1997, com Steven Seagal, Marg Helgenberger, Harry Dean Stanton. *Ação*)  
01.20 «Fargo» (de Joel Coen, EUA/1996, com William H. Macy, Steve Buscemi, Frances McDormand. *Ver Destaque*)  
03.20 Grandes Esperanças

**Segunda, 19**

**▼ RTP 1**

07.00 Infantil/Juvenil  
08.35 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.30 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Emoções Fortes  
15.30 Marcas da Paixão  
16.30 Ramona  
17.30 Quem Quer Ser Milionário?  
18.10 Quebra Cabeças  
18.45 Ajuste de Contas  
19.40 Regiões  
20.00 Telejornal  
20.55 Futebol: F.C.Porto/Sporting  
22.55 Quem Quer Ser Milionário?  
23.30 Jogo Falado  
01.00 24 Horas  
01.25 «Herança Fatal» (de Marc Bienstock, EUA/1997, com Linden Ashby, Suzy Amis, Stacy Haiduk. *Policia*)

**▼ RTP 2**

07.00 Hora Viva  
09.45 Espaço Infantil-Juvenil  
12.00 Euronews  
12.30 100.000 Porquê  
13.05 2010 (R)  
14.00 Universidade Aberta  
14.30 Portugal sem Fim  
15.00 Parlamento  
16.30 Informação Gestual  
17.45 Espaço Infantil  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Rotações  
19.30 Neste Século Aconteceu  
20.25 Viver no Campo  
20.50 Por Outro Lado  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 Os Sopranos  
24.00 Artes de Palco  
01.40 Andamentos

**▼ SIC**

08.00 Buêrére  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 História de Amor  
15.30 A Viagem  
16.40 Malhação  
19.00 O Cravo e a Rosa  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Popstar  
21.05 Malucos do Riso  
21.30 Ganância/Porto dos Milagres  
23.00 Noites Marcianas  
02.00 «Amor de Infância» (de Kevin Rodney Sullivan, EUA, com Jasmine Guy, Reed Diamond, Rosemary Dunsmore. *Romântico*)  
04.30 Portugal Radical

**▼ TVI**

08.30 Animação  
12.00 Big Brother II  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Big Brother II  
15.00 Tiro e Queda  
15.30 Batatoon  
19.15 Big Brother II Extra  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Super Pai  
22.00 Olhos de Água  
23.00 Big Brother  
24.00 Pretender  
01.00 Até que a Lei os Separe (Estreia)  
02.10 Última Edição  
03.00 Mercy Point

**Nota:**  
A Redação não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

**Terça, 20**

**▼ RTP 1**

07.00 Infantil/Juvenil  
08.40 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.30 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Emoções Fortes  
15.30 Marcas da Paixão  
16.30 Ramona  
17.35 Quem Quer Ser Milionário?  
18.10 Quebra Cabeças  
18.40 Ajuste de Contas  
19.40 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Quem Quer Ser Milionário?



«A Outra Face da Lua» Entrevista

21.35 «Terra Sangrenta» (de Roland Joffé, Reino Unido/1984, com Sam Waterston, Haing S. Ngor, Julian Sands. *Drama*)  
24.00 «Entrevista com o Assassino» (de Scott Reynolds, Nova Zelândia/1996, com Paolo Rotondo, Rebecca Hobbs, Jennifer Ward-Lealand. *Drama*)  
01.50 24 Horas  
02.20 «O Sul» (de Fernando Solanas, França/Argentina/1988, com Susu Pecoraro, Miguel Angel Sola, Philippe Leotard. *Ver Destaque*)

**▼ RTP 2**

07.00 Hora Viva  
09.45 Espaço Infantil-Juvenil  
13.00 O Lugar Da História  
14.00 Portugal sem Fim  
15.00 Artigo 37  
16.30 Informação Gestual  
17.45 Espaço Infantil  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Bombordo  
19.30 Neste Século Aconteceu  
20.10 Viver no Campo  
20.40 O Triunfo dos Porcos  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 Conversa Privada  
24.00 «Ninguém Falará de Nós Quando Morrermos» (de Agustín Díaz Yanes, Espanha/1995, com Victoria Abril, Federico Luppi, Pilar Bardem. *Drama*)  
01.50 Rotações

**▼ SIC**

08.00 Buêrére  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 História de Amor  
15.30 A Viagem  
16.40 Malhação  
17.40 Uga Uga  
19.00 O Cravo e a Rosa  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Popstar  
21.05 Malucos do Riso  
21.30 Ganância/Porto dos Milagres  
23.30 Noites Marcianas  
01.50 Noites Longas: «Viva o Amor»  
04.10 Portugal Radical

**▼ TVI**

08.30 Animação  
11.30 Big Brother II  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Big Brother II Extra  
14.30 Tiro e Queda  
15.30 Batatoon  
19.15 Big Brother II Extra  
21.00 Big Brother  
00.35 Ally McBeal  
01.35 Última Edição  
02.25 Que Loucura de Família (Estreia)  
02.55 SOF - Força Especial

**Quarta, 21**

**▼ RTP 1**

07.00 Infantil/Juvenil  
08.35 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.30 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Emoções Fortes  
15.30 Marcas da Paixão  
16.30 Ramona  
17.35 Quem Quer Ser Milionário?  
18.10 Quebra Cabeças  
18.30 Ajuste de Contas  
19.20 Ciclismo: G.P. Os Mosqueteiros  
19.40 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.05 Quem Quer Ser Milionário?  
21.35 «Hotel New Hampshire» (de Tony Richardson, EUA/1984, com Jodie Foster, Beau Bridges, Rob Lowe. *Comédia*)  
24.30 Turnos de Risco  
01.25 24 Horas  
01.55 «Caos na Família» (de Ted Kotcheff, EUA/1992, com Tom Selleck, Don Ameche, Anne Jackson. *Comédia*)

**▼ RTP 2**

07.00 Hora Viva  
09.45 Espaço Infantil-Juvenil  
12.00 Euronews  
12.30 Andamentos  
13.00 O triunfo dos Porcos  
14.00 Portugal sem Fim  
15.00 Travessa do Cotovelo  
16.00 Euronews  
16.30 Informação Gestual  
17.45 Espaço Infantil  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Onda Curta  
19.30 Neste Século Aconteceu  
20.10 Viver no Campo  
20.40 Livres e Iguais  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 Zapping



24.00 Sinais do Tempo  
01.00 Departamento de Homicídios

**▼ SIC**

08.00 Buêrére  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.10 História de Amor  
15.30 A Viagem  
16.40 Malhação  
17.40 Uga Uga  
18.30 Grande Jogo: Boavista/Marítimo  
20.30 Jornal da Noite  
21.30 Popstar  
21.35 Ganância/Porto dos Milagres  
23.30 Noites Marcianas  
01.50 «Dançarinos da Meia-Noite» Longa Metragem  
02.50 Portugal Radical

**TVI**

08.30 Animação  
11.30 Big Brother II  
13.00 TVI Jornal  
14.00 Big Brother II  
15.30 Batatoon  
19.15 Big Brother II  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Olhos de Água  
22.00 Big Brother II  
23.10 Tie Tac Milionário  
01.10 Última Edição  
02.00 «Uma Prova de Fogo» (de Masato Harada, EUA/1998, com Colin Ferguson, Leslie Hope, Peter Murnik, James Hyndman. *Drama*)  
04.00 Que Loucura de Família  
04.30 SOF - Força Especial

**TVisto**  
Correia da Fonseca  
**A culpa**

Como ainda há quem saiba, apesar de assuntos destes só muito raramente e a desoras serem falados na televisão, que é quem hoje comanda o que as gentes sabem, pensam e sentem, durante o fascismo as enfermeiras estavam proibidas de casar. Era mais uma violência do regime, embora não das maiores, pois em matéria de violências o regime tinha-as muitas e sortidas. É claro que estarem proibidas de casar não era exactamente o mesmo que não casarem: faziam-no clandestinamente e clandestinamente tinham os filhos que faziam passar por sobrinhos ou afilhados, por exemplo, perante a cristianíssima sociedade do doutor Salazar. Só que esse subterfúgio forçadamente hipócrita não agradava a todas as enfermeiras, e algumas delas aplicaram-se a lutar contra ela. A rubrica «Artigo 37», que no

uma das mais obstinadas e perigosas. Por isso Isaura cumpriu os seus mais de quatro anos de prisão. Eram os pides a prestarem uma involuntária homenagem aos comunistas, mas uma jovem enfermeira corajosa e digna a pagar o preço disso.

**A surpresa de uma jovem**

A mesma emissão do «Artigo 37» foi iniciada com a transmissão de um filme sobre o assunto realizado por Susana Sousa Dias. A Susana é uma jovem que ao pegar no tema não sabia o que iria encontrar, e que para conhecer documentação acerca da luta das enfermeiras contra a disposição imbecil foi consultar os arquivos da PIDE depositados na Torre do Tombo. Contou ela ter ficado arrasada de espanto com o que lá encontrou: já sabia, é certo, que a PIDE existira e para que servia, já tinha ouvido

falar dos métodos por ela usados, mas não imaginava que fosse «aquilo», que se tivesse ido tão longe. Porém, não arrasado, porque já tenho uma farta colheita de sinais amargos neste campo, mas apesar de tudo espantado fiquei eu, e terão ficado outros como eu, diante do espanto da Susana. Porque ela não é uma miúda ignorante, convencida de quem não é ignorante é marreta: é uma jovem com formação

universitária e com actividade na área da cultura. Contudo, pelos vistos julgava que a PIDE havia sido outra coisa, e decerto não tão tenebrosa, talvez mais democrática, quem sabe? Por isso ficou surpreendida e chocada. Não sei se vale sequer a pena usar a formalidade da interrogação retórica: de quem é a culpa destas coisas? A gente sabe: é da televisão. A gente até sabe melhor: é de quem a usa para a desviar da vocação fundamental que a é a sua e que está consignada em letra de lei e dos regulamentos complementares que não são cumpridos sem que ninguém se importe com isso de entre os que têm por dever importar-se. Nos dias em que a RTP, no meio dos intermináveis tempos de antena que dedica à exploração mórbida dos sentimentos provocados pela tragédia de Castelo de Paiva, celebrou o seu 44.º aniversário e ensaiou até tímidos e sumários balanços da sua actividade, vale a pena lembrar esta sua culpa. E, embora sem esperança, apelar para a sua possível reparação.

## A talhe de foice

• Henrique Custódio

### Se soubessem...

Segundo o próprio fisco, a situação tributária em Portugal é bastante original. No IRS, e em termos médios, os contribuintes assalariados pagam 210 contos/ano ao Estado, os profissionais liberais 174 contos/ano e os empresários... 7 contos/ano.

Ou seja: na frieza dos números, os trabalhadores por conta de outrem pagam 30 vezes mais IRS que a generalidade dos seus empregadores, o que parece indiciar um facto extraordinário: os empresários comerciais, industriais e agrícolas deste país sobrevivem com lucros 30 vezes inferiores ao mais modesto salário que pagam a qualquer dos seus empregados.

Quanto aos profissionais liberais, a situação também se configura bastante embaraçosa: apesar de mourejem nos seus consultórios, escritórios e gabinetes jornadas de muitas horas/dia à média de 10 contos por cada consulta de meia hora (para não falar de outro tipo de actividades que se realizam por indeterminados milhares de contos), quando chegam ao final do ano os seus proventos dedutíveis no IRS são pouco mais de metade dos que eles próprios pagaram à mulher da limpeza que lhes assegurou a higiene das instalações.

Num quadro destes, é estranho que os 45 210 profissionais liberais e os 144 024 empresários recenseados nas Finanças (o que não chega a 190 mil contribuintes) ainda não tenham reclamado que estão a ser explorados pelos quatro milhões e meio de assalariados (mais coisa menos coisa) que, tão ostensivamente, exibem uma capacidade tributária superior à dos próprios patrões — tão superior que, só eles, asseguram 90% destas receitas fiscais que entram nos cofres do Estado, enquanto os empresários, apesar de serem os grandes dinamizadores da economia e os detentores da generalidade dos meios de produção, mal conseguem contribuir com uns miseráveis 10%.

Não admira que o «tecido empresarial» procure ressarcir-se noutros impostos, como o IVA e o IRC, reivindicando constantemente a descida das respectivas taxas. E não é para menos. No caso do IVA, cerca de 90% das receitas são asseguradas por apenas 6,3% dos contribuintes abrangidos por este imposto, o que permite concluir que 90% destes mesmos contribuintes (que rondam um milhão e 400 mil) se encontram numa situação de indigência flagrante, enquanto no IRC só umas dezenas de empresas garantem metade desta receita fiscal, chegando-se à outra metade através de minúsculas contribuições penosamente declaradas pelas dezenas de milhares de empresas recenseadas no país e que, manifestamente, se encontram todas à beira da falência.

Acontece que tanto o IVA como o IRC são impostos antecipada e esmagadoramente pagos pelos 4 milhões e 400 mil assalariados na sua fatalidade de consumidores, entregando-os à guarda do «tecido empresarial» para posterior entrega ao Estado. Como os 190 mil fiéis depositários dessas verbas astronómicas chegam ao fim de cada ano fiscal declarando que não sabem onde é que pára grande parte dela, é inelutável a conclusão de que isto de se ser empresário em Portugal é muito mais difícil do que parece.

Salazar dizia que «se soubessem quanto custa mandar, queriam obedecer toda a vida». Um dia destes vamos ouvir os patrões a dizerem-nos com igual afecto: «se soubessem quanto custa ser empresário, queriam ser assalariados toda a vida».



Movimentos Europeus da Paz reúnem este fim-de-semana

## Encontro marcado em Lisboa

Os Movimentos Europeus do Conselho Mundial da Paz têm encontro marcado em Lisboa. Uma iniciativa que terá lugar este fim-de-semana, no Fórum Lisboa.

O Conselho Português para a Paz e Cooperação — CPPC, coordenador da Actividade dos Movimentos Europeus do Conselho Mundial da Paz, organiza este fim-de-semana um Encontro Europeu dos Movimentos da Paz, para que estão convidados todos os movimentos de paz.

O encontro irá decorrer no Fórum Lisboa e inclui três grandes temas, em debate este sábado.

Um primeiro — Nato, novo conceito estratégico, guerra da

Jugoslávia, alargamento da Nato —, que será introduzidos por Hugo Braun, presidente do Fórum da Paz da Alemanha, general Pazarat Correia, Carlos Santos Pereira, jornalista, e Jorge Cadima, professor.

O segundo tema — política comum de defesa europeia, Europa fortaleza versus Europa dos povos, espaço para a paz e cultura —, é introduzido por Dieter Dillinger, da presidência do CPPC, Ken Coats, presidente da Bertrand Russel

Peace Foundation, Inglaterra, João Amaral, deputado e Georges Spriet, secretário-geral da Vrede, Bélgica.

Corrida ao armamento nuclear, por uma Europa livre de armas nucleares — é o terceiro tema em debate, a ser apresentado por Domingos Lopes, vice-presidente do CPPC, Daniel Durand, secretário nacional do Movimento da Paz de França, Willy Mayor, deputado, Espanha, e Andreas Pecha, secretário nacional do Movimento da Paz Austríaco.

Domingo terá lugar uma reunião de coordenação dos Movimentos de Paz Europeus, em que serão discutidas as medidas que se considere

necessárias para melhorar a cooperação mútua, à escala europeia.

### Marcha da Rota

«Por uma Península Ibérica livre de bases militares estrangeiras e de armas nucleares» é o lema da «Marcha da Rota», uma manifestação dos movimentos da paz espanhol e português, até à base militar dos EUA em Puerto de Santa Maria, em Cádiz, Espanha.

A iniciativa realiza-se no próximo dia 1 de Abril e as inscrições, a fazer junto do CPPC, já estão abertas. A organização assegura os transportes de ida e volta a Puerto de Santa Maria em autocarros.

## Cordão humano hoje em Setúbal

Um cordão humano, sob o lema «Melhorar os salários — defender os direitos», realiza-se esta tarde em Setúbal, por iniciativa da União dos Sindicatos de Setúbal/CGTP-IN.

O cordão humano, constituído por dirigentes e activistas sindicais, sai do Largo Quebedo, pelas 14H30 e termina junto ao Governo Civil.

Com esta iniciativa, a União dos Sindicatos de Setúbal visa dar conhecimento à população e ao Governo Civil das reivindicações dos trabalhadores do distrito, em particular a valorização do trabalho como condição essencial para modernizar o país, a urgência de passar das promessas aos actos e o direito dos trabalhadores a viverem melhor, a melhores condições de trabalho e ao crescimento real dos salários.

Em Palmela estão também hoje em luta os trabalhadores da Visteon Portuguesa (ex-Ford Electrónica), que paralisam esta tarde para exigirem a satisfação de reivindicações de natureza económica, profissional e de protecção da saúde.

As reivindicações dos trabalhadores foram apresentadas à administração em Dezembro passado, sem que entretanto tenha sido apresentada qualquer contraproposta ou iniciado o processo negocial.

Em Lisboa, na Praça do Comércio, realiza-se esta tarde um Plenário Nacional de Trabalhadores da EMEF, que conta com a presença do secretário geral da CGTP, Manuel Carvalho da Silva.

Convocado pela Comissão de Trabalhadores da EMEF e pelo Sindicato Nacional dos

Trabalhadores do Sector Ferroviário, o Plenário irá testemunhar da disposição de luta dos trabalhadores, que exigem a garantia dos postos de trabalho e melhoria das condições de trabalho, o respeito das leis no que concerne à organização do tempo de trabalho, um regulamento de categorias profissionais mais

justo, uma nova política para o sector.

Entretanto, e como é referido em notícia na página 6, a CGTP-IN está a organizar uma Jornada Nacional de Luta para 24 de Março, contra a precariedade, por uma justa distribuição da riqueza, por um aumento significativo dos salários.

## A mulher e o desporto em audição na AR

O acesso e as condições de participação feminina nas actividades desportivas foram discutidas terça-feira na Assembleia da República, numa audição promovida pelo grupo parlamentar do PCP.

«Há dados que apontam para a diminuição do desporto federado feminino» e para a discriminação das mulheres nas direcções dos clubes desportivos, afirmou a deputada comunista Margarida Botelho, que sublinhou que as mulheres constituem menos de 10 por cento nas direcções dos clubes.

Outro exemplo de discriminação, referiu, é o facto de não haver mulheres no Comité Olímpico Português, quando o Comité Olímpico Internacional apontou para uma participação mínima de 10

por cento de mulheres. Na audição foram debatidas as possibilidades de serem criadas medidas para incentivar a participação das mulheres no desporto.

Na mesa estiveram Rita Magrinho, vereadora comunista na Câmara Municipal de Lisboa com o pelouro do Desporto, Odete Graça, da Associação «A Mulher e o Desporto», Sandra Mira, da Associação de Árbitros de Futebol, e Manuela Hasse, professora na Faculdade de Motricidade Humana.

## Carlos Carvalhas no Porto

Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, acompanhado de Rui Sá, vereador da CDU na Câmara Municipal do Porto, visitou esta terça-feira o Porto.

No quadro desta visita, teve um encontro com a comissária do Porto 2001 —

Capital Europeia da Cultura, Teresa Lago, visitando depois as obras da Casa da Música e o Museu de Serralves.

À noite, Carlos Carvalhas assistiu ao espectáculo da ópera infantil Brundibár, no Museu do Carro Eléctrico.

